



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Artes e Comunicação

Departamento de Letras

Jayne Ribeiro da Silva

**ANÁLISE CRÍTICA ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DOS
CURSOS LIVRES DE IDIOMAS FISK E WIZARD: a influência indireta e/ou direta do
mercado nos seus princípios pedagógicos em contraste com a Linguística Aplicada.**

RECIFE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

LETRAS ESPANHOL

JAYNE RIBEIRO DA SILVA

**ANÁLISE CRÍTICA ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DOS
CURSOS LIVRES DE IDIOMAS FISK E WIZARD: a influência indireta e/ou direta do
mercado nos seus princípios pedagógicos em contraste com a Linguística Aplicada.**

TCC apresentado ao Curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Espanhol.

Orientador(a): Shirley de Sousa Pereira
Coorientador(a):

RECIFE

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

da Silva, Jayne Ribeiro .

Análise crítica acerca do ensino de línguas estrangeiras dos cursos livres de idiomas Fisk e Wizard: a influência indireta e/ou direta do mercado nos seus princípios pedagógicos em contraste com a Linguística Aplicada. / Jayne Ribeiro da Silva. - Recife, 2022.

131 : il.

Orientador(a): Shirley de Sousa Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, , 2022.

1. Ensino de Línguas Estrangeiras. 2. Cursos Livres de Idiomas: Fisk e Wizard. . 3. Mercantilismo. . 4. Economia e educação. . 5. Análise crítica. . I. Pereira, Shirley de Sousa . (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

Jayne Ribeiro da Silva

Análise crítica acerca do ensino de línguas estrangeiras dentro dos cursos livres de idiomas brasileiros Fisk e Wizard: a influência indireta e/ou direta do mercado dentro de seus princípios pedagógicos em contraste com a Linguística Aplicada.

TCC apresentado ao Curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Espanhol.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Shirley de Sousa Pereira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Edleide Santos Menezes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^º. Dr. XXXXXXXXX XXXXXXXX (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu falecido pai:

“Y aquí andamos, parejita. Aquí andamos. Tu niña – ya no tan niña, con veinte y cuatro años – tan feliz como en el día que la trajiste aquí, pero que ahora no estarás para llevarla a la casa otra vez después del fin. Aún no puedes encontrarla, pero cuando eso suceda, en otro universo, en una otra vida tal vez, la recibirás en aquel autobús y ella te contará sus glorias y éxitos. Aunque no estés aquí, lo logramos juntos”.

AGRADECIMENTOS

Pela realização desse trabalho, aos meus pais **Sandra de Queiroz Silva** e **João Ribeiro da Silva**, por ser uma base importante na minha formação como pessoa e pelo esforço que fizeram para que eu pudesse chegar até aqui. Também agradeço profundamente a todos os meus professores, pois foram uma peça fundamental em minha formação antes e depois da graduação e que me guiaram até o meu caminho profissional. Em especial, gostaria de honrar uma figura importante que me serviu de inspiração: **Vicente Masip Viciano**, Professor Doutor da Universidade Federal de Pernambuco.

À minha orientadora, a **Professora Doutora Shirley de Sousa Pereira**, dedico os meus sinceros agradecimentos e honrarias pela paciência e por todo o suporte ao meu trabalho, por suas contribuições e por ser uma excelente mentora.

Também agradeço aos amigos que fiz durante o período da graduação, em especial **Ângelo Afonso de Araújo**, **Egne José da Silva**, **Aurelino José Lucena** e **Rafael Rodrigues de Miranda** por todo apoio emocional e motivacional durante nosso tempo juntos. Tal período foi, sem sombra de dúvidas, um diferencial positivo dentro de minha jornada.

Por último, agradeço também a minha (para sempre) professora e mentora **Suely Semírames Domingos Peixoto**, que me instruiu para o caminho da Licenciatura e me ajudou a descobrir o meu potencial para o ensino. Também agradeço a **Rosemary Queiroz**, excelente professora de espanhol, pelas oportunidades de poder ensinar em suas aulas e por todo o apoio durante o meu ensino médio.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo trazer uma análise crítica a respeito das dinâmicas pedagógicas predominantes no ensino de línguas estrangeiras dentro dos cursos livres de idiomas Fisk e Wizard, os cursos mais tradicionais do mercado brasileiro, tratando de expor a influência mercantilista presente nestas dinâmicas e também nos princípios pedagógicos de ambas as instituições e seu efeito indireto e/ou direto sobre a qualidade do ensino oferecido por elas. Com base nas propostas de alguns dos autores mais representativos da Linguística Aplicada como Krashen (apud CALLEGARI, 2006), Prabhu (1990; 2001), Kumaravadivelu (2004) e Freitas (2010) também se pretende refletir acerca do papel do professor, de sua atuação e seu nível de autonomia ou passividade dentro da sala de aula e sobre como isso pode influenciar na formação de seus alunos. Para tanto, faremos a análise de quatro livros didáticos: *Immediate conversation in English*, *Primeros Pasos*, *Wizard 1* e *7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês*. Os resultados da análise qualitativa destes manuais parecem confirmar que os ditames do mercado afetam o processo de ensino e aprendizagem discente, tanto de forma direta como indiretamente, com foco evidente na maneira direta.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Análise crítica; Ensino de Línguas Estrangeiras; Cursos livres; Dinâmicas pedagógicas.

RESUMEN

*El presente trabajo tiene por objetivo traer un análisis crítico acerca de las dinámicas pedagógicas predominantes en la enseñanza de lenguas extranjeras dentro de los cursos libres de idiomas Fisk y Wizard, los más tradicionales del mercado brasileño, tratando de exponer la influência mercantilista presente en estas dinámicas y también en los principios pedagógicos de ambas las instituciones y su efecto indirecto y/o directo en la calidad de la enseñanza ofrecida por ellas. Con base en las propuestas de algunos autores más representativos de la Lingüística Aplicada como Krashen (apud. CALLEGARI, 2006), Prabhu (1990; 2001), Kumaravadivelu (2004) e Freitas (2010) se pretende también reflexionar acerca del papel del profesor, de su actuación y su nivel de autonomía o pasividad dentro del aula y sobre cómo eso puede influir en la formación de sus estudiantes. Para tanto, se analizará quatro livros didáticos: **Immediate conversation in English - Breaking Free, Primeros pasos, Wizard 1 y 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês**. Se parece que los resultados del análisis cualitativo de estos manuales confirman que los dictados del mercado afectan el proceso de enseñanza y aprendizaje discente, tanto de forma directa como indirectamente, con enfoque evidente en la forma directa.*

Palabras-clave: Lingüística Aplicada; Análisis Crítico; Enseñanza de Lenguas Extranjeras; Cursos libres; Dinámicas pedagógicas.

Lista de ilustrações

| | |
|--|----|
| Figura 1 - <i>immediate conversation in English - breaking free</i> - Introdução | 43 |
| Figura 2 - <i>immediate conversation in english - breaking free</i> - Primeira parte do sumário | 45 |
| Figura 3 - <i>immediate conversation in english - breaking free</i> - Segunda parte do sumário | 46 |
| Figura 4 - <i>immediate conversation in english - breaking free - Lesson 1: Meeting people</i> | 47 |
| Figura 5 - <i>immediate conversation in english - breaking free - Lesson 1: Meeting people: talking about your new course.</i> | 48 |
| Figura 6 - <i>immediate conversation in english - breaking free - Lesson 1: Meeting people: writing their answers: talking about your activities</i> | 48 |
| Figura 7 - <i>immediate conversation in english - breaking free - Review Exercises-1: Written exercises (Questões A-C)</i> | 49 |
| Figura 8 - <i>immediate conversation in english - breaking free - Review Exercises 1: Written exercises (Questões D-F)</i> | 50 |
| Figura 9 - <i>immediate conversation in english - breaking free - Review Exercises 1: Listening exercises (Questões A e B)</i> | 51 |
| Figura 10 - <i>immediate conversation in english - breaking free - Review Exercises 1: Listening exercises (Questões C e D)</i> | 51 |
| Figura 11 - <i>Primeros pasos</i> - Introdução | 53 |
| Figura 12 - <i>Primeros Pasos: dica 1.</i> | 54 |
| Figura 13 - <i>Primeros pasos: dica 2</i> | 55 |
| Figura 14 - <i>Primeros pasos: dica 3</i> | 56 |
| Figura 15 - <i>Primeros pasos: dica 4</i> | 57 |

| | |
|---|----|
| Figura 16 - <i>Primeros pasos</i> : dica 5 | 58 |
| Figura 17 - <i>Primeros pasos</i> : dica 6 | 58 |
| Figura 18 - Wizard 1: <i>Lesson 1</i> | 59 |
| Figura 19 - Wizard 1: <i>Lesson 1</i> , exercício 1, parte um | 60 |
| Figura 20 - Wizard 1: <i>Lesson 1</i> , exercício 1, parte dois. | 62 |
| Figura 21 - Wizard 1: <i>Lesson</i> | 63 |
| Figura 22 - Wizard 1: <i>Lesson 6</i> . | 63 |
| Figura 23 - Wizard 1: <i>Lesson 8</i> | 64 |
| Figura 24 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Capa | 66 |
| Figura 25 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Sumário | 67 |
| Figura 26 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Passo um | |
| Figura 27 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Passo dois | 69 |
| Figura 28 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Passo três | 71 |
| Figura 29 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Passo quatro | 74 |
| Figura 30 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Passo cinco | 76 |
| Figura 31 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Passo seis | 77 |
| Figura 32 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês: Passo sete | 78 |

| | |
|--|----|
| Figura 33 - Wizard 2: Capa | 84 |
| Figura 34 - Fisk - <i>Español Inmediato</i> : Capa | 85 |
| Figura 35 - Blog da Fisk | 87 |
| Figura 36 - Blog da Wizard | 87 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 1.1 Metodologia | 17 |
| 2. DESENVOLVIMENTO | 19 |
| 2.1 A origem mercantilista dos cursos livres de idiomas: da cultura ao bem de consumo | 19 |
| 2.2 Os cursos livres de idiomas no território brasileiro: Fisk e Wizard | 25 |
| 2.2.1 Metodologias predominantes | 29 |
| 2.2.2 Dinâmicas pedagógicas/padrões de ensino | 37 |
| 2.2.3 Análise de materiais: livros didáticos e exercícios | 44 |
| 2.2.4 A interferência mercantilista nos cursos livres de idiomas: o <i>marketing</i> e a publicidade | 86 |
| 2.3 Os princípios pedagógicos dos cursos livres brasileiros frente à Linguística Aplicada | 96 |
| 2.3.1 Formação de professores | 97 |
| 2.3.2 O papel/atuação do professor dentro de sala de aula e seu nível de autonomia | 102 |
| 2.3.3 A interferência mercantilista no ambiente laboral e suas possíveis consequências | 105 |
| 2.3.4 O papel/atuação dos alunos dentro da sala | 110 |
| 3. DISCUSSÃO | 114 |
| 3.1 Como o mercantilismo presente nas dinâmicas pedagógicas pode interferir na aprendizagem dos alunos | 114 |
| 3.2 Resultados | 120 |

| | |
|--------------------------------------|------------|
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 125 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 130 |

1. Introdução

É fato inegável que em um mundo globalizado como o atual, onde a tecnologia permite a rápida difusão de informações, o intercâmbio cultural e linguístico entre diferentes países é praticamente inevitável. Esse fato se reflete na procura dos cidadãos – principalmente dos países oficialmente monolíngues como o Brasil – por aprender uma língua estrangeira, o que movimenta o campo da educação no oferecimento do ensino dessas línguas para o atendimento dessa demanda. Soma-se a isso o fato da existência de um mercantilismo dominante, urgente e amplo, fazendo com que mais pessoas sintam a necessidade de aprender uma LE, principalmente aquela que predomina nesse mercado. Essa procura elevada por parte das pessoas por aprender uma língua estrangeira levou à criação de políticas linguísticas em diversos países para que tal conhecimento pudesse ser ofertado e fosse acessível: escolas passam a trocar a LE ofertada em seu currículo, que costumava ser o Latim, para aquilo que se chama de Língua Estrangeira Moderna, ou seja, uma língua falada em um cenário mais atual e com algum propósito mercantilista e há o surgimento daquilo que conhecemos hoje como Cursos livres ou Escolas de Idiomas.

O surgimento dos Cursos Livres se dá em um contexto pós-guerra, onde o mercantilismo estava se expandindo de forma acalorada causando uma necessidade de se aprender a língua que dominava o mercado na época e pode ser encarado como uma tentativa deste de atender a essa demanda pela aprendizagem de uma LE. Como sendo fruto de um contexto mercantilista, as Escolas de Idiomas funcionam pelas mesmas regras que funciona o mercado, pelo menos no Brasil, pois oferecem um produto, buscam clientes e para alcançá-los, investem pesadamente na publicidade, em infraestrutura – muitas vezes tida como surreal pela maioria da população – e também em materiais didáticos. Vale ressaltar que os Cursos Livres funcionam pela lei de oferta e demanda, no âmbito da iniciativa privada e, em geral, se destinam a um público específico como a classe média.

Levando em consideração esses aspectos básicos que caracterizam os Cursos Livres, este projeto de pesquisa nasce do interesse em conhecer melhor o

funcionamento dessas instituições através de seus materiais publicitários e didáticos – uma característica interessante a ser ressaltada é que há um padrão na forma de atuação dentro da área pedagógica – e suas dinâmicas pedagógicas: metodologias predominantes e sua aplicação de um ponto de vista mais científico, utilizando a Linguística Aplicada como base e contraponto. Além do mais, a investigação também se atentará em saber qual o nível de influência do mercado nas dinâmicas pedagógicas dessas instituições e o quanto tal influência pode afetar a qualidade da aprendizagem dos alunos por meio da avaliação de suas Propostas Pedagógicas Curriculares (PPC) se estas a tiverem. Não menos importante, se pretende também analisar o papel do professor que atua nesse ambiente e seu nível de atividade e/ou passividade diante dos princípios pedagógicos dos cursos livres e em como isso pode interferir na formação de seus alunos, trazendo a discussão em forma de reflexão.

O trabalho tem por objetivo geral expor a influência e o nível de atuação do mercantilismo nas dinâmicas e princípios pedagógicos dos Cursos Livres de Idiomas que ofertam também o Espanhol como língua estrangeira no Brasil, os quais se refletem em seus materiais didáticos e investimentos pesados na área de *marketing* e publicidade, e em como podem interferir indireta e/ou indiretamente a qualidade da aprendizagem e conta com três objetivos específicos:

1. Analisar as dinâmicas pedagógicas dominantes no ensino de LE nos cursos livres sobre o ponto de vista da Linguística Aplicada;
2. Mostrar de que forma os alunos podem ser afetados em sua aprendizagem dentro dessas instituições nos aspectos oral, comunicativo e de articulação social;
3. Trazer uma reflexão sobre o papel do professor que atua nessas instituições como o seu nível de atividade e passividade dentro da sala de aula e sobre como isso influencia na formação de seus alunos na língua estrangeira ensinada.

Em nossa fundamentação teórica, utilizamos o trabalho desenvolvido pela Professora Doutora Luciana Freitas (2010), onde ela trata especificamente do E/LE a qual trata especificamente do ensino de língua espanhola dentro do contexto dos Cursos Livres no Brasil e também discute sobre as metodologias aplicadas neste sob um ponto de vista mercantilista, onde expõe o ensino de E/LE como um bem de

consumo e como os professores sofrem por conta de uma precarização de seu ambiente de trabalho: submissão total ao método adotado pela instituição, poucas garantias trabalhistas e salários baixos. A autora ainda se aprofunda mais no assunto e demonstra o caráter prescritivo desses métodos/metodologias sob o ponto de vista do Taylorismo. Algo pertinente a mencionar é o fato de que a autora também discorre sobre o papel e a atuação dos docentes nessas instituições, algo que coincide bastante com o tema aqui apresentado. Para o contraponto entre as propostas apresentadas pelas instituições analisadas, utilizaremos autores da Linguística Aplicada como Krashen (1985; apud. CALLEGARI, 2006), uma vez que as propostas pedagógicas por ele apresentadas demonstram claramente um dos campos práticos do Pós-Método. Richards (1995) entra na discussão sobre o que é o método juntamente com Prabhu (1989; 1990), o qual também, juntamente com Almeida Filho (1997) e Kumaravadivelu (1994) entra para a reflexão do papel do professor e dos alunos dentro do Pós-Método.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: na primeira seção, estarão a Introdução e a Metodologia, também intitulada de Procedimento de Análise de dados, onde será mostrado o percurso da pesquisa e da análise dos materiais escolhidos. Na segunda seção, o Desenvolvimento, o ponto principal do trabalho, será abordado de forma histórica a origem dos Cursos Livres de Idiomas escolhidos: Fisk e Wizard, as metodologias predominantes dessas instituições assim como suas dinâmicas pedagógicas e a análise dos materiais. Também serão abordados pontos importantes como: a interferência do mercado, que se reflete no campo do *marketing* e da publicidade, e também se analisará sob o ponto de vista da Linguística Aplicada os princípios pedagógicos das instituições em questão. Não menos importante, faremos uma breve discussão sobre a questão da formação dos professores, sua atuação dentro de sala de aula – e também sobre a interferência mercantilista em seu ambiente de trabalho -, e sobre o aluno dentro desse contexto. Na terceira seção, abordaremos a forma de como o mercantilismo presente nas dinâmicas pedagógicas dos cursos livres pode interferir no processo de aprendizagem dos estudantes. Basicamente, os tópicos dois e três tratam do objeto de nossa pesquisa. A penúltima seção corresponde aos resultados da investigação, onde serão apresentadas as nossas descobertas sobre como o mercantilismo age nas dinâmicas de trabalho das escolas Fisk e Wizard, principalmente, no que se refere à sua capacidade de moldar a estrutura desses lugares, além de expor alguns

prejuízos que os alunos possam vir a ter em sua formação dentro da língua estrangeira e também na área financeira. Por último, apresentaremos as nossas considerações finais, onde serão recapitulados os pontos mais importantes do trabalho como: a forma como: onde e como especificamente o mercado age nas dinâmicas pedagógicas da Fisk e da Wizard. Tais considerações serão de suma importância para uma reflexão acerca do papel e do trabalho do professor de curso livre e também acerca dos interesses mercantilistas de tais instituições.

Faz-se importante destacar o fato de que não há muitas pesquisas em relação ao tema proposto no trabalho, o que a torna ainda minuciosa e qualitativa. Espera-se que esse trabalho possa contribuir ainda mais para a pesquisa de outros professores e no campo das políticas linguísticas, no intuito de se fazer uma reflexão acerca da importância de uma boa estruturação do ensino de línguas estrangeiras no Brasil para uma formação mais eficaz e efetiva de cidadãos bilíngues no país.

1.1 Metodologia

Este trabalho de pesquisa tem caráter qualitativo e subjetivo, por se tratar de um tema pouco explorado academicamente. Inicialmente, faremos uma abordagem histórica acerca dos cursos livres de idiomas de uma forma geral: a causa e a forma do seu surgimento quando chegaram ao Brasil; quais são suas características mais notáveis, etc.. A fim de obtermos uma contextualização ampla sobre essas instituições, apresentaremos, brevemente, a história do surgimento das duas instituições escolhidas: a Fisk e a Wizard, apontando suas metodologias predominantes, no intuito de entender como funcionam do ponto de vista metodológico, pedagógico e discursivo (como essas instituições divulgam essas metodologias). Após essa contextualização mais histórica, versaremos sobre as dinâmicas pedagógicas de ambos os cursos em busca de elementos de padronização, que, em nossa perspectiva, representam bastante o funcionamento destas instituições.

A análise de materiais será feita em seguida. O material didático escolhido para a análise foram livros didáticos de Língua Inglesa e Espanhola, dois de cada curso. Um livro trata-se de um livro pedagógico tradicional, que apresenta as lições e os exercícios, e o outro trata-se de um manual para alunos. Os materiais estão divididos da seguinte maneira:

- Fisk: *Immediate conversation in english – Breaking Free; Primeros Pasos* - 6 dicas para melhorar sua expressão oral e compreensão auditiva em espanhol;
- Wizard: Wizard 1; 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês;

A Fisk alterna entre um livro de Inglês e outro Espanhol. Os livros da Wizard são de Inglês, uma vez que não tivemos acesso aos materiais de Língua Espanhola exclusivos da instituição. Os livros se dirigem aos alunos do nível A1 (usuário básico) dos cursos de Inglês e Espanhol. A análise é expositiva e comparativa entre a metodologia proposta pelo curso e os exercícios do livro. Utilizamos os critérios do Marco Comum Europeu, os quais propõem em quais quesitos os livros didáticos servem às necessidades dos alunos, para a análise e propomos o nosso próprio critério de avaliação: compatibilidade entre os exercícios dos livros com a proposta metodológica do curso.

Após a análise dos materiais, abordaremos outros assuntos pertinentes ao nosso objeto de pesquisa: a interferência do mercado, onde serão levantadas questões sobre o *marketing* e a publicidade; a análise comparativa entre os princípios pedagógicos e a Linguística Aplicada; Por último, se falará do papel do professor e do aluno dentro da sala de aula dos cursos livres e sobre a interferência mercantilista no ambiente laboral e as possíveis consequências disto. Em seguida, apresentamos a discussão, a qual procurará responder à seguinte pergunta investigativa: como o mercantilismo presente nas dinâmicas pedagógicas pode interferir na aprendizagem dos alunos?

Finalizaremos o trabalho com a exposição dos resultados da pesquisa, a qual tem o, e as considerações finais. Também temos o intuito de trazer reflexão sobre o tema estudado.

2. Desenvolvimento

2.1 A origem mercantilista dos Cursos livres de idiomas: da cultura ao bem de consumo.

Remontando desde os tempos antigos, a prática do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras percorre um longo caminho até a atualidade. De acordo com Germain, (apud CESTARO, 2022), os primeiros a adotá-la foram os acadianos durante sua gradativa conquista sobre os sumérios - um evento datado do ano 3000 a.C. ao ano de 2350 a.C. – cujo interesse em aprender a língua suméria se deu no intuito de obter conhecimento sobre os costumes e a cultura local, evento esse considerado como a primeira sistematização da aprendizagem de uma LE , pois os acadianos não mais aprendiam de forma natural através do contato direto com os povos estrangeiros e sim através da escrita, que acabaram adotando posteriormente. A partir de então, através dos séculos, outros povos foram aderindo a essa nova forma de aprendizagem. O maior e mais claro exemplo foram os romanos, os quais, no processo de expansão de seu império:

“[...] também procuravam aprender a língua falar a língua dos povos por eles conquistados. Assim, desde o 3º século antes da nossa era, os romanos aprendem o grego como segunda língua, sem dúvida, por causa do prestígio da civilização grega, já que a administração romana sempre ignorou as línguas bárbaras, tais como o celta, o germânico, etc...” (CESTARO, 2022)

Os primeiros manuais de aprendizagem de língua estrangeira surgiram somente a partir do século III d.C. e eram utilizados, em sua maioria, pelos falantes de latim que estavam aprendendo o grego. Estes manuais se tratavam, basicamente, de escritos bilíngues destinados à tradução e, em algumas poucas vezes, à conversação. Esse é um cenário interessante onde o ensino-aprendizagem de LE começa a entrar no ambiente escolar e acadêmico além do eclesiástico. O surgimento dos manuais permitiu uma standardização do estudo e do ensino de uma língua estrangeira, o qual se expandiu por toda a Europa.

No século XVIII, um modelo de ensino foi construído e apresentado. Neste, o objeto de estudo considerado eram os textos completos de uma língua e não apenas as frases ou as palavras isoladas como se fazia até então e os exercícios gramaticais passaram a ser o foco. Já se começava daí o ensaio para a consagração do primeiro método de ensino de uma língua estrangeira surgido: o

Método da Gramática-Tradução, também chamado de Método Tradicional ou Método Clássico.

Finalmente, em meados do século XIX, com a ascensão da Linguística – em especial a Linguística Aplicada – ao status de ciência, os estudos de ensino-aprendizagem tomaram um rumo mais bem-sucedido. Começaram as diversas discussões e apresentações das diferentes perspectivas acerca da língua e como um autêntico objeto de estudo e também sobre o fenômeno da linguagem, onde houve um interesse por parte dos linguistas em pensar e analisar de forma mais ampla em como as pessoas adquiriam a língua, qual a forma que a utilizavam nos diversos contextos de falas dentro da sociedade e, não menos importante, como se dava o processo de aprendizagem de uma segunda língua. Nesses estudos incluíam-se os estudos descritivos e comparativos das línguas. Nesse momento também se começou os estudos científicos para o desenvolvimento de um método científico de ensino de línguas estrangeiras.

Apoiado pela corrente do Estruturalismo, a enxergava a língua como um código autônomo e um conjunto de hábitos e que, somado aos estudos descritivos, considerava que o falar uma língua estava associado com o domínio das estruturas gramaticais em todos os seus aspectos, o Método Gramática-Tradução se consagrou como um método de ensino de uma LE¹. Foi o primeiro e o que dominou esse campo da linguística por cem anos, sendo o único método pelo qual se ensinava e aprendia línguas estrangeiras. No entanto, com o avanço dos estudos linguísticos, esse método começou a ser questionado e sua eficácia a ser posta à prova. Outros linguistas se puseram a estudar novas perspectivas e a elaborar outros métodos na busca pelo o que seria o Método Perfeito. Essa busca logo se tornou uma competição acalorada, a qual chegou ao ápice no século XX, especificamente no ambiente pós-guerra que permeava toda a Europa como um todo e muitas regiões do mundo, onde havia um inevitável intercâmbio linguístico entre povos de diferentes nacionalidades. A época também é permeada com um mercantilismo acelerado e vigente, o que gerava a necessidade de se aprender a

¹ Quando se fala de método de ensino nesse trabalho, nos referimos aos métodos científicos, os quais foram pensados, projetados e elaborados sob a perspectiva da Linguística de forma consciente e não guiados por um notório saber ou intuição.

língua que dominava o mercado, o que causou de fato um intenso movimento dentro das escolas, onde a LE ensinada era o latim, para suprir a crescente demanda de estudantes para aprendê-la. A Corrida Pelo Método Perfeito, então, resultou no surgimento dos métodos de ensino tradicionais que conhecemos hoje: **Gramática-Tradução, Direto, Áudio-lingual, Audiovisual e Comunicativo**.

Torna-se pertinente destacar que até meados do século XX, o ensino de línguas estrangeiras restringia-se ao espaço escolar e eclesiástico – este último mantendo o estudo do latim – e tinha por objetivo principal elevar o estado de cultura do aluno. Essa é a razão pela qual era destinado a uma classe social bastante elevada. No entanto, a partir da Segunda Guerra Mundial, como já antes mencionado, houve a ascensão de um mercantilismo vigente e acelerado, que permitiu – ou induziu – a expansão desse ensino por conta do aumento significativo da demanda pela aprendizagem da língua que dominava esse mercado e isso, por sua vez, introduziu o campo do ensino-aprendizagem de LE dentro de um contexto capitalista. Assim, de acordo com Freitas (2010) a língua estrangeira dentro das escolas passou a ser um bem de consumo, ou seja, um produto cujo objetivo é atender a uma necessidade de consumo dentro da sociedade. E isso não é tudo: esse ensino também passa a ser instrumentalizado, priorizando apenas determinadas habilidades linguísticas.

A partir desse determinado momento, constrói-se o cenário com o qual nos deparamos atualmente: o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira que antes tinha o intuito de ascender o nível cultural dos alunos, uma vez que estava restrito ao campo educacional e ao espaço escolar e eclesiástico, passa a ter o intuito de atrair clientes para a suas instituições com a iniciativa privada agora passando a interferir nessa oferta para atender a uma demanda causada pelo mercantilismo. Pode-se dizer que esse foi o início da interferência do setor privado dentro do educacional, ou seja, o nascimento dos chamados Cursos Livres de idiomas.

Os Cursos Livres de Idiomas são basicamente “instituições que se encontram à margem do sistema educativo regular, pois não estão no âmbito de controle dos organismos estatais da educação” (FREITAS, 2010, p.18). No Brasil, essas instituições encontram um terreno ainda mais fértil para atuarem, pois as instâncias

governamentais ainda permitem que haja um engajamento de sua parte dentro das escolas regulares, havendo um encontro entre a iniciativa estatal e o setor privado, dando, inclusive espaço para que os cursos livres fiquem responsáveis pela oferta e, em alguns casos, também pela revisão de materiais didáticos. Em nossa perspectiva o setor privado aproveita-se de um problema dentro das políticas linguísticas do sistema educativo brasileiro para instrumentalizar o ensino de línguas estrangeiras. Essas instituições possuem algumas características de atuação dentro do ensino-aprendizagem que são muito interessantes para poder compreender os seus objetivos, sobre os quais se discutirá mais adiante. Faz-se importante destacar que o tal cenário não se restringe ao Brasil, pois é de consenso geral que a Segunda Guerra Mundial e até mesmo o surgimento do Capitalismo em si contribuíram para a Corrida dos Métodos - onde se desenvolveram os métodos de ensino-aprendizagem de LE – e para o surgimento e a disseminação dos cursos livres praticamente no mundo inteiro, mas pode-se dizer que foi no território brasileiro que encontrou um maior respaldo para a sua atuação e continua até os dias atuais.

E a dinâmica do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil é semelhante ao que ocorre no mundo: línguas estrangeiras foram introduzidas no campo educacional como uma forma de elitização. E remonta desde os tempos do Brasil Colônia, onde os jesuítas se dedicavam ao ensino das escolas destinadas à formação dos filhos dos colonos quase que concomitantemente insistiam na catequese dos indígenas. Este último era feito de forma impositiva e o método vigente era o Método Clássico visto que os exercícios eram focados na repetição e nos exercícios gramaticais, leitura e também nas rezas, um traço do meio eclesiástico. Já na época do Império (1841-1881), uma época em que o país começa a passar por várias reformas na área da educação, o que inclui o ensino de línguas, o Colégio D. Pedro II através da reforma de 1841, encabeçada pelo Ministro Antônio Carlos, passa a contar com a presença também das línguas estrangeiras modernas – o inglês, o francês, o italiano e o alemão – permitindo a convivência delas com as línguas antigas já ensinadas na instituição: o latim e o grego.

“É importante mencionar que, até 1890, os alunos do Colégio Pedro II estudavam no ensino secundário obrigatoriamente três línguas estrangeiras modernas: inglês, francês e alemão. O italiano era oferecido como disciplina facultativa (ANDRADE, 2001) e, como se viu, talvez também tivessem aula

de espanhol. Isso quiçá causasse um desinteresse pelos cursos livres, tendo em vista que suas atividades redundavam com o ensino de línguas nos espaços escolares” (FREITAS, 2010, p.35).

No Brasil República, especificamente a partir da Segunda República (1930-1945) entre idas e vindas das reformas dentro do ensino de LE, com as línguas modernas passando de principais a secundárias e ainda dividindo espaço com o latim, é que o Brasil passa pela tentativa um tanto revolucionária da implantação de um novo método de ensino. Pode-se dizer que o reflexo da Corrida pelo Método Perfeito começa a atingir o território brasileiro. Em 1941, no ápice da Segunda Guerra Mundial, também através do Colégio D. Pedro Segundo, o Método Direto², também chamado de Método Oral, chega ao Brasil. O primeiro professor a aplica-lo dentro de sala foi Antônio Carneiro Leão, professor de francês da instituição.

De início, o método foi recebido com bastante animosidade. Era algo praticamente novo, um meio alternativo de ensino de LE – cujo ensino fora sido dominado pelo Método Clássico durante cem anos – e tomou uma rápida proporção no país. No entanto, a novidade não vigorou durante muito tempo, pois as escolas brasileiras uma hora ou outra sempre acabavam voltando para o método tradicional. Em nosso entendimento, essa foi uma brecha não somente para a chegada dos chamados Cursos Livres ao país, através dos chamados Centros Culturais, mas também para o aumento do interesse pela sua procura. Faz-se importante destacar que até esse exato momento, não se tem registro da presença desse tipo de oferta no país antes, ainda que estivesse eclodindo mundo afora.

Curiosamente, os primeiros Centros Culturais a chegarem ao Brasil foram os centros de língua espanhola nas décadas de 1950 e 1960. O primeiro a chegar foi o Instituto de Cultura Hispánica (ICH), o qual fora fundado em Madri no ano de 1946. O segundo foi o Instituto Cultural Brasil-Argentina (IBCA) em 1967. O ICH tinha, de um modo geral, o intuito de estabelecer uma relação cultural mais estreita entre ambos os países para a divulgação da Língua Espanhola, seguindo uma política externa franquista, a qual desejava incorporar o Brasil à chamada “causa da

² Foi o primeiro método científico de ensino de uma LE depois do Método Gramática-Tradução. Surgiu na Europa nos anos 1940, ápice da Segunda Guerra Mundial, na França e na Alemanha.

hispanidade”³. Já o IBCA tinha o objetivo de associar o ensino de E/LE⁴ com questões culturais, literárias e geográficas do território argentino. Basicamente, de acordo com Santos (2008, apud. Freitas 2010, p.38-39):

A criação dessas instituições “demarcou um novo movimento de aproximação entre os dois países e, por sua vez, uma nova fase na história de suas relações”. Cabe destacar o papel então desempenhado por Ramón J. Cárcano. Historiador e advogado, foi embaixador argentino no Rio de Janeiro entre 1933 e 1937 e fomentava esse estreitamento nas relações entre os dois países no plano cultural. Durante sua permanência no Brasil, Cárcano estimulou a assinatura de acordos e convênios culturais entre os presidentes Augustín Justo e Getúlio Vargas, que foram ratificados nas duas décadas seguintes. O aspecto cultural tornou-se parte das propostas de ambos os países e era considerado um elemento fundamental na concretização de objetivos de âmbitos políticos e econômicos.

Cabe, então, ressaltar que as primeiras tentativas – e acertos – da instituição de cursos livres de idiomas no Brasil não partiram de uma atividade econômica a princípio, tendo adotado esse intuito mais tardiamente, após a Segunda Guerra Mundial. E é imprescindível mencionar o sucesso que obteve com o público – que se restringia majoritariamente a um público feminino cujo objetivo era o estudo da língua para viagens internacionais –, alcançando outros perfis: estudantes e profissionais. Já no final da década de 1980, surgiram as diversificações dos Institutos Culturais, os chamados Centros Culturais Brasil-Espanha (CCBE), que eram oferecidos pelas próprias escolas a fim de promover um ensino de LE além do que já era ofertado na grade curricular dos alunos. Eram cursos abertos ao público em geral.

Por fim, chega-se a década de 1990, onde “ocorreu o fim da hegemonia dos Centros Culturais – instituições adscritas a organismos oficiais de algum país hispanófono - no ensino livre de língua espanhola” (FREITAS, 2010, p.47), o que foi o pontapé inicial para que os cursos livres de idiomas no território brasileiro comesçassem a adotar características nitidamente mercantilistas, ou seja, o ensino-

³ (AYLLÓN, 2004).

⁴ Espanhol como língua estrangeira.

aprendizagem de línguas estrangeiras passa agora a tornar-se, de fato, um bem de consumo, como já vinha acontecendo ao redor do mundo.

No tópico seguinte, discorreremos mais sobre os Cursos Livres de iniciativa privada que se consolidaram no Brasil e quais são as suas principais características, tais como seu padrão de atuação no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, principalmente a Língua Espanhola.

2.2 Os cursos livres de iniciativa privada brasileiros: Fisk e Wizard.

Como já antes mencionado, os cursos livres chegaram ao Brasil – os primeiros foram de língua espanhola em uma iniciativa do governo espanhol – na forma de instituições que formavam parte da embaixada de um país estrangeiro, os chamados Centros Culturais, que tinham o objetivo de ensinar uma LE juntamente com aulas de cultura, geografia e literatura relacionada ao território onde a língua era falada, por volta dos anos 1950, no cenário Pós-Guerra. A princípio, não havia um objetivo completamente mercantilista ainda que se dirigisse a um público seletivo da alta sociedade, e sim um objetivo mais linguístico-político.

Antes de adentrar de uma forma mais profunda no cenário pós-guerra, é pertinente mencionar que o início da Segunda Guerra Mundial coincide com o início do evento que chamamos Corrida pelo Método Perfeito – também chamada Corrida dos Métodos –, ou seja, onde grandes nomes da Linguística Aplicada começam a competir entre si com estudos para o desenvolvimento de um método de ensino de línguas estrangeiras que fosse considerado o método ideal, o qual serviria para ensinar qualquer pessoa ou grupo de pessoas independentemente de lugar, contexto sociolinguístico ou condição financeira. Ainda é mais importante que ainda estava vigente o uso do Método da Gramática-Tradução para esse fim. A Corrida dos Métodos iniciou-se nesse cenário caótico onde as grandes potências mundiais disputavam belicamente o seu poder, causando destruição e grandes catástrofes mundo afora⁵, em lugares onde também emergia o capitalismo.

⁵ Sendo as maiores os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, a ascensão de Hitler e do Nazismo e a ascensão de Mussolini.

O mercantilismo e a globalização foram consequência da guerra, uma vez que as grandes potências mundiais europeias – Inglaterra, França e Alemanha – estavam em crise e precisavam negociar com os outros países, incluindo as potências mundiais na época: Estados Unidos e a União Soviética. A partir daí, já era praticamente inevitável o intercâmbio linguístico, cultural e principalmente econômico entre os países. E havia um grande interesse em aprender a língua daqueles que dominavam esse mercado.

No ano de 1940, como já antes mencionado, surge na Europa o Método Direto ou Método Oral, o segundo método científico que se mostra como alternativa para o Método Clássico, que dominava o ensino de LE há aproximadamente cem anos. Ainda no mesmo ano, foi implementado nos Estados Unidos através de Lambert Sauveur (1826 -1907) e Maximilian D. Berlitz (1852-1921), os quais desenvolveram seus próprios modelos de aplicação⁶. Estes autores também foram os responsáveis pela criação das primeiras escolas para a implementação do novo método e foi através de Berlitz que “a proposta alcançou várias línguas, inclusive o espanhol” (FREITAS, 2010, p.35). Essas foram as primeiras escolas de cursos livres de iniciativa privada mais parecidas com as instituições atuais.

No Brasil, esse modelo começou a entrar a partir do ano de 1952 – enquanto os Centros Culturais, empreendimento das potências hispânicas da época, estavam em vigência – de uma forma tímida por uma iniciativa de Richard Fisk, irmão de um membro do Consulado Americano de São Paulo, que começou a lecionar inglês após decidir ficar no país após uma visita. Fisk começou sua carreira no ensino através da TV Tupi, considerada a primeira emissora de televisão da América Latina, e também da TV Rio e decidiu criar o próprio método⁷ de ensino, abrindo a própria escola, localizada no bairro da Bela Vista em São Paulo no referido ano. Foi nesse ano que o professor adotou o apelido de Mr. Fisk, como é conhecido até os dias atuais.

⁶ Sendo Sauveur o criador do Método e Berlitz o seu sistematizador e ampliador.

⁷ A perspectiva sobre a nomenclatura método refere-se a um procedimento não-científico guiado pelo notório saber ou intuição.

Faz-se importante mencionar que o desenvolvimento de um curso livre nesse modelo essencialmente capitalista ocorre no território brasileiro de forma paralela aos Centros Culturais – que também são de iniciativa privada, mas que são mais voltados aos aspectos culturais da língua e não apenas ao consumo desta – e de uma forma ainda mais independente, tendo em vista que surgiu da decisão da criação de um método próprio de ensino-aprendizagem de uma LE de um indivíduo. E aqui há algo interessante: não há nenhuma relação com uma política linguística ou cultural e sim mercantilista.

Na década de 1960, a escola Fisk – levando o nome de seu criador – tornou-se bastante popular entre os estudantes do I/LE⁸, fazendo com que se torne oficialmente um sistema de franquias, que é uma clara manifestação da comercialização de uma língua. Ao que parece, havia um grande interesse pelo chamado Método Fisk.

“Durante os anos 70, Mr. Fisk já possuía mais de 15 escolas que foram administradas por ele e por sua ex-esposa, Zélia de Toledo Piza. Enquanto Zélia encarregava-se da área administrativa, Mr. Fisk se responsabilizou pelas **áreas comercial e pedagógica**, buscando pontos para a instalação de novas unidades, supervisionando todas as operações e, também, fazendo programas de TV” (FISK, 2022, p.1, Grifo nosso.)

Por outro lado, cabe destacar que a busca intensa pela publicidade e pelo comércio se sobressai como uma das características que mais definem, do nosso ponto de vista, o funcionamento dos cursos livres de idiomas de iniciativa privada. A publicidade, como se verá mais adiante, costuma ser um dos maiores investimentos dessas instituições e isso se reflete também no *design* de seus materiais didáticos.

Da década de 1980 em diante, a Fisk – agora como uma rede de franquias – passa a expandir os seus comércios e consegue um investimento bastante revolucionário, economicamente falando: abrir franquias internacionais. A primeira franquia fora do território brasileiro foi a Escuela Fisk, na capital Argentina Buenos Aires, demonstrando o grande interesse de outros países da América Latina pelo método pregado pela instituição. Não obstante ao seu sucesso,

⁸ Inglês como língua estrangeira.

“a partir dos anos 90, a Fisk se fez mais presente nos veículos de comunicação, principalmente na mídia televisiva **por meio de patrocínios esportivos**. Também nesse período foi instituída a Fundação Richard Hugh Fisk, garantindo, dessa forma, o futuro dos franqueados e dos funcionários e a **continuidade da marca**” (FISK, 2022, p.1).

Além da Fisk, outra instituição de ensino de cursos livres de língua estrangeira foi fundada no Brasil: Wizard. Esta, contudo, pode ser entendida como uma manifestação pura da comercialização de uma língua, uma vez que a iniciativa de sua fundação não partiu de um professor e nem surgiu do desejo de aplicação de outro método, mas sim de uma iniciativa puramente empresarial. Foi criada no ano de 1987, pelo empresário Carlos Wizard Martins em Campinas, São Paulo. Tal como a instituição anterior, nasceu de uma pequena escola, a qual acabou tomando grandes proporções até atingir a grandeza que possui atualmente como uma grande rede franqueada de escolas de idiomas, considerada uma das maiores do mundo.

Pouco se sabe sobre a trajetória da instituição Wizard desde a sua fundação, no entanto, a partir de dados atuais, sabe-se que desde o ano de 2014, Carlos Wizard Martins deixou de ser o proprietário da franquia, vendendo-a para a *Pearson Education*⁹, uma rede britânica enorme de escolas de idiomas, que possui um alcance mundial e conta com um grande poder mercadológico, sendo dona de múltiplas marcas de mídia educacional, as quais atuam em setenta países atualmente. A Wizard também é considerada a líder do mercado de idiomas nacional e “já ultrapassou a marca de 1200 escolas e não para de crescer. [...] Possui unidades nos Estados Unidos, Japão, México, Irlanda, Colômbia, Guatemala, Paraguai, Costa Rica, China e Panamá” (WIZARD, 2022, p.1).

Além da Fisk e da Wizard foi criado também o Centro de Cultura Anglo Americano (CCAA), fundado por Waldyr Lima, no ano de 1961 no Rio de Janeiro, especificamente no bairro do Méier. O percurso dessa instituição é interessante e bem grande, no entanto, não nos aprofundaremos, pois não a utilizaremos na análise. No entanto, ela traz a mesma premissa das outras duas: vem de uma iniciativa de empreendimento e, para alcançar seu objetivo, vende o seu método

⁹ Uma instituição de curso livre de línguas estrangeiras fundada em Londres. De acordo com a empresa, a fundação ocorreu no ano de 1844.

inovador de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. O CAA é também uma das grandes franquias de escolas de idiomas com muitas unidades espalhadas pelo país e no estrangeiro, mas também não estará presente neste trabalho.

Uma característica pertinente de se mencionar é a maneira como essas instituições definem a si mesmas. Nomes como empresa, franquia, rede de escolas, entre outros são bastante comuns. Essa é, em nossa perspectiva, uma das amostras de como o mercado interfere não apenas no modo de atuação e sim na própria construção destas escolas. Tudo, basicamente, funciona para atender a uma demanda e, para que isso seja feito, toda a cadeia estrutural movimenta-se em prol de tal objetivo: coordenadores, professores e, não menos importante, toda a rede pedagógica. Isso quer dizer que todos trabalham dentro de um modelo de comercialização de uma LE, ou seja, de uma lógica mercantilista. E isso se mostra principalmente em como os cursos livres investem pesadamente nas campanhas publicitárias para venderem os seus métodos, as suas metodologias, abordagens, etc.

Como já antes mencionado, os anos 1990 foram marcados pelo fim da hegemonia dos chamados Centros Culturais e isso deu uma total margem para a ascensão dos cursos livres de iniciativa privada com características claramente mercantilistas e empresariais. Acreditamos que exista um padrão nas características dessas instituições causado pelo mercantilismo, o qual interfere também nas dinâmicas pedagógicas delas e que pode afetar a qualidade da aprendizagem dos alunos naquilo que alegam incentivar: a oralidade e a comunicação na língua estrangeira. Esse mercantilismo – e todas as regras que o conduzem – se refletem em seus materiais didáticos e em seus meios de atuação e também em suas metodologias. Passaremos a nos aprofundar no assunto a partir do seguinte tópico.

2.2.1 Metodologias predominantes

Os cursos livres de idiomas brasileiros, de fato, possuem características peculiares em sua forma de atuação. Uma dessas características que nos chama a atenção é o anúncio – de forma midiática sempre – para o seu método ou a sua

metodologia de ensino da LE oferecida ali. Esse ponto costuma ser bastante curioso, pois, como foi visto no tópico anterior, essas instituições não foram fundadas – salvo a Fisk – por professores formados ou por uma coordenação pedagógica ou algo do tipo, mas sim por indivíduos que, levados pelo espírito empreendedor, resolveram investir na área. Muitos deles não têm noção do que seja um método científico de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. No entanto, como a empresa precisa vender os seus serviços e alcançar o maior número de clientes possível, o ensino precisa ser respaldado e não há uma forma mais eficaz de fazê-lo sem anunciar um “método”.

Antes de um aprofundamento no tema, faz-se necessário analisar como o conceito de método é utilizado pelas instituições de cursos livres de idiomas e comparar com o que seria, de fato, o método científico. A primeira coisa que se deve entender é o conceito do Método. Basicamente, o método pode ser descrito como um procedimento de caráter prescritivo que apresenta:

“[...] aos professores um arranjo predeterminado, empacotado, que incorpora uma visão estática de ensino. Nessa visão, papéis específicos do professor, do aluno e das atividades de ensino/aprendizagem são impostos a professores e alunos” (RICHARDS, 1995, p. 37).

Isso quer dizer que o método é o procedimento a ser feito dentro do ensino de uma determinada LE e que os professores são aqueles que executam as atividades propostas por este. Isso é importante porque aqui há claramente uma distinção entre aqueles que constroem os métodos, ou seja, os procedimentos, e quem os aplicam, o que se subentende que entre estes não há trocas de ideias ou questionamentos. Ainda podemos complementar com a visão de Anthony (1963) que o considera como um procedimento¹⁰ hierárquico “de forma que o elemento superior conduz à elaboração e ao planejamento seguinte” (VILAÇA, 2008, p. 76). De uma forma popular, pode-se dizer que o método no campo do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, trata-se de uma “receita de bolo”. É tudo prescritivo, com um caráter

¹⁰ “um plano global para uma apresentação ordenada do material de língua, nenhuma parte se contradiz e todas as partes são fundamentadas em uma abordagem determinada” (ANTHONY apud Bissasco, 2015, p.212).

hierárquico e também fechado, sem espaços para improvisos. Cabe ao professor, que aqui é apenas o aplicador, passá-lo ao seu alunado sem questionar ou fugir de tal modelo. O termo metodologia aqui se utilizará para descrever a forma de aplicação dos diferentes métodos desenvolvidos no processo de aprendizagem.

Analisando sob o ponto de vista científico acerca dos métodos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, respaldando-nos sob o ponto de vista de nomes da Linguística Aplicada como o próprio Anthony (1963) e Richards (1995), podemos dizer que o que ocorre nos Cursos Livres de Idiomas não é a criação de métodos e sim de metodologias e modelos de aprendizagem¹¹. E ainda assim apontamos o fato de que tais metodologias contêm um caráter mais intuitivo do que científico.

As metodologias utilizadas pelas instituições privadas de ensino de línguas estrangeiras, os cursos livres, escolhidas para a pesquisa – Fisk e Wizard - ainda que o caráter intuitivo se imponha ao científico remetem, a dois métodos de ensino-aprendizagem: o Método Clássico (Gramática-Tradução) e ao Método Áudio-lingual. Estas são predominantes em ambos os cursos e são utilizados de forma adaptada. Essa adaptação ocorre de modo sutil, tornando-se também a base da estrutura pedagógica da escola. Em suma, não se trata de um novo método e sim de metodologias que adaptam aqueles métodos já existentes – de uma forma consciente ou não – somado a um modelo de ensino.

O Método Clássico, como já mencionado, o primeiro método científico de ensino de línguas e o mais antigo do mundo, iniciado, de fato a partir do século XVIII, época em que ainda considerado um modelo de aprendizagem, consiste basicamente no ensino de uma LE a partir de suas partes escritas e do domínio de suas regras gramaticais, morfológicas e sintáticas. O livro de gramática¹² e o dicionário são materiais essenciais dentro das aulas. Esse método era utilizado principalmente no ensino de línguas antigas como o latim e o grego, tornando-se,

¹¹ Antes do desenvolvimento dos métodos científicos, o ensino-aprendizagem era dado em forma de manuais e modelos de aprendizagem. O primeiro remetia ao conteúdo que deveria ser ensinado e o segundo à forma didática como estes deveriam ser passados.

¹² Gramática Normativa, uma vez que se trata de um estudo da língua a partir de seu código.

posteriormente, a base do ensino das demais línguas estrangeiras. Cestaro (2022) menciona que:

“A aprendizagem de línguas estrangeiras era vista como uma atividade intelectual, onde o aprendiz deveria aprender e memorizar as regras e os exemplos com o propósito de dominar a morfologia e a sintaxe (ibid). Os alunos recebiam e elaboravam listas exaustivas de vocabulário. As atividades propostas tratavam de exercícios de aplicação de regras gramaticais, ditados, tradução e versão”.

Isso também inclui a aprendizagem da língua estrangeira a partir da língua materna, uma vez que os alunos não tinham contato com amostras da língua falada e não podiam fazê-lo - caso tivessem a oportunidade - sem o domínio da gramática. Além do mais, esse método não requer um domínio oral e muito menos comunicativo de qualquer língua estrangeira por parte do professor e sim – enfatizamos mais uma vez – o seu domínio sobre as regras gramaticais com todas as suas exceções e sua devida aplicação dentro da sala de aula. E, não menos importante, faz-se pertinente considerar que o Método Clássico não tem, de fato, o objetivo de formar falantes de uma LE e sim fazer com que os alunos tenham acesso a sua cultura e tradição literária.

O Método Áudio-Lingual, também conhecido como o Método do Exército, teve início no século XX, no ano de 1943 – o ápice da Segunda Guerra Mundial – nos Estados Unidos. Seu surgimento se deu “devido a uma urgência de ensinar línguas estrangeiras aos soldados americanos em pouco tempo” (PAIVA, 2005, p.1) para que estes pudessem se comunicar em território estrangeiro durante suas missões externas. Essa necessidade levou ao desenvolvimento do programa *Army Specialized Training*¹³, o qual contou com o apoio de cinquenta universidades ao redor do mundo. Ao contrário de seu antecessor, o Método Direto, o Áudio-Lingual não surgiu como forma de questionamento ou oposição e sim como forma de complemento – pode-se dizer até uma forma de aperfeiçoamento – deste, que ainda não contava com uma base metodológica firme e bem definida.

¹³ “Treinamento especializado do exército” (Tradução nossa).

Esse método tinha como base teórica o Behaviorismo¹⁴, que pregava que a aprendizagem era um comportamento observável e que, portanto, era passível de condicionamento através do estímulo-resposta, o que fazia com que a língua não fosse mais vista e entendida como um conjunto de regras que deveriam ser memorizadas – como defendia o Método Clássico – e sim como um conjunto de hábitos que precisavam ser automatizados com o passar do tempo e que, por isso:

“Havia uma grande preocupação para que os estudantes não cometessem erros. Para tanto, se ensinava através da apresentação gradual de estruturas, por meio de exercícios estruturais. Assim, a gramática aos alunos, não por regras, mas através de uma série de exemplos e modelos; E os paradigmas e o vocabulário eram apresentados, não através de listas, mas em frases completas” (CESTARO, 2022).

Basicamente, é possível observar que as ideias de comunicação propostas pelo método antecessor, o Método Direto, foram apresentadas de forma mais concreta e com algumas condescendências, a saber: a permissão da utilização da língua materna em sala de aula, ainda que seja o mínimo possível, e a utilização da tradução, que servia de contraste com a própria LM¹⁵. No Direto, a tradução e a utilização da língua materna eram estritamente proibidas. Aqui, a repetição – a marca do Behaviorismo – era a base da aprendizagem e, por isso, deveria ser praticada à exaustão. As amostras da LE, que eram apresentadas através dos diversos materiais de áudio que as escolas que adotavam esse método, tinham grande importância no ensino, pois fazia parte do condicionamento do aluno.

Em uma comparação com o Método Fisk, apresentado de forma midiática através do site da própria instituição, é possível algumas semelhanças que pressupõem que o tal “método” se trate de uma metodologia que remete a uma adaptação do Método Clássico e do Método Áudio-Lingual. Vejamos:

“O aspecto fundamental do método é desenvolver, desde a primeira aula, as quatro habilidades comunicativas – **conversação, leitura, escrita e compreensão auditiva** – associadas a um conhecimento do sistema

¹⁴ Corrente da Psicologia surgida no século XIX, que tem o comportamento como algo observável e passível de condicionamento. Foi proposto inicialmente por Ivan P. Pavlov (1849-1936) e ampliado por John Watson (1878 -1958) e B. F Skinner(1904-1990).

¹⁵ Língua Materna.

gramatical para que o aluno seja capaz de utilizar o idioma corretamente. Nos estágios iniciais, as aulas enfatizam o ensino e a prática de estruturas gramaticais através de exercícios de conversação direcionada, com a aplicação de algumas atividades de comunicação livre”. (FISK, 2022, p.1. Grifo do autor).

Algo pertinente a se enfatizar é o trecho que diz: **“O aspecto fundamental do método é desenvolver, desde a primeira aula, as quatro habilidades comunicativas”**, pois aqui é mostrado claramente o objetivo do curso. E como se pretende chegar a ele? Através do ensino e da prática das estruturas gramaticais nos estágios iniciais, ou seja, iniciando o aluno à língua através da gramática, o que é uma característica do Método Clássico. E isso se nos torna um tanto curioso pelo fato de estarem utilizando um método científico de ensino de línguas estrangeiras que não tem o objetivo de formar comunicadores nestas. E o ponto importante: a associação de um conhecimento de língua diretamente com sua gramática¹⁶. E não é apenas isso, em nossa perspectiva, utilizando o próprio texto da instituição, observamos que os “exercícios de conversação direcionada” são uma manifestação do Método Áudio-lingual, que também compartilha o espaço no ensino da gramática.

“Nos estágios iniciais, as aulas enfatizam o ensino e a prática de estruturas gramaticais através de exercícios de conversação direcionada, com a aplicação de algumas atividades de comunicação livre. **À medida em que o aluno aprende mais, ele passa a ser envolvido em mais atividades comunicativas, reforçando os tópicos estudados e ampliando a sua capacidade de comunicação oral e escrita**” (FISK, 2022, p.1. Grifo nosso).

Já no trecho acima, podemos observar um traço importante do Behaviorismo: a aprendizagem escalonada, separada. Isso quer dizer que para ser envolvido em mais atividades comunicativas, o aluno precisa aprender algo antes e, caso não aprenda, não poderá participar de tais atividades. Essas atividades, como o próprio texto já diz, são direcionadas. Dentro desse contexto, não é possível o professor atuando como um mediador e orientador da conversação – como há de ser dentro de um contexto comunicacional – e sim como um mero repassador de conteúdos e como um condicionador. Na teoria Behaviorista, um condicionador é aquele

¹⁶ Lembrando que nesse contexto a gramática mencionada não se trata de uma gramática funcional e sim normativa.

responsável por treinar determinado indivíduo em busca de um comportamento esperado e que, para alcançar seu objetivo, aplica os estímulos necessários. Estes podem ser bons ou não. Assim, comportamentos como a correção compulsiva de erros – que não explica e não analisa a situação em busca do que está levando o indivíduo a cometê-lo – e a repetição exaustiva de conteúdos que visam à aprendizagem são muito comuns. Ou seja, no contexto de uma aula de língua estrangeira, o aluno está ali não para desenvolver uma aprendizagem através do estímulo de sua autonomia e de sua capacidade de articular-se socialmente na língua-alvo e sim para ser treinado e repetir o que aprendeu do professor: estruturas gramaticais extensas e exaustivas e a pronúncia isolada da língua.

Quanto ao Método Áudio-Lingual, podemos mencionar pertinentemente que este enfrentou diversas críticas por seu teor behaviorista e também por alguns problemas do resultado de sua aplicação como:

- Os soldados americanos aprendiam rapidamente a língua estrangeira na pronúncia, no entanto, não conseguiam se comunicar com clareza e tinham muita dificuldade nos contextos fora de seu treinamento;

- As variedades linguísticas não eram consideradas dentro da aula, o que pressupunha uma standardização da língua, o que prejudicava os estudantes na hora da articulação social;

- Os soldados aprendiam apenas a pronunciarem, na maioria das vezes, apenas algumas palavras ou frases soltas em um intuito mais funcional, mas não conseguiam, de fato, se comunicar com os estrangeiros da comunidade onde atuavam;

- Os soldados não eram capazes de entender figuras de linguagem e nem conceitos abstratos e, muito menos, conseguiam se inserir em contextos informais.

A escola Wizard, por sua vez, consegue ser mais sutil na sua forma de adaptação metodológica **baseada** na reprodução do Áudio-Lingual. Primeiramente, a metodologia apresentada por eles leva o nome de Programação Neurolinguística, remetendo à abordagem pseudocientífica de mesmo nome, comumente chamada de PNL, que pode ser definida como uma abordagem de psicoterapia,

autodesenvolvimento e comunicação, a qual afirma a existência de uma conexão entre a parte neurológica e a parte comportamental do indivíduo.

“As técnicas de PNL inicialmente surgiram nos Estados Unidos, década de 1970, introduzida pelos autores Richard Bandler e John Grinder (SOCIEDADE BRASILEIRA de PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA, 2011), eles buscavam diferenciar os terapeutas bem-sucedidos daqueles que não obtinham êxito com seus pacientes. Assim, a partir de uma série de observações „Bandler e Grinder compreenderam que os vencedores conseguiam superar limitações pessoais para potencializar suas qualidades e recursos intelectuais“. Estes pesquisadores começaram a criar seus próprios padrões e ensinavam-nos aos demais”. (TABOSA, s.d., p.3).

É importante ressaltar que o termo “pseudocientífico” tem estado muito presente em grandes palestras de autoajuda e muitos terapeutas o aderem às suas práticas profissionais. Na educação, tem sido incorporado por diversas instituições de ensino, como no caso da Wizard. E, é óbvio que essa abordagem pseudocientífica possui um alto teor behaviorista, uma vez que acredita que os comportamentos podem ser mudados a partir de um estímulo externo, isto é, um condicionamento.

Programação Neurolinguística é a forma natural de aprendizagem, assim como se aprendeu a falar o português. Primeiro escutando, programando a linguagem e depois falando algumas palavras. Desta forma, o processo pedagógico focado inicialmente na conversação, torna a aprendizagem prazerosa e estimulante. Fazendo com que os alunos da Wizard aprendam a falar o idioma de forma correta e nunca mais esqueçam (WIZARD, 2022).

Algo bastante curioso a se observar é como a instituição se apropria do termo para associá-lo ao processo de aquisição da LM, o que vai de encontro ao que Krashen (1985, apud. CALLEGARI, 2006) afirma sobre o processo descrevendo-o como um processo que ocorre por assimilação, onde não há esforço por parte do indivíduo e nem mesmo uma ênfase nos aspectos formais da língua adquirida, mas sim no ato comunicativo em si. Em outras palavras, o fato que condiciona essa aquisição seria a exposição e os estímulos naturais e não necessariamente o estímulo-resposta pregado pelo Behaviorismo. E a chave para tal seria a imersão no ambiente comunicativo e não apenas a repetição exaustiva de termos.

Já na primeira aula, o aluno aprende mais de cem frases, e assim, observando os resultados obtidos a frequência às aulas são sempre altas. A Neurolinguística estuda como estimular a motivação e o poder de escolha. O aluno da Wizard é estimulado a falar em um novo idioma desde o primeiro dia de aula. Esta metodologia de ensino possibilita a prática da conversação, leitura, escrita e compreensão auditiva em um curto período de tempo. Graças ao **avançado método**, o aluno é estimulado a se expressar livremente, vencer inibições e a romper bloqueios durante o aprendizado (WIZARD, 2022, grifo nosso).

Dessa maneira, pode-se observar o óbvio sinal da presença do Método Áudio-Lingual acima: ***aprender mais de cem frases durante um único dia***. No trecho anterior também: ***aprender corretamente e nunca mais esquecer***. É oportuno relembrar que esse método inibe os erros e tenta a todo custo eliminá-los em busca do que seria a perfeição. Portanto, não é surpresa que frases como “aprender a língua corretamente” apareçam de uma forma insistente nos objetivos apresentados pelas instituições que o aplicam.

Em suma, na presente pesquisa pudemos observar que nenhuma das duas instituições possui um conhecimento tão científico sobre o que seria um método de ensino de línguas estrangeiras, no entanto, vendem essa ideia através de uma metodologia para poderem conseguir um destaque para o seu produto. Ainda podemos ir mais além, apontando o fato de que, muitas vezes, essas metodologias acabam se tornando o princípio pedagógico do curso. Isso quer dizer que se um curso livre segue o princípio que rege o Método Áudio-Lingual – o Behaviorismo – que se reflete em seus objetivos de ensino, reduzirá o seu ensino a um processo baseado no automatismo e repetição exaustiva e formará alunos que podem não conseguir se comunicar efetivamente na língua estrangeira aprendida.

2.2.3 Dinâmicas pedagógicas/padrões de ensino

Já não é novidade que os Cursos Livres de Idiomas – também chamados de Escolas de Idiomas – são uma iniciativa privada no intuito de comercializar a língua estrangeira para um determinado público. Em nossa pesquisa, também fundamentada por Freitas (2010), pudemos observar um padrão bastante curioso em suas dinâmicas pedagógicas ou os seus padrões de ensino, que parecem ser

regidas pelas regras mercantilistas. Entendem-se como dinâmicas pedagógicas a aplicação das metodologias, os manuais destinados aos professores e questões como a oferta de materiais didáticos e também, não menos importante, o trabalho do professor e sua atuação dentro de tais instituições. A nossa pesquisa tem por interesse investigar o que ocorre dentro das salas de aula.

É importante lembrar que as instituições de Cursos Livres são, de acordo com autora supracitada, instituições que se encontram à margem do sistema educativo regular e que por isso escapam a qualquer controle ou normatização dos órgãos educacionais, mas que no, entanto, interferem no sistema de ensino regular de línguas através da oferta de materiais didáticos e até mesmo de cursos nas escolas privadas. Também é pertinente mencionar que tal campo não é tão explorado academicamente. No entanto, ainda é possível, através da própria trajetória histórica das instituições de cursos livres de iniciativa privada, analisar seus padrões de atuação dentro do campo educacional.

A primeira característica que podemos apontar – uma das mais importantes – é “a padronização dos procedimentos e dos instrumentos de trabalho, da divisão entre os que executam (docentes) e os que pensam (coordenadores, diretores, autores de materiais) e da existência de „treinamentos“ de professores como tentativa de substituir a formação acadêmica” (FREITAS, 2010, p. 21-22). Nesse contexto, o professor é apenas mais um funcionário da instituição cuja obrigação é seguir com o programa, não tendo liberdade ou autonomia para pensar ou desenvolver qualquer tipo de metodologia diferente daquela já apresentada. E, além do mais, os professores – como também aponta a autora –, em sua maioria -, não possuem qualquer tipo de formação ou capacitação acadêmica. Esse fato nos é estranho e preocupante, uma vez que acaba acarretando na precarização da mão-de-obra e afetando os alunos em muitos aspectos, principalmente naqueles que tais instituições tanto dizem priorizar: o oral e o comunicativo.

Para uma melhor compreensão sobre tal assunto, é importante olhar para os Cursos Livres como o que verdadeiramente são: empresas. Marcas. Como empresas, o objetivo não é, de fato, oferecer um bom padrão de ensino ou conhecimento cultural acerca da língua estrangeira estudada, mas sim vender o produto de uma forma rápida e com o menor custo de produção possível. Essa é a

razão, em nossa perspectiva, pela qual essas instituições continuam replicando o Método Áudio-Lingual em suas aulas, pois esse método não exige muito conhecimento por parte do professor da língua estrangeira ensinada, o que significa, por sua vez, um baixo investimento. Aqui, o professor é um funcionário. Em suma, para ser professor de uma língua estrangeira dentro de um curso livre, não é preciso ter nenhum tipo de formação acadêmica, mas sim algum nível avançado de conhecimento da língua estrangeira em questão. Freitas (2010), ainda ressalta que muitos desses docentes são alunos universitários dos primeiros períodos do curso de Letras – no caso da língua espanhola, no curso de Letras-Espanhol – e alunos da própria instituição que alcançara um nível satisfatório de conhecimento da língua, recebendo, assim, a “licença” para atuar no ensino desta.

A segunda característica é o fato de as instituições de Cursos Livres de nossa pesquisa não possuírem uma Proposta Pedagógica Curricular (PPC)¹⁷, que pode ser definida como:

O instrumento que concentra a concepção do curso de graduação, os fundamentos da gestão acadêmica, pedagógica e administrativa, os princípios educacionais vetores de todas as ações a serem adotadas na condução do processo de ensino-aprendizagem na Graduação [...] (UNIFAP, 2022).

Isso significa, basicamente, que a PPC é o que norteia determinado curso e deve:

[...] Contemplar diversos elementos, dentre eles os objetivos gerais do curso, as suas peculiaridades, sua matriz curricular e a respectiva operacionalização, a carga horária das atividades didáticas e da integralização do curso, a concepção e a composição das atividades de estágio curricular, a concepção e a composição das atividades complementares, etc. (Ibid.).

A ausência de um documento dessa natureza causa estranheza pelo fato de sua importância, pois é a partir da PPC que o ensino de uma determinada instituição é organizado e sistematizado e que as avaliações e os conteúdos das disciplinas são definidos. Estes conteúdos têm relação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é a maior base reguladora dos conteúdos e suas aplicações no país. E

¹⁷ Também chamada de Proposta Pedagógica de Curso.

isso por si só nos mostra duas problemáticas com relação aos cursos livres: a falta de competência para a elaboração de um PPC devido ao fato de não haver a devida importância quanto à presença de uma equipe pedagógica para tal e também a total ausência de regulamentação pelos órgãos estatais de educação.

Outra característica não menos importante é o pesado investimento em *marketing* e publicidade, como a Fisk, que sempre esteve muito envolvida na mídia para a divulgação de seus produtos, e da competição entre si no mercado, a qual se mostra na forma de apresentação, como se pode constatar abaixo:

A Fisk vem se destacando como **o melhor centro de ensino do Brasil**, com cursos dinâmicos, professores atualizados e método de ensino inovador, além de toda a estrutura de apoio aos alunos e franqueados. Atualmente, possui cerca de 1.000 unidades em funcionamento espalhadas por todos os estados e pelas principais cidades brasileiras, além de unidades em Angola, Argentina, Japão, Paraguai e Bolívia (FISK, 2022, grifo nosso).

Não há dúvidas de que a Wizard by Pearson é a maior rede de ensino de idiomas do mundo, com mais de 500 mil alunos matriculados nos cursos de idiomas. Os resultados mostram que a Wizard está no caminho certo. Tudo isso porque, em mais de 30 anos de história, a Wizard conseguiu desenvolver aquilo que a torna exclusiva: o **DNA Wizard by Pearson**. Toda a capacidade de gerar resultados de aprendizagem em um idioma está concentrada no material didático. É o material que guia e orienta a aplicação da metodologia que identifica a Wizard como a primeira marca de idiomas do mundo (WIZARD, 2022, grifo do autor).

Algo interessante a destacar é o fato de que cada instituição se põe como sendo a melhor do mundo, caracterizando-se como a salvação, como o caminho perfeito para a aprendizagem, e a exibição de seus “resultados” para o público. Os resultados aqui, entretanto, não são resultados de proficiência ou a competência desenvolvida no aluno e sim da abertura de novas franquias e de seus inúmeros certificados internacionais, e, não menos importante, da quantidade de alunos matriculados em seus cursos. Isso nos aponta uma característica mercantilista: as instituições de cursos livres de idiomas brasileiras não são as melhores porque, de fato, formam ótimos comunicadores em uma determinada língua estrangeira, mas sim porque têm capacidade de atender a uma grande demanda e se expandem de

forma comercial, abrindo outras unidades. Podemos até mesmo destacar que as premiações recebidas por esses cursos não são do campo educacional e sim do setor empresarial. Então, pode-se dizer que o que importa não é o ensino em si, mas sim a sustentação da marca como sendo a melhor. Esse é um assunto que trataremos especificamente em outro momento.

Por fim, a última característica que constrói as dinâmicas pedagógicas das instituições de cursos livres de idiomas que citamos – Fisk e Wizard – é a própria precarização do trabalho do professor que atua nelas e as limitações que este tem dentro da própria aula.

A análise das questões sindicais, acrescida ao relato dos professores do coletivo da pesquisa, indica que as condições de trabalho dos docentes em cursos de línguas são, de fato, mais precárias que as da escola básica privada. Salários baixos, direitos espoliados, ausência de vantagens. Sequer lhes é permitido serem considerados “professores” (FREITAS, 2010, p.163).

A pesquisa da autora supracitada foi feita com professores de algumas instituições de cursos livres, mas não explicita os nomes. No entanto, com base nos dados que apresenta, presume-se que ambos os cursos citados nessa pesquisa estejam incluídos. Freitas (2010) ainda vai mais além, explicitando diversas situações degradantes que os docentes enfrentam no trabalho como: a contratação destes de forma totalmente informal, ou seja, sem um contrato de trabalho onde há uma perda fundamental de direitos como licença médica ou gestante, férias remuneradas, décimo terceiro salário, seguro-desemprego, indenização por demissão, Fundo de Garantia por tempo de serviço, etc.

Em nossa pesquisa, também chamamos a atenção para a existência do chamado Manual do Professor¹⁸, ou seja, a presença de um material prescritivo relacionado à metodologia imposta pela instituição. Como já fora mencionado, o professor é treinado para poder ensinar no curso – em uma tentativa de substituir sua formação acadêmica – e precisa seguir à risca o manual, que conduz a sua atividade.

¹⁸ Material didático que tem por objetivo padronizar a prática docente dentro da sala de aula e treinar professores para seguirem a metodologia da instituição.

Um exemplo clássico de treinamento são os cursos às vezes oferecidos pelas escolas particulares de línguas ¹⁹ aos seus futuros professores e que visam simplesmente desenvolver a compreensão do uso do material produzido pela própria escola. O objetivo imediato é ensinar o professor a usar aquele material; no dia que o material for substituído, o professor deverá fazer outro curso. Geralmente, não há condições de dar ao professor um embasamento teórico; buscam-se resultados imediatos que devem ser obtidos da maneira mais rápida e econômica possível. (LEFFA, 2008, p. 355).

Também é oportuno mencionar que, como as instituições analisadas não possuem uma PPC (Proposta Pedagógica Curricular), acabam por substituí-la pela própria metodologia de ensino do curso. O Manual do Professor pode ser definido basicamente como livros que são utilizados durante o trabalho diário dos professores pertencentes que trabalham na Fisk e na Wizard. Estes também são dirigidos aos coordenadores.

Leffa (2008), em concordância com Freitas (2010), também destaca que os livros são de edição da própria instituição, o que chega a ser curioso, pois é um material autoral e não passa por praticamente nenhum tipo de regulamentação de nenhum órgão educacional. No caso da autora supracitada, todos os cursos que fizeram parte de sua pesquisa possuem esse material.

Diante do cenário apresentado, podemos pressupor e explicitar o caráter padronizado das dinâmicas pedagógicas ou padrões de ensino dos cursos livres de idiomas no Brasil: são instituições que não contam com uma PPC, nem professores formados na língua estrangeira que ensinam, mas sim treinados pelos chamados **Manual do professor** para que possam seguir e obedecer a prescrições – muitas vezes não possuem um conhecimento comunicacional na língua estrangeira que ensinam – e muitos deles foram alunos do próprio curso, também apresentam manuais que direcionam a prática do professor de forma limitada, limitando a sua autonomia em suas práticas pedagógicas, além de condições precárias de trabalho

¹⁹ Ou seja, cursos livres de idiomas.

com perda de muitos direitos e com a ausência de um contrato de trabalho formal. O investimento nas campanhas de publicidade é massivo no intuito de vender o produtor – a língua estrangeira – e a apresentação de tal instituição como sendo a melhor dentro do mercado, sendo este o fato mais chocante dentro da presente pesquisa.

Quanto à aplicação das metodologias, as dinâmicas pedagógicas também ocorrem de forma padronizada. Como essas metodologias remetem aos Métodos da Gramática-Tradução e o Áudio-Lingual – na Fisk, temos a combinação de ambos e na Wizard, apenas o segundo -, as instituições investem em materiais didáticos (livros e materiais de mídia) de alta qualidade, o que pode soar bastante moderno e avançado frente ao que se encontra na maioria das vezes no espaço escolar regular, principalmente nas escolas públicas, além da excelente estrutura dentro de suas instalações, no intuito de passar a impressão de que sim, se trata de algo novo e inovador ao público. Esses materiais, principalmente os midiáticos, podem até passar certa impressão de modernidade, mas são utilizados para a replicação dos métodos já citados, ainda mais do Áudio-Lingual.

“Uma busca histórica remete aos métodos estruturalistas de ensino de línguas estrangeiras, principalmente o audiolingual. Em sua perspectiva, o professor – não necessariamente formado e de preferência “nativo” - assume o papel de instrutor do método que é preparado por linguistas. Essa preferência por „nativos“ tem prioridade nessas abordagens do ensino de línguas estrangeiras em virtude da aprendizagem como uma „imitação“. Nesse sentido, embora a proficiência na língua seja um dos prerequisites para esse profissional, a formação acadêmica, que é outra condição fundamental para o exercício dessa atividade, é desdenhada”. (FREITAS, 2010, p.157).

A citação de Freitas acima fundamenta o que já havia sido dito no tópico anterior sobre as metodologias dessas instituições de ensino de línguas estrangeiras, intituladas de Cursos Livres e que escapam de todo e qualquer controle de órgãos de educação regulares. Ainda dentro do texto, nos é explicitado uma característica interessante sobre o Método Áudio-Lingual: o uso dos nativos da

língua estrangeira. No entanto, podemos complementar com o fato de que muitos desses nativos não possuem qualquer experiência didático-pedagógica, são meros instrutores ou, utilizando a lógica behaviorista, meros treinadores. Falaremos mais sobre a questão dos professores mais adiante. No tópico seguinte, daremos início a análise dos materiais didáticos dessas instituições. Escolhemos os livros didáticos – também chamados livros de texto –, pois são de fácil acesso e são os que mais replicam os métodos de ensino de LE já mencionados: a Gramática-Tradução e o Áudio-Lingual.

2.2.4 Análise de materiais: livros didáticos e exercícios.

No presente tópico, se dará a análise dos materiais didáticos escolhidos: os livros didáticos e seus exercícios no intuito de comprovar a replicação do Método Clássico e do Áudio-Lingual através das metodologias dos Cursos Livres de idiomas Fisk e Wizard – as quais sempre são apresentadas como métodos inovadores e originais. Para tal, nos apoiaremos no Marco Comum Europeu de Referência para Línguas, o qual define os parâmetros de avaliação de proficiência em uma língua estrangeira, proporcionando “uma base comum para a elaboração de programas de línguas, orientações curriculares, exames, manuais, etc., em toda a Europa” (MARCO COMÚN EUROPEO, 2002, p.1. Tradução nossa), especificamente nos tópicos onde trata sobre o Texto e as Atividades, as Tarefas e as Avaliações.

De início, faz-se pertinente mencionar que, em nossa perspectiva, os livros didáticos são materiais de cunho pedagógico, pois são utilizados dentro de um procedimento de ensino, e, de uma forma geral, servem como apoio para as práticas pedagógicas do professor dentro de sala e também para o aluno na sua fixação do que foi aprendido e também no desenvolvimento de sua competência gramatical²⁰. Esta é considerada - pelo próprio Marco Comum e também por nós – como sendo uma das partes fundamentais para o desenvolvimento de sua competência comunicativa. No entanto, no que diz respeito ao seu uso por parte dos Cursos Livres, podemos pressupor que a função deste material parece ir mais além, pois costuma ser utilizado também como recursos de avaliação e até mesmo medidor de conhecimento.

²⁰ O Marco Comum Europeu (2002, p.150. Tradução nossa) a define como sendo “a capacidade de organizar orações que transmitam significados”.

Como sendo um material de abordagem gramatical, o livro didático de língua estrangeira – ainda que sendo brasileiro – fica sujeito aos seguintes três critérios considerados e propostos pelo Marco Comum:

1. Se debe tener en cuenta, además, el rendimiento comunicativo que generan las distintas categorías gramaticales, es decir, su papel como exponentes de nociones generales. Por ejemplo, no sería lógico que los alumnos siguieran una progresión en su proceso de aprendizaje tal que, después de dos años de estudio, fueran incapaces de hablar de sus experiencias pasadas.
2. Los factores de contraste son muy importantes a la hora de evaluar la carga de aprendizaje y, por tanto, el grado de efectividad de las prioridades que hay que tener en cuenta. Por ejemplo, las oraciones subordinadas en alemán, a la hora de poner en orden las palabras dentro de la oración, suponen mayores problemas para alumnos ingleses y franceses que para holandeses. Sin embargo, los hablantes de lenguas muy cercanas, por ejemplo, holandés/alemán, checo/eslovaco, pueden tener tendencia a traducir mecánicamente palabra por palabra.
3. El discurso auténtico y los textos escritos pueden ser adaptados hasta cierto punto según su dificultad gramatical. Si no se adaptan, es probable que el alumno se vea expuesto a nuevas estructuras y categorías que algunos alumnos aventajados pueden adquirir para su uso activo antes que otras estructuras más básicas. (MARCO COMÚN EUROPEO, 2002, p.150).

Nesse contexto, espera-se que

Los alumnos desarrollen su *competencia gramatical*:

- a) inductivamente, mediante la exposición a material gramatical nuevo en contextos auténticos;
- b) inductivamente, incorporando nuevos elementos gramaticales, categorías, clases, estructuras, normas, etc., en textos especialmente compuestos para exponer su forma, función y significado;
- c) como b), pero seguido de explicaciones y ejercicios;
- d) mediante la presentación de paradigmas formales, tablas morfológicas, etc., seguido de explicaciones utilizando un metalenguaje apropiado en L2 o L1 y con ejercicios;

e) pidiendo a los alumnos que formulen hipótesis, etc., y, cuando sea necesario, las reformulen. (Ibidem. p.151.).

Ciente disso, apresentamos também o nosso próprio critério de análise: a compatibilidade dos exercícios com a metodologia proposta pelo próprio material. Isso quer dizer, basicamente, que o seguinte tópico, procurará responder a seguinte pergunta investigativa: será que os exercícios gramaticais propostos pelos livros didáticos da Fisk e da Wizard analisados nesse trabalho são, de fato, compatíveis com suas propostas metodológicas? Também os colocaremos em confronto com a descrição das competências que se espera desenvolver em cada nível de aprendizagem propostas pelo Marco Comum Europeu.

Os livros escolhidos foram:

1. FISK: Primeros Pasos (Libro uno); *Immediate conversation in English – Breaking Free*;

2. WIZARD: W1 – Língua Inglesa; Wizard by Pearson: 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês.

A escolha dos livros, manuais de língua inglesa e espanhola, citados se deu pelo fato de nos ser interessante observar como se dão os exercícios destinados aos alunos iniciantes dos cursos de LE – preferencialmente o espanhol - de ambas as instituições, pois essa categoria de alunos, em nossa perspectiva, é a mais importante dentro de todo o processo de ensino, pois consideramos que é nessa fase que se deve construir uma base sólida de aprendizagem para um desenvolvimento futuro satisfatório dentro da LE. O material consiste em dois e-books e um livro em formato de PDF, uma vez que não tivemos acesso aos livros físicos de exclusividade dos alunos matriculados em ambos os cursos.

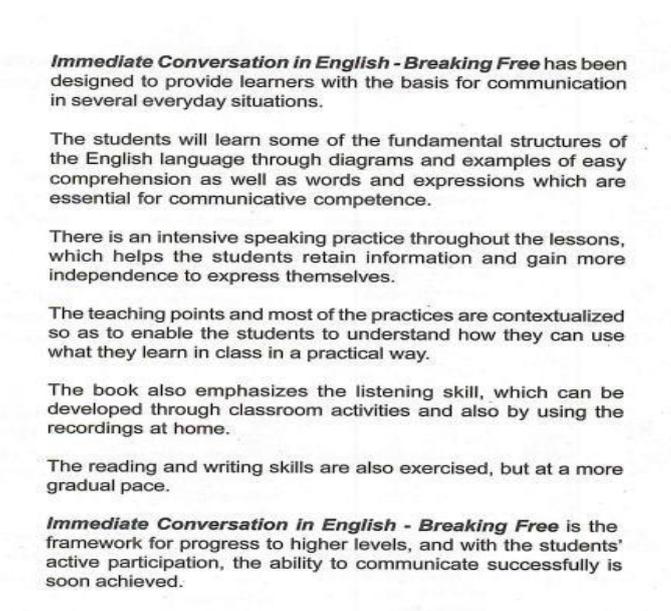
- FISK:

Começamos a nossa análise pelo livro didático *Immediate conversation in English – Breaking Free*, um material da Editora Richard Hugh Fisk. Uma coisa importante de se lembrar é que as instituições de Cursos Livres de Idiomas são os produtores e editores do próprio material didático e, por isso, os seus livros não

estão sujeitos aos critérios reguladores e propositivos do Programa Nacional do Livro Didático – PNDL. A edição utilizada aqui é do ano de 2008. Seu conteúdo direciona-se ao nível mais básico de aprendizagem - ao qual chamam de Básico 1 - do curso de inglês.

Nossa análise começa pela proposta do livro na seguinte imagem (FIGURA 1):

FIGURA 1 - Introdução



FONTE: arquivo pessoal.

Destrinchando bem o texto através da nossa tradução, é possível encontrar pontos interessantes como o propósito para o qual o livro fora feito, as práticas pedagógicas de ensino/aprendizagem contidas neste e também, não menos importante, o que se espera que os alunos aprendam:

“Immediate Conversation in English – Breaking Free foi construído no intuito de fornecer aos alunos a **base para a comunicação** em diversas situações do cotidiano. Os alunos aprenderão **algumas estruturas fundamentais da Língua Inglesa através de diagramas e exemplos** de fácil compreensão, bem como **palavras e expressões essenciais** para a Competência Comunicativa. Há **uma prática intensa de conversação** ao longo das aulas, o que ajuda os alunos a reterem informação e ganharem mais independência para se expressarem por si mesmos. **Os pontos do ensino e a maioria das práticas são contextualizados de forma a permitir que os alunos compreendam como podem usar o que aprendem em sala**

de aula de forma prática. O livro também enfatiza a habilidade de escutar, que pode ser desenvolvida por meio de atividades em sala de aula e também com o uso dos registros em casa. As habilidades de ler e escrever também são exercitadas, mas em um ritmo mais gradual. *Immediate Conversation in English – Breaking Free* é a estrutura para progredir para níveis mais altos e, com a participação ativa dos alunos, a capacidade de se comunicar com sucesso é alcançada em breve”. (FISK, 2008, p.1. Tradução Nossa. Grifo Nosso).

Os trechos destacados mostram algumas características interessantes a respeito do conteúdo do livro. A primeira delas é sempre chamar essa atenção para uma palavra – bem mais um conceito – em específico: comunicação. Essa é uma tentativa, em nossa perspectiva, de tentar enfatizar o objetivo do curso como um todo. A segunda é a forma como eles apresentam as suas práticas pedagógicas de forma básica, explicitando apenas os meios de aplicação, ou seja, o seu modelo de ensino-aprendizagem. A terceira característica é a forma como o livro coloca dentro do mesmo texto os conceitos de Competência Comunicativa e habilidades, que são entendidos como uma clara diferença entre a Era do Método e a Era Pós-Método²¹ – conceito que será brevemente abordado mais adiante -, o que pode ser entendido como uma forma de chamar a atenção para o “novo”, uma forma de enfatizar a originalidade do material proposto pela instituição. A quarta característica é a menção do áudio-lingual quando menciona a habilidade de ouvir, mas sem dar detalhes sobre o material que seria utilizado.

A quinta e última característica, a mais marcante no texto é o último parágrafo, pois é nele que o livro se apresenta como a estrutura para uma progressão aos níveis mais altos. É pertinente notar que o material não se mostra como uma alternativa para se alcançar tal coisa, mas sim como o próprio meio de alcance. A menção a participação ativa dos alunos é um tanto ardilosa principalmente se tratando de uma metodologia que remete a padrões behavioristas, pois pode se referir somente ao fato de que este consegue repetir e memorizar o que lhe é ensinado através de repetição e treinamento e não ao fato de que seja

²¹ A habilidade de falar (Era do Método) “se refere apenas à produção de expressões orais formalmente corretas” (HYMES 1972 apud. CORBETT, 2016) e a Competência Comunicativa (Era Pós-Método) refere-se ao “conhecimento de como a língua é usada para negociar relacionamentos pessoais e alcançar objetivos estratégicos” (ibid.)

capaz de se articular socialmente dentro de determinados contextos como a um bom comunicador lhe cabe.

O ponto forte do texto é a excelente articulação de todas as suas propostas, pois é muito claro ao explicitar o propósito para o qual foi construído o material e o que será usado pra que se alcance tal propósito, o que do ponto de vista do próprio Marco Comum Europeu está coerente, com o qual também concordamos.

Partindo para a análise do sumário do livro, temos uma melhor visão de seus conteúdos e atividades propostas, como se pode ver a seguir.

FIGURA 2 - Primeira parte do sumário

| Contents | | | | |
|--|------|--|--|---|
| | Page | Functions | Teaching Points | Vocabulary |
| LESSON 1 MEETING PEOPLE | 6 | <ul style="list-style-type: none"> greeting introducing yourself asking for a phone number / saying your phone number | <ul style="list-style-type: none"> do / did / will / would - short answers numbers (0 - 10) | <ul style="list-style-type: none"> greeting gestures your new course things people have |
| LESSON 2 MAKING NEW FRIENDS | 14 | <ul style="list-style-type: none"> greeting spelling | <ul style="list-style-type: none"> do - long answers the alphabet files | <ul style="list-style-type: none"> regular activities your sports practice |
| LESSON 3 TAKING COURSES | 22 | <ul style="list-style-type: none"> feeling sorry saying goodbye playing a guessing game | <ul style="list-style-type: none"> does - short answers verb + to + verb numbers (11 - 20) | <ul style="list-style-type: none"> courses regular activities course materials |
| LESSON 4 TALKING ABOUT THE SCHOOL | 30 | <ul style="list-style-type: none"> interrupting someone to ask for information thanking / responding to thanks wishing someone a nice weekend | <ul style="list-style-type: none"> does - long answers verb + s what | <ul style="list-style-type: none"> ways to thank someone a school secretary's job in a school |
| LESSON 5 MUSIC | 38 | <ul style="list-style-type: none"> apologizing forgiving asking what kind of music someone likes | <ul style="list-style-type: none"> will - long answers contractions with will would - long answers contractions with would objective pronouns numbers (20 - 100) | <ul style="list-style-type: none"> when to apologize about a concert musical instruments kinds of music |
| LESSON 6 WATCHING TV | 46 | <ul style="list-style-type: none"> asking what's on TV saying what really happened asking when someone's birthday is / saying when your birthday is | <ul style="list-style-type: none"> did - long answers regular verbs months of the year when ordinal numbers (1st - 31st) | <ul style="list-style-type: none"> TV programs about a movie things you did in a recent past |
| Review Exercises 1 | 54 | | | |

FONTE: Arquivo pessoal.

Como é um material pensado para os alunos mais básicos, ou seja, aqueles que não possuem qualquer tipo de conhecimento mais básico da língua estrangeira ensinada, o livro tem o caráter mais funcional. O objetivo nesses primeiros seis capítulos da primeira parte (p.6-46) é ensinar o aluno a fazer coisas básicas dentro de um contexto de comunicação como: se apresentar, pedir algum número de telefone, perguntar o número de alguém, pedir desculpas, dizer a própria idade, perguntar a idade de alguém, etc. Assim como também introduzir o vocabulário e

estruturas básicas, o que também entra em concordância com uma abordagem mais gramatical. Os exercícios de revisão ficam ao final de cada parte.

Já na segunda parte, encontramos a apresentação de estruturas um pouco mais complexas, que sugerem diretamente o ensino de um conteúdo mais voltado para contextos mais específicos, como se pode observar:

FIGURA 3 - Segunda parte do sumário

| Lesson | Page | Functions | Teaching Points | Vocabulary |
|--|------|---|--|--|
| LESSON 7 SURFING THE NET | 58 | <ul style="list-style-type: none"> asking someone to repeat what he / she said expressing shock at someone's attitude asking the time / telling the time | <ul style="list-style-type: none"> did - long answers irregular verbs demonstrative pronouns the time | <ul style="list-style-type: none"> things someone can do on the Internet objects related to computers |
| LESSON 8 FAMILY AND FRIENDS | 66 | <ul style="list-style-type: none"> asking how someone feels saying you're not very well cheering someone up saying if your family is big or small | <ul style="list-style-type: none"> be (present) - short answers possessive adjectives adjectives | <ul style="list-style-type: none"> moods marital status family members qualities people have |
| LESSON 9 GOING SHOPPING | 74 | <ul style="list-style-type: none"> inviting someone to do something agreeing asking where something is located | <ul style="list-style-type: none"> be (present) - long answers contractions with am / are / is who where prepositions adjectives | <ul style="list-style-type: none"> kinds of shoppers qualities people and things have in a department store |
| LESSON 10 WHERE TO EAT | 82 | <ul style="list-style-type: none"> asking for a table at a restaurant wishing someone a good time placing an order in a café | <ul style="list-style-type: none"> be + verb-ing verb + ing which | <ul style="list-style-type: none"> at a restaurant at a snack bar foods and drinks |
| LESSON 11 GOING OUT | 90 | <ul style="list-style-type: none"> saying what time you'll pick someone up agreeing saying you don't have money | <ul style="list-style-type: none"> there + be - short and long answers colors how many days of the week | <ul style="list-style-type: none"> things there are at parties about a play pieces of clothing |
| LESSON 12 CAN YOU DO IT? | 98 | <ul style="list-style-type: none"> promising to keep a secret expressing surprise asking permission / making requests | <ul style="list-style-type: none"> can - short and long answers plural of nouns ordinal numbers (40th - 100th) | <ul style="list-style-type: none"> things you can do |

FONTE: Arquivo Pessoal

O que se observa é a sugestão de um escalonamento – o que também está presente dentro do Pós-Método e não é de, nenhuma forma, demonizado pela presente análise – feito de forma linear: o aluno, ao começar, é exposto às estruturas mais básicas e funcionais da língua estrangeira ensinada, aprendendo a repetir o que já está no código gramatical desta como a forma de pedir coisas, de perguntar o nome, de se apresentar, de cumprimentar, etc. para logo ser exposto a estruturas um pouco mais complexas como fazer pedidos em contextos específicos (restaurantes, aeroportos, etc.) ou, como o livro mesmo coloca convidar alguém para fazer algo. O que nos chama a atenção é a combinação de tal escalonamento com as tendências behavioristas que caracterizam o Método Áudio-Lingual, o qual é, faz-se importante lembrar, um dos pilares da metodologia da Fisk.

Seguindo adiante, pode-se ver a aplicação das propostas e também dos exercícios:

Figura 4 - Lesson 1: Meeting people

The image shows a lesson page titled 'LESSON 1 MEETING PEOPLE'. Below the title, there are two sub-sections: 'Immediate Conversation' and 'Introducing yourself'. Under 'A. Listen:', there is a dialogue between Bruce and Sarah. Bruce asks for Sarah's name, and she replies. Bruce says 'Nice to meet you, Sarah', and Sarah replies 'Nice to meet you too, Bruce'. Below the dialogue, there are two boxes: one with 'Hi. Hello.' and another with 'Nice to meet you (too). Glad to meet you (too)'. The background of the page features a cartoon illustration of a young man and woman shaking hands in front of a brick building with a clock tower.

Fonte: Arquivo pessoal.

A aplicação acontece de uma maneira bastante básica: o aluno é exposto às estruturas base da língua estrangeira ensinada e, com a ajuda do material áudio-lingual aprende a pronúncia. Pode-se dizer que essa parte cumpre a proposta do material no que diz respeito à habilidade de escutar. Assim se constrói a dinâmica do curso: exposição às novas formas gramaticais e logo a exposição ao insumo pronunciado, dentro de um exercício de repetição. Essa dinâmica é perfeitamente condizente com os métodos ao qual a metodologia da instituição se dirige.

O que chama a atenção, de fato, é a limitação causada pela utilização de modelos prontos de diálogos – o que está presente na grande parte dos livros didáticos de língua estrangeira e não se restringe somente aos Cursos Livres – dentro de uma proposta que afirma que seu objetivo é desenvolver no aluno a

Competência Comunicativa. Em nossa perspectiva, é até coerente a proposta do livro direcionada ao desenvolvimento da Competência Gramatical, no entanto, isso muda quando a proposta se volta para o comunicacional, uma vez que dentro de um contexto comunicativo real, não é adequado ao aluno apenas replicar – ainda que seja um falante básico – diálogos prontos e usá-los em apenas um tipo de situação – geralmente aquela que o livro mostra – esperando um tipo de resposta. Tal situação nos traz as seguintes perguntas: o que pode acontecer quando um aluno dentro de um contexto real de fala, perguntar algo e receber uma resposta diferente – porém que signifique a mesma coisa – do que a que ele esperava receber?

Se tratando dos exercícios, o livro apresenta dois modelos:

FIGURA 5 - Lesson 1 – Meeting people: talking about your new course.

Learning Talking about your new course

| | | | | |
|-------|-----|--------------------|------------|---------------------------------|
| Do | you | speak English | every day? | Yes, I do. / No, I don't. |
| Did | | listen to the CD | yesterday? | Yes, I did. / No, I didn't. |
| Will | | have time to study | tomorrow? | Yes, I will. / No, I won't. |
| Would | | do your homework | today? | Yes, I would. / No, I wouldn't. |

have classes come here need the CD-ROM buy a dictionary

Speaking Talking to your classmates

In pairs, ask each other four questions:

- Do you speak English?
- Do you come here every day?
- Did you have classes yesterday?
- Did you study English yesterday?
- Will you have time to do your homework tomorrow?
- Will you need the dictionary tomorrow?
- Would you buy a CD-ROM today?
- Would you listen to the CD today?

Working

Complete the sentences:

- A: Do you do your homework every day?
B: Yes, I do.
- A: Did you come here yesterday?
B: No, I didn't.
- A: Will you have time to study tomorrow?
B: Yes, I will.
- A: Would you buy a dictionary today?
B: No, I wouldn't.

Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 6 - Lesson 1 – Meeting People: writing their answers; talking about your activities

LESSON 7 *REVIEWS*

B. Write their answers:

- Do you go to school?

- Do you have American friends?

- Do you work?

- Do you live in New York?


Speaking Talking about your activities

Talk in pairs:

| | |
|---|--|
| <p>Student A</p> <p>Ask:</p> <ol style="list-style-type: none"> Did you work yesterday? Will you need the CD tomorrow? | <p>Student B</p> <p>Ask:</p> <ol style="list-style-type: none"> Did you go to school yesterday? Will you have time to study English tomorrow? |
|---|--|

Fonte: Arquivo pessoal.

Esse é o padrão que se repete – não necessariamente na mesma ordem – durante praticamente todo o desenvolvimento do livro, sofrendo poucas alterações, as quais são irrelevantes para a pesquisa: primeiro vem o que se deve aprender (*learning*), logo a forma como se deve falar (*speaking*) e a forma de exercitar para fixar (*working*). Em suma: exposição – repetição – fixação. Uma coisa pertinente para se observar é o foco no áudio-lingual, ou seja, o treinamento da habilidade de ouvir (*listening*), uma vez que a maioria desses exercícios conta com esse tipo de recurso. Essa estrutura apresentada que coloca as habilidades no mesmo lugar, de forma seguida, é utilizada para respaldar o argumento de que o livro as trabalha de forma concomitante.

Por fim, chegamos aos exercícios de fixação, que são o reflexo de uma abordagem gramatical:

FIGURA 7 - Review Exercises 1: Writing Exercises (Questões A-C);

Review Exercises 1 (Lessons 1 - 6)

Written Exercises

A. Complete with the correct words:

- _____ has 10 reggae CDs. (They / She)
- I need to take _____ animation drawing course. (a / an)
- They wouldn't give _____ the CD-ROM. (him / he)
- When did _____ go to the shopping mall? (them / they)
- Do you want _____ new cell phone? (a / an)
- I showed _____ the e-mails. (she / her)
- _____ don't get up early on weekends. (We / He)
- What will _____ do tomorrow? (I / me)

B. Answer the questions with complete sentences:

A: Do you play a musical instrument?
B: Yes, _____
A: Do you play it on weekends?
B: _____
A: Would you like to play it at school?
B: _____
A: What kind of music do you like?
B: _____
A: Did you listen to it yesterday?
B: _____

C. Complete the dialog:



FISK Immediate Conversation in English

Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 8 - Review Exercises - 1: Writing exercises (Questões D-F)

Review Exercises 1 (Lessons 1-6)

D. Rewrite the dialog substituting the pictures with words and the parts in *italics> with similar expressions:*

A: Hi. *How are you?* A: _____
B: Hello. *I'm fine.* And you? B: _____
A: I'm fine. Does your sister take a *course*? A: _____
B: No. She takes an *art* course. B: _____
A: Does she have a *cell phone*? A: _____
B: No, she doesn't. B: _____
A: What a *pity!* A: _____

E. Solve the problems and write the results in full:

| | |
|------------------------------------|---------------------------------|
| 1. sixteen + seven = _____ | 5. five + forty-nine = _____ |
| 2. eighty-two + thirteen = _____ | 6. sixty + ten = _____ |
| 3. one hundred - fifty-six = _____ | 7. twelve - four = _____ |
| 4. thirty-one - fourteen = _____ | 8. sixty - twenty-seven = _____ |

F. Read the cartoon and answer the questions:



- Did he want to watch the sports program?
- Did she want to watch the sports program?
- What did she want to watch?
- Did she break the remote control?
- What does he need to do tomorrow?

BREAKING FREE

Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 9 - Review Exercises - 1: listening exercises (Questões A e B)

Review Exercises 1 (Lessons 1-6)

Listening Comprehension Exercises

A. Circle the correct alternatives:

- Good evening.
 - Glad to meet you too.
 - You're welcome.
- And you?
 - You too.
 - I'm OK, thanks.
- You too.
 - I'm fine.
 - I'm sorry.
- You're right.
 - It's on July 3rd.
 - It's 5505-0505.
- Thank you.
 - Actually, I didn't.
 - What is shame!
- That's OK.
 - Bye-bye.
 - Me too.

B. Mark T for true or F for false:

-
-
-
-
-
-

FSK Immediate Conversation in English

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10 - Review Exercises - 1: listening exercises (Questões C e D)

Review Exercises 1 (Lessons 1-6)

C. Number the pictures you hear about in the correct order:

D. Listen to the questions and answer them:

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

BREAKING FREE

Fonte: Arquivo pessoal.

Os exercícios de revisão do livro *Immediate Conversation in English – Breaking Free* seguem um padrão estrutural:

- Exercícios de escrita;

- Exercícios de escuta e compreensão;

A ordem segue a mesma mesma nos exercícios da parte dois – razão pela qual não serão colocados, pois pode comprometer a análise tornando-a exaustiva.

Do ponto de vista do Marco Comum Europeu, o livro atende – de certa forma – às necessidades dos alunos para o qual é destinado estruturalmente falando e também dentro de seu conteúdo funcionalista. É importante enfatizar que o livro didático é um material pedagógico que aborda a competência gramatical. Então, dessa forma, pode-se dizer que está em acordo com o que propõe o Marco Comum nesse quesito.

No entanto, se observa algumas discrepâncias quando o assunto é a Competência Comunicativa. Primeiramente, pode-se dizer – tratando-se da língua inglesa – que o livro não leva em consideração as demais possibilidades comunicativas – formas alternativas de pedir coisas, de cumprimentar, de se despedir, etc. – e suas possibilidades de respostas que o aluno pode encontrar dentro de um contexto real de fala. Além do mais, nos diálogos apresentados, não se fazem as diferenças necessárias entre situações de formalidade e informalidade, excluindo assim a articulação social.

Em suma, pode-se dizer que o presente material analisado se encaixa nos critérios do Marco Comum Europeu já citados, inclusive atende às necessidades de um aluno do nível básico, uma vez que este é descrito pelo documento como o usuário básico iniciante (A1) e que, portanto, deve ser capaz de

“comprender y utilizar expresiones cotidianas de uso muy frecuente, así como, frases sencillas destinadas a satisfacer necesidades de tipo inmediato. Puede relacionarse de forma elemental siempre que su interlocutor hable despacio y con claridad y esté dispuesto a cooperar” (MARCO COMÚN EUROPEO, 2002, p.21).

O aluno do nível A1 (usuário básico iniciante) também é capaz de apresentar-se aos outros e dar respostas sobre assuntos mais pessoais como: local onde vive, pessoas que conhece e até mesmo as coisas que tem.

A competência gramatical também é bem abordada no sentido de exposição ao código e às estruturas da língua estrangeira ensinada, ajudando também o aluno a fixar o que foi aprendido através dos exercícios propostos.

No entanto, não atende ao nosso critério de análise, uma vez que esse material não atende à proposta metodológica da Fisk, uma vez que seus procedimentos condizem com uma abordagem gramatical – e não diminuimos a sua importância, uma vez que é extremamente importante para a comunicação - e Áudio-linguística, mas que não apontam, de fato, para o desenvolvimento de uma competência comunicativa. Então, em nossa perspectiva, discordamos totalmente da maneira como o livro se apresenta como sendo o meio de se alcançar níveis maiores de progressão na língua estrangeira, pois o reconhecemos como uma alternativa de alcançá-los e – faz-se importante enfatizar – uma alternativa válida, uma vez que está respaldado pelo próprio Marco Comum Europeu.

O segundo livro da análise intitula-se *Primeros Pasos* – 6 dicas para melhorar sua expressão oral e compreensão auditiva em espanhol. É um livro digital (e-book) e está destinado aos alunos de língua espanhola. Esse material é um tanto interessante porque seu conteúdo não está estruturado apenas como um livro didático, mas também como um manual do aluno. O acesso ao material se deu no ano de 2022. Esse é o livro um da coleção, o que pressupõe que seja destinado aos alunos do nível mais básico de língua espanhola, ou seja, alunos do nível A1.

Começando pela sua introdução:

FIGURA 11 - Primeros pasos: Introducción.

Você sente que o seu espanhol não deslancha? +

Você fica travado quando você vai falar em espanhol? As palavras não vêm e você começa a ter palpitações?

Então, talvez, o que você precisa é mudar suas estratégias. Para virar o jogo, segure a ansiedade e trace metas realistas.

Lembre-se de que, para ser fluente em uma língua, você tem que ser capaz de ouvir (*escuchar*), falar (*hablar*), ler (*leer*) e escrever (*escribir*) com clareza.

Vamos começar com dicas relacionadas às habilidades de *hablar* (falar) e *escuchar* (ouvir), pois uma comunicação oral tem

duas vias: você precisa entender o que estão falando e também precisa ser entendido quando fala.

Para aprender, precisamos praticar. Essa regra serve para qualquer tipo de aprendizado: nadar, cozinhar, tocar um instrumento musical, correr, e por aí vai... Quanto mais você praticar, melhor você vai ficar. Leia as dicas sugeridas, escolha as que se adaptam melhor ao seu estilo de aprendizagem e monte um plano. Pratique um pouco todos os dias; você vai ver que em pouco tempo seu progresso será bem expressivo.

Fonte: arquivo pessoal.

Já é possível destacar uma característica importante do material: o seu caráter prescritivo, o que não é incomum por se tratar de um manual. O texto – escrito na língua materna do falante, o que é entendido como uma forma de aproximação direta com o leitor/aluno – apresenta tais prescrições logo após algumas perguntas investigativas. Destaca-se também a menção às quatro habilidades linguísticas – ler, falar, ouvir e escrever – como algo determinante para que o aluno se torne fluente – o que também não entra em total contradição com o Pós-Método – e também o trecho que menciona a prática como o meio de desenvolver a língua.

Na introdução também se encontram presentes como “talvez você precise...”, “Para virar o jogo, segure...”, “lembre-se de que para ser fluente em uma língua, você tem que...”, o que se encaixa perfeitamente, em nossa perspectiva, dentro de uma manifestação sutil de práticas behavioristas, as quais são disfarçadas dentro do texto pelo nome de **dicas**, sobre as quais discorreremos a seguir.

FIGURA 12 - Primeros pasos: Dica 1.

E-BOOK #UNO **FISK**

#1 DICA
TIRE A LETRA DA MÚSICA E CANTE.

Essa dica ajuda a melhorar muito o seu *escucha* e, por tabela, a sua *expresión oral* também melhora, pois quando você entende o que está sendo dito, você tem como interagir de uma forma mais eficaz, ou seja, você ganha pontos na sua comunicação.

Outro ponto importante dessa estratégia é que, quando você canta as músicas, você acaba memorizando as falas, e a consequência disso é que seu vocabulário aumenta, o que é muito útil quando você estiver conversando.

Mas, atenção: escolha a música com sabedoria. Não adianta você escolher aquele reggaetón cheio de gírias que acabou de ser lançado.

03

Fonte: arquivo pessoal.

Antes de seguir adiante, é interessante analisar em como essas dicas são estruturadas. O texto apresenta a dica e logo introduz para qual habilidade linguística esta é direcionada, apresentando em seguida, os argumentos que seriam válidos para que esta seja aplicada, como vemos abaixo:

Tire a letra da música e cante. **Essa dica ajuda a melhorar muito o seu escucha e, por tabela, a sua *expresión oral* também melhora, pois quando você entende o que está sendo dito, você tem como interagir de uma forma mais eficaz, ou seja, você ganha pontos em sua comunicação** (FISK, 2022, p.3, grifo do autor).

Isso por si só é entendido por Freitas (2010) como uma tentativa de simular o discurso acadêmico, dando um ar de empirismo para que o trabalho tome ares científicos. No entanto, esse livro não possui nenhuma citação de alguma autoridade acadêmica envolvida, apenas o corpo editorial da instituição e sua logomarca. Isso mostra claramente que o material não está sujeito a nenhuma autoridade e sim se colocando como a própria.

A dica em si é até válida no ponto de vista didático, uma vez apresenta outros meios pelos quais o aluno pode praticar e fortalecer a sua competência auditiva, no entanto desconsidera o fato de que tais atividades propostas possam ser ministradas através do professor. Outra coisa importante é a relação entre aprendizagem e memorização trazida no texto. Essa é uma característica behaviorista que costumava – ou costuma – ser aplicada nas escolas de ensino regular brasileiras onde o aluno tinha/tem sua inteligência ligada diretamente com sua capacidade de memorizar os conteúdos. Com a memorização vem a repetição. Isso quer dizer, em nosso ponto de vista, que um grande memorizador tem altas chances de se tornar um repetidor.

Dessa forma, não há problema com dicas, pois estas são um excelente meio de compartilhamento de experiências - ótimas experiências - dentro de uma língua estrangeira, no entanto, é importante lembrar que não se trata de prescrição e não é recomendado usá-las como sendo uma espécie de dado científico, principalmente dentro de uma instituição que não precisa de professores formados para lecionar.

Nas dicas dois e três:

FIGURA 13 - Primeiros passos: Dica 2.

E-BOOK #UNO **FISK**

**#2
DICA**

**ASSISTA A SÉRIES,
FILMES E NOVELAS
EM ESPANHOL.**

Essa é mais uma daquelas dicas de ouro. Dependendo do foco que você escolher, ela pode ajudar em determinada área do seu desenvolvimento no idioma.

Essa dica é importante, pois é assim que o seu *escucha* vai melhorar. E, acredite, sua *comunicación oral* também melhora, pois segue a mesma linha da dica anterior, você vai aprender vocabulário, expressões e gírias. Escolha séries ou novelas mais curtas e que tenham uma linguagem mais clara. Séries médicas ou

Assista a uma série, filme ou novela no áudio original e sem a legenda ou, então, use a legenda em espanhol.

05

Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 14 - Primeiros passos: Dica 3.

E-BOOK #UNO **FISK**

**#3
DICA**

**PRESTE ATENÇÃO
NAS FRASES
PRONTAS.**

Quando estiver observando um falante nativo, preste atenção nas expressões que ele usa quando cumprimenta ou elogia alguém, quando agradece, quando está expressando felicidade ou desapontamento, e assim por diante.

Anote as palavras, frases e expressões idiomáticas que você achar interessantes e use-as nas suas próximas conversas. Ao incorporá-las ao seu discurso, você o torna mais natural e a sua comunicação será mais eficaz.

07

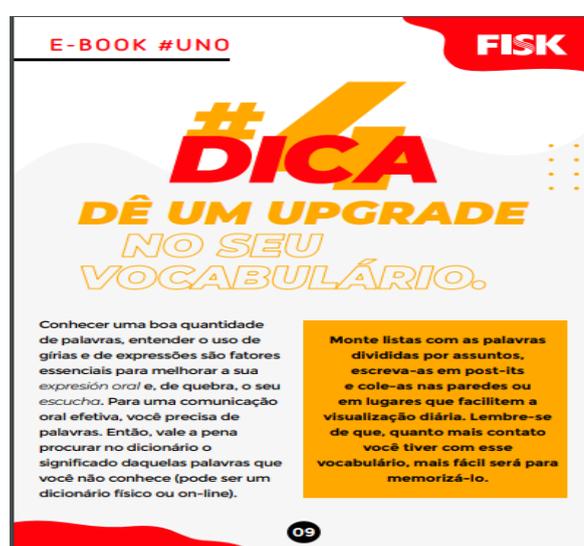
Fonte: Arquivo pessoal.

A estrutura se repete, no entanto, ambas possuem um aspecto que aponta para o informal: a recomendação de um contato mais próximo com o insumo autêntico da língua espanhola, o que é um ponto a favor do material, porém, uma vez mais – como sempre – manifesta sutilmente o Método Áudio-lingual: o foco na forma.

Esse foco na forma aparece mais na dica três: “Quando estiver observando um falante nativo, preste atenção nas expressões que ele usa quando cumprimenta ou elogia alguém, quando está expressando felicidade ou desapontamento e assim por diante” (FISK, 2022, p.7). Isso parece demonstrar que o livro não considera as possibilidades de uso para as formas aprendidas, o que seria comum de se mencionar dentro de um ensino com foco na comunicação.

Na dica número quatro:

FIGURA 15 - Primeiros Passos: Dica 4.



Fonte: Arquivo pessoal.

Há - o que não podia faltar - o vestígio da Gramática-Tradução e a palavra-chave: memorização. É importante destacar que nossa perspectiva não condena a memorização e nem a rejeita no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que esta é crucial para a comunicação, no entanto, o Pós-Método propõe uma visão mais além, que é a memorização dentro de um contexto de comunicação, ou seja, memorizar o código da língua - gramática, estruturas sintáticas, vocabulário, etc. - e fixa-lo através de experiências reais de comunicação. Entendemos que não é proveitoso para um aluno apenas memorizar listas enormes de palavras ou frases prontas e não saber utilizá-las de forma competente em sua fala.

As últimas dicas do material:

FIGURA 16 - Primeiros Passos: dica 5.

E-BOOK #UNO **FISK**

#5 DICA
CONVERSE COM VOCÊ MESMO EM ESPANHOL.

Essa é aquela estratégia que não pode faltar no seu repertório. E não, não é coisa de louco, muito pelo contrário, é uma das técnicas que mais vai ajudar você na hora de participar de uma *conversación*. E o bom disso é que você escolhe o assunto que mais te agrada. Converse em voz alta com você mesmo e, é claro, falando em espanhol.

Você pode falar sobre seus planos para o dia que está começando – dessa forma você treina o futuro. Agora, se for o final do dia, você fala sobre tudo o que fez – aí treina os tempos passados do espanhol. Você pode falar no seu quarto, no chuveiro, dentro do carro. Mas, se você estiver no ônibus ou na sala de espera do dentista, por exemplo, você

10

Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 17 - Primeiros Passos: Dica 6.

E-BOOK #UNO **FISK**

#6 DICA
CONFIE NA TECNOLOGIA.

Você se cansou de falar sozinho? Nem seu pet quer mais te ouvir falando em espanhol? Então, você pode se aliar à tecnologia. Na Internet, você encontra aplicativos, fóruns e sites de bate-papo específicos com falantes nativos, para praticar a *conversación*, e podcasts sobre diversos assuntos, que te ajudam a melhorar o seu *escucha*. Enfim, as opções são muitas e você, com certeza, vai

achar algo que se adeque às suas necessidades.

E que tal juntar uma galera que esteja interessada em praticar o *escucha* e montar um grupo em um app de mensagens?

Bom, como você acabou de ver, não tem mais desculpa para não praticar espanhol. Mãos à obra e vire esse jogo! Saia já do portunhol!

12

Fonte: Arquivo pessoal.

São interessantes por dois principais motivos: o apontamento para o uso da tecnologia e a recomendação para que o aluno se insira dentro de contextos reais de comunicação. Ambos contam a favor do material, pois são recomendações válidas a nível pessoal que incentivam a autonomia do estudante de língua espanhola. É importante mencionar também que a presença dos meios tecnológicos

no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras é bastante louvável na Era Pós-Método.

Em suma, em nossa análise, pudemos perceber que o material da Fisk reflete a sua metodologia, a qual, em nossa perspectiva, reflete o Método Clássico com alguns traços do Método Áudio-Lingual, mas não a sua proposta metodológica apresentada, que, em teoria, aponta para uma abordagem mais comunicativa. O que chama a atenção, de fato, é a tentativa de emular o discurso acadêmico enquanto não apresenta nenhuma autoridade acadêmica que valide o seu material. Também se faz pertinente destacar que esse traço sutil behaviorista presente no segundo livro baseia-se bastante em modelos de ensino de línguas estrangeiras intuitivos, ainda que estes também contem com alguma validação acadêmica, pois podem ser aproveitados em diversas metodologias que contenham uma abordagem mais comunicativa.

- WIZARD

O primeiro material de análise será o livro didático Wizard 1, da edição de 2014. Esse livro é da editora da própria instituição e é considerado por alguns críticos como sendo uma réplica de livros didáticos americanos. Sua utilização é direcionada para os estudantes do Básico 1 do curso de inglês. Algo importante a se mencionar é o fato de que esse livro é majoritariamente um livro de exercícios e está dividido em lições e, ao que parece, não possui uma introdução e nem nada mais interativo com o público como o primeiro livro da instituição anterior.

A análise começa com a primeira lição (Figura 18):

FIGURA 18 - Wizard 1: *Lesson 1*.

Lesson 1

To drink – beber

I drink
Eu bebo

You drink
Você bebe

I drink water
Eu bebo água

I drink juice
Eu bebo suco

You drink coffee
Você bebe café

You drink milk
Você bebe leite

I drink coffee and milk
Eu bebo café e leite

I drink water and juice
Eu bebo água e suco

I drink juice and soda
Eu bebo suco e refrigerante

I eat bread and I drink milk
Eu como pão e bebo leite

I eat cheese and I drink juice
Eu como queijo e bebo suco

I eat fish and I drink soda
Eu como peixe e bebo refrigerante

To eat – comer

I eat
Eu como

You eat
Você come

I eat bread
Eu como pão

I eat cheese
Eu como queijo

You eat Fish
Você come peixe

You eat meat
Você come carne

I eat bread and ham
Eu como pão e presunto

I eat bread and cheese
Eu como pão e queijo

I eat fish and meat
Eu como peixe e carne

I eat cheese and you eat ham
eu como queijo e você come presunto

I drink milk and you drink coffee
eu bebo leite e você bebe café

I eat bread and you eat cheese
Eu como pão e você como queijo

Verbs

To drink – beber, tomar
To eat – comer

Vocabulary

| | | | |
|-----------------|---------------------|--------------|--------------|
| Coffee – Café | Tea – Chá | Milk – Leite | Juice – Suco |
| Water – Água | Soda – Refrigerante | Fish – Peixe | Meat – Carne |
| Cheese – Queijo | Ham – Presunto | Bread – Pão | And- E |
| I – Eu | You – Você | | |

Expression

| | | | |
|----------------------|-------------------|--------------------|---------|
| Thank you – Obrigado | Thanks – Obrigado | Please – Por favor | Hi – Oi |
| Hello – Olá | Good bye – Tchau | | |

Fonte: Arquivo pessoal.

Aqui já se apresenta a principal estrutura da lição: primeiro vem o conteúdo gramatical apresentado basicamente na forma e no uso (bastante básico) desta, seguidamente são apresentados alguns exemplos estruturais desse uso, o qual é seguido pela apresentação dos verbos apresentados, que geralmente apresenta a forma infinitiva destes, logo abaixo vem a apresentação dos vocabulários em uma espécie de mini glossário e, por último, são apresentadas algumas expressões básicas da comunicação. Não está visível na figura, mas também há uma breve apresentação dos conteúdos gramaticais trabalhados na lição, o que, de fato, fecha essa estrutura.

Ao longo do livro, essa estrutura se repete exaustivamente e traz um elemento bastante curioso: o uso da tradução em seu conteúdo. É possível observar essa tradução abaixo ou ao lado da oração em inglês, algo que se assemelha bastante com o Método Clássico, ainda mais porque o livro não contém nenhum elemento visual como figuras e nem nada do tipo para apoiar o leitor em seu processo de assimilação da língua estrangeira estudada.

A seguir, ainda na mesma lição, já são introduzidos os exercícios:

FIGURA 19 - Wizard 1: Lesson 1 - exercício 1, parte um.

| Grammar | |
|---|-------|
| I drink – eu bebo, bebo | |
| I eat – Eu como, como | |
| You drink – Você bebe | |
| You eat – você come | |
| Complete | |
| 1- I _____ coffee and milk. | |
| 2- I _____ fish. Thank you. | |
| 3- I drink _____, please. | |
| 4- I eat _____, please. | |
| 5- I drink _____ and _____. | |
| 6- I eat _____ and cheese | |
| 7- Please, I _____ meat, thank you. | |
| 8- Please, I _____ ham, thanks | |
| 9- _____ eat _____. | |
| 10- _____ drink _____ | |
| Substitution Practice | |
| 1- I drink <u>milk and coffee</u> . / I eat <u>cheese</u> . | _____ |
| 2- I eat <u>fish and meat</u> , thank you. | _____ |
| 3- I drink <u>milk</u> and I eat <u>bread and ham</u> | _____ |
| 4- I eat <u>meat</u> . / I drink <u>milk</u> . | _____ |
| 5- I drink <u>juice</u> , please. | _____ |
| 6- I drink <u>soda</u> and I eat <u>bread and ham</u> | _____ |
| 7- I eat <u>fish</u> and I drink <u>juice</u> | _____ |
| 8- I drink <u>coffee</u> and <u>milk</u> | _____ |

Fonte: Arquivo pessoal.

O tipo de prática já nessa primeira parte é bastante previsível e um tanto inconsistente com uma abordagem comunicativa. O que se pode observar são práticas de exercícios repetitivos, onde o aluno demonstrará o claro perfil de um repetidor. Os exercícios apresentados se dividem em dois: 1. Preencher espaços (Complete) e 2. Exercício de substituição (Substitution Practice), os quais se encaixam nos critérios do próprio Marco Comum Europeu como uma das práticas de exercícios para os alunos, mas que, no entanto, são utilizados fora de contexto pelo material, razão pela qual nossa análise identifica a sua inconsistência com uma metodologia que segue alguma abordagem comunicacional.

Outra coisa que chama a atenção é o fato de os exercícios serem um tanto mecânicos, o que basicamente quer dizer que basta o aluno memorizar uma regra de uso que ele conseguirá replicá-la de forma competente dentro de um contexto gramatical, mas, com toda a certeza, não conseguirá utilizar dentro de um contexto real de fala. E o que ainda pode ser mais grave é o fato de a instituição utilizar isso – e tudo aponta para que sim – como um medidor de conhecimento dentro de seus testes de proficiência na língua estrangeira em questão.

A segunda parte do exercício:

FIGURA 20 - Wizard 1: Lesson 1 - exercício 1, parte dois.

| Listening | |
|---|---|
| 1- | _____ |
| 2- | _____ |
| 3- | _____ |
| 4- | _____ |
| 5- | _____ |
| Written Practice | |
| 1. | Eu bebo / Eu como / Comer / Beber |
| 2. | Eu bebo suco / Eu como carne / Obrigado |
| 3. | Eu como peixe e bebo água/ tchau |
| 4. | Oi / Eu bebo café / Por favor |
| 5. | Olá / Eu como pão e queijo |
| 6. | Você come presunto e bebe água |
| 7. | Você bebe café e leite e eu como pão com queijo |
| 8. | Eu como pão, presunto e queijo / obrigado |
| Life is an eternal process of self-discovery. | |

Fonte: Arquivo pessoal.

Já demonstra algo um tanto “interessante”: o exercício da habilidade de ouvir (*Listening*) e a prática da tradução. Tudo isso aparentemente indica uma variação, mas no final, aponta para o caminho da repetição. A prática da tradução literal nos parece ainda mais grave por conta do incentivo à busca por parte do aluno por estas e estimulando uma dependência pelos dicionários. Isso, por si só, dificulta a prática da comunicação, uma vez que um estudante dependente de traduções literais leva ainda mais tempo para se localizar dentro de um contexto real de fala onde precisará ser competente no entendimento de termos e conceitos abstratos, além das diversas figuras de linguagem presentes na língua falada. E tudo fica ainda mais complicado dentro da língua inglesa, pois sabe-se que é uma língua que tem um vocabulário repetitivo onde palavras podem adquirir significados completamente opostos a depender de seu contexto. O livro também não leva em consideração as diferentes respostas que um indivíduo pode dar dentro de uma mesma situação.

O fato apresentado acima não é de surpreender uma vez que a Wizard tem sua metodologia de ensino, o PNL – Programação Neurolinguística, essencialmente behaviorista, onde a repetição é uma prática comum e até louvável e onde a língua é vista como um conjunto de hábitos que precisam ser internalizados por parte dos alunos.

As lições do livro, como já antes mencionado, são repetidas e apresentam pouquíssimas variações e essas serão apresentadas no presente parágrafo, uma vez que se faz desnecessário e exaustivo compreender cada uma das lições do livro. Indo para a lição número quatro (Figura 21), encontramos:

FIGURA 21 - Wizard 1: Lesson 4.

Lesson 4 Conversation

I drink coffee in the morning.
I don't drink coffee in the morning, but I drink tea.
I eat cheese in the afternoon.
I don't eat cheese in the afternoon, but I eat bread and ham.
I work with my father.
I don't work with my father, but I work with my brother.
I play the piano.
I don't play the piano, but I play the guitar.

Speak Right Now

there - at night - Portuguese - alone - teacher - now - bread - glass - children - my

Oral Practice

- 1- I drink juice.
- 2- You work at night.
- 3- I eat ham.
- 4- You play the violin.
- 5- I drink tea.
- 6- You study English.
- 7- I speak Portuguese.
- 8- You eat meat.
- 9- I eat cheese in the morning.
- 10- You speak with the teacher.
- 11- I play with my sister.
- 12- You work with my brother.
- 13- I study with my sister.
- 14- You drink tea in the evening.
- 15- I eat bread and butter.
- 16- You drink coffee at night.
- 17- I study and work.
- 18- You play tennis.
- 19- I speak with my brother.
- 20- You work at the store.

Eu como pão com manteiga
Único caso que não usa with - com

Unscramble

- 1- Children, I, with, speak, in, the, my, evening, English
- 2- Don't, morning, study, I, in, the
- 3- Afternoon, work, in, the, I, School, at
- 4- Juice, bread, I, I, but, eat, don't, drink
- 5- Tea, only, I, milk, drink, and

Fonte: Arquivo pessoal.

Aí temos a variação na estrutura do livro, a qual se repete a partir desse momento a cada duas lições: a introdução dos exemplos de conversação e a prática oral. Ambas, vale ressaltar, também são condicionadas à repetição. O material áudio-linguístico utilizado – que passa a ideia de contato com o insumo autêntico da língua – são os CDs que acompanham o livro físico e o formato em e-book, que são, em sua maioria, replicações de áudios estandardizados da língua estrangeira, chegando até mesmo a serem robóticos.

A lição número seis (Figura 22), basicamente, traz a mesma fórmula da lição anterior com os mesmo exercícios, porém com um espaço menor para a prática da oralidade:

FIGURA 22 - Wizard 1: Lesson 6.

Lesson 8 Conversation

Do you speak Portuguese at home?
No, I don't speak Portuguese. I speak English.

Do you work in the morning?
No, I don't work in the morning. I work at night.

Do you drink tea with your friends?
Yes, I like to drink tea with my friends in the afternoon.

Do you speak English with your brother?
No, I speak English with my sister.

Speak Right Now

Every day – child – friend – with me – book – this – big – small – new – old

Questions

1. Do you speak English? / French / Portuguese.
2. Do you like to sleep in the morning? In the afternoon / in the evening.
3. Do you drink coffee or milk for breakfast? / juice – coffee / juice milk.
4. Do you study English with your brother? / sister / friend.
5. Do you eat meat for breakfast? for lunch / for dinner.
6. Do you drink juice at night? in the morning / in the afternoon.
7. Do you play with your son every day? / daughter / children.
8. Do you eat bread and cheese at school? cheese ham / bread ham.
9. Do you study English or Portuguese at school? / French – Portuguese
10. Do you like to sleep or work at night? / study – work / sleep study
11. Do you study your English lessons alone? / French / Portuguese
12. Do you eat cheese or ham for breakfast? cheese – bread / ham -bread

Complete with

eat / drink / like / study / sleep / work / speak / play

1. I _____ milk for breakfast.
2. I _____ English at school.
3. I _____ bread and cheese for dinner.
4. I _____ at night.

Fonte: Arquivo pessoal.

Note-se a apresentação explícita do uso do pergunta-resposta (uma variação do estímulo-resposta), um traço behaviorista presente no campo da educação.

A seguinte lição, no entanto, apresenta algo um tanto inovador dentro do material, sendo a única aparição deste dentre todas as lições: a menção a um elemento cultural, o que pode ser entendido como uma tentativa de contextualização:

FIGURA 23 - Wizard 1: Lesson 8.

Lesson 8 Conversation

Do you want to go downtown with me tomorrow?
I don't want to go downtown. I want to go to the movies.
Do you want to sleep or study English now?
I want to study English now.
Do you drink coffee or tea in the morning?
I like to drink coffee and milk in the morning.
What do you like to eat for breakfast?
I like to eat only bread and ham for breakfast.

Speak Right Now

downtown – spell – church – movies – tomorrow – big – small – week – home – parents

Questions

- 1- What do you eat for breakfast? / for lunch / for dinner.
- 2- Do you want to go downtown with me today? / to the movies / to the game.
- 3- Do you study in the morning or in the afternoon? / work / sleep.
- 4- Do you like your neighbor? / teacher / new house.
- 5- Do you want to drink juice now? / coffee / tea.
- 6- How do you spell your name? my / Wizard.
- 7- Do you study English at night? / in the morning / in the afternoon.
- 8- Do you drink a cup of tea in the afternoon? / coffee / milk.
- 9- Do you play the piano? / guitar / violin.
- 10- Do you like to drink coffee or juice for breakfast? / coffee – tea / milk – juice
- 11- Do you work in a bank or in a store? / home – office / school – church.
- 12- What do you like to play? / drink / eat.

Culture

Valentine's Day
Dia dos namorados

Valentine's Day is a special day
O dia de São Valentim é um dia especial
for children and adults.
para crianças e adultos.
On this day, americans buy chocolate
and presents for friends.
Neste dia, os americanos compram chocolates
e presentes para os amigos.
Valentine cards with a heart,
Cartões com um coração,
are very popular.
são muito populares.
Americans celebrate this day in February
Os americanos comemoram este dia em Fevereiro
with parties at school and at home.
com festas na escola e em casa.
The message on Valentine's day is, "I love you".
A mensagem no dia dos namorados/amizade é "eu te amo"

Labor Day
Dia do Trabalho

Labor Day is celebrated
O dia do trabalho é celebrado

Fonte: Arquivo pessoal.

O que surpreende, de fato, é que até mesmo no texto apresentado – o qual foge do padrão apresentado pelo livro – a tradução literal não deixa de estar presente. Esse é um fato estranho para uma abordagem comunicativa, principalmente se tratando do Pós-Método, pois aqui o aluno não está utilizando a tradução como um recurso para ajudar em seu processo comunicativo como é pertinente em uma metodologia cujo objetivo seja desenvolver tal competência, mas sim sendo levado à dependência da tradução mental, o que prejudica muito a sua articulação social.

Como já mencionado anteriormente, o livro didático analisado, o Wizard 1, apresenta um modelo repetitivo e pouco variado de atividades. Também não apresenta recursos visuais como apoio para o aluno e também não possui, se tratando de seu conteúdo gramatical, nenhum tipo de contextualização concreta que leve o estudante a algum contexto comunicativo. Este nem mesmo se encaixa nos critérios apresentados pelo Marco Comum Europeu e muito menos em nosso critério, uma vez que não é consistente nem mesmo com a própria metodologia proposta pela instituição.

O livro apresenta estruturas gramaticais, mas não explica a sua utilização e nem mesmo consegue contextualizá-las. Apenas as coloca de forma um tanto solta e resumida – ao ponto de não apresentar estruturas completas como na apresentação dos verbos, onde não mostra a conjugação completa – e ao lado de uma tradução literal. Os exercícios são, em sua esmagadora maioria, de repetição e memorização. Podemos ir mais além: o livro não atende às necessidades do grupo ao qual é destinado, uma vez que os alunos do A1 não serão capazes de se apresentarem, de apresentarem outras pessoas, não conseguirão atender às suas necessidades mais básicas e concretas e nem falarem sobre o local onde vivem ou sobre as coisas que tem como é pertinente ao usuário básico da LE em questão.

Em suma, podemos concluir que a análise mostra um material que reflete o método para o qual a metodologia é direcionada: o Método Áudio-Lingual. E, ao contrário dos livros da Fisk, demonstra traços behavioristas fortemente evidentes. Outra coisa interessante de se mencionar é que o Método Áudio-Lingual não exige que professores sejam, de fato, proficiente na língua que ensinam, o que chega a ser preocupante vindo de uma instituição que se intitula uma das melhores do mundo cuja metodologia é utilizada para o desenvolvimento da Competência Comunicativa, levando-nos à seguinte questão: a Wizard forma bons comunicadores ou bons repetidores?

O seguinte material analisado é o livro em formato de e-book intitulado **7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês**, acessado em 2022, o qual é o único de sua coleção. Não se pode saber exatamente o grupo de alunos para o qual este é direcionado, porém presumimos que o grupo de falantes básicos, o A1, seja um de seus alvos. Ao contrário do livro anterior da atual instituição já analisado no presente artigo, o **7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em inglês** é mais organizado e mais bem estruturado. Conta com uma capa, com sumário e até mesmo uma introdução. Elementos visuais estão presentes, algo inexistente anteriormente.

FIGURA 24 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: Capa.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: Sumário.



Fonte: Arquivo pessoal.

No referente à figura 24, pode-se perceber que a estética do material é um tanto inovadora no sentido visual, do estilo, que é inspirado em muitos livros didáticos estadunidenses. Já no título do livro, é possível perceber o seu caráter prescritivo e – podemos ir mais além – determinista: “7 passos que você **deve** seguir para...”, ou seja, será esse o único caminho? Seria esse o único método para se alcançar tal objetivo na LE estudada? E, como já esperado, não aparece nenhuma autoridade acadêmica ao qual o material se submeta, mas sim a logo da instituição, representando sua própria editora.

Ao começar a análise da introdução, que antecede o sumário, já nos deparamos com o seguinte trecho afirmativo:

[...] E quando falamos de fluência, queremos dizer a capacidade de dominar o conteúdo aprendido e de usá-lo na comunicação sem maiores problemas. Mas viemos dar uma notícia em primeira mão para você: **a fluência no inglês depende da sua dedicação ao aprendizado do idioma** (WIZARD, 2022, p. 2. Grifo nosso).

A estrutura também se parece muito com os materiais da instituição anterior, a Fisk, pois traz a mesma tentativa de simulação do discurso acadêmico, mas que desta vez, vai mais além, demonstrando claramente o uso de, como apontado por Freitas (2010), verbos no presente e o uso da terceira pessoa no lugar de um co-enunciador na tentativa de dar um caráter mais objetivo ao texto. Também aparece – aqui com mais força – uma busca pela precisão, principalmente no trecho onde diz: “E quando falamos de fluência, queremos dizer a capacidade de...”.

Para um maior aprofundamento na discussão sobre a simulação do discurso acadêmico, é de extrema importância pontuar as características já apontadas por Freitas (2008, p. 172-175), que são:

[...] O emprego de recursos que têm o objetivo de criar a ilusão da evidência empírica, da objetividade. Vê-se uma busca pela univocidade dos termos (*„Interferência puede ser descrita como...”*), a utilização de linguagem predominantemente denotativa, a preocupação com a precisão (*„La técnica básica de enseñanza se divide en dos partes”*), a pretensão da

neutralidade e de universalismo („... *la internalización es el modo más rápido para obtener automatismo en el lenguaje.*”).

Cabe ressaltar que essas características aparecem também no *Primeros Pasos* da Fisk, e aparecem de uma forma mais direta e prescritiva no livro analisado no presente tópico, o **7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês**, da Wizard. No segundo parágrafo, ainda há uma exposição de traços behavioristas ainda mesmo na introdução: “a fluência no inglês depende da sua dedicação ao aprendizado do idioma”, onde o professor – em seu papel de condicionador, de treinador – é isentado de praticamente toda a sua responsabilidade dentro do ensino-aprendizagem no que diz respeito ao desempenho dos seus alunos. Essa é uma característica bastante comum dentro do Behaviorismo aplicado no campo da educação²², onde não importa o professor que tenha – se é competente ou não –, o aluno precisa ser bom em um determinado conteúdo.

Quanto ao sumário, o qual é bastante esclarecedor quanto ao objetivo do livro, que é ajudar o aluno a conseguir a fluência na LE, no caso a Língua Inglesa, contando a favor do material no quesito de clareza e objetividade, percebe-se o emprego do imperativo: “tenha...”, “faça...”, “saia...”, “estude...”, “tenha...”, outra característica redundantemente behaviorista, a qual, indireta ou diretamente busca algum nível de obediência por parte do estudante à prescrição.

No primeiro passo (Figura 26):

FIGURA 26 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: Passo um.

²² Chamado de Behaviorismo Metodológico defendido especificamente por Watson;



SAIA DA ZONA DE CONFORTO

É muito comum termos preferências na hora de usar palavras e expressões em inglês que aprendemos em uma conversa. E isso é muito bom para você conseguir se comunicar com mais rapidez, mas isso somente quando você está começando a aprender o idioma e está no nível básico. Se você quer conquistar a fluência, deve deixar essas preferências de lado.

A ideia é que você refine, cada vez mais, o seu repertório, aprendendo sinônimos de uma mesma palavra ou expressão, diferenciando a linguagem formal da informal, utilizando cada vez mais os phrasal verbs e inserindo as gírias e expressões da língua nas suas conversas.

Aceite desafios! Acesse um site famoso de notícias em inglês e leia as manchetes do dia. Assista a um canal no YouTube sobre um assunto que você não domina. Ouça um podcast sobre algum tema polêmico. Assista a um episódio de uma série aleatória em inglês com legendas em inglês ou até mesmo sem elas. O importante é você estar sempre se testando no contato com o idioma.

03

Há um elemento ainda bastante interessante: uma justificativa à prescrição, como podemos ver abaixo:

“É muito comum termos preferências na hora de usar palavras e expressões em inglês que aprendemos em uma conversa. E isso é muito bom para você conseguir se comunicar com mais rapidez, mas isso somente quando você está começando a aprender o idioma e está no nível básico. Se você quer conquistar a fluência, deve deixar essas preferências de lado” (WIZARD, 2022, p.3).

Esse elemento se repete também no segundo livro da Fisk, mas aqui se utilizam palavras mais diretas. Enquanto no *Primeros Pasos* a prescrição acontece de forma mais sutil, em forma de dicas, algo mais informal na tentativa de se aproximar do leitor e sem utilizar o imperativo de forma direta, no livro atual, tudo acontece mais abertamente, de forma esclarecida, com uma linguagem mais voltada para o discurso acadêmico. E a dinâmica, a nível comparativo, de ambos os livros é parecida: a prescrição é feita e logo embasada por dados para justifica-la. E no segundo, ainda há um elemento adicional: a prescrição é apresentada como a condição para se conseguir algum objetivo específico na língua estrangeira estudada.

“Assista a séries, filmes e novelas em espanhol. Essa é mais uma daquelas dicas de ouro. Dependendo do foco que você escolher, ela pode ajudar em determinada área do seu desenvolvimento no idioma. **Assista a uma série, filme ou novela no áudio original e sem a legenda ou, então, use a legenda em espanhol.** Essa dica é importante, pois é assim que o seu *escucha* vai melhorar. E, acredite, sua *comunicación oral* também melhora, pois segue a mesma linha da dica anterior, você vai aprender vocabulário, expressões e gírias” (FISK, 2022, p.5. Grifo do autor).

“Tenha uma rotina. É interessante incluir tudo o que você aprende em sala de aula numa rotina de estudos paralelos em casa. Mas, apesar de ser um complemento do que o professor te ensina, isso não quer dizer que deva ser apenas um exercício eventual. Avalie a sua rotina semanal, procure horários em que você esteja descansado e comece a criar o hábito de estudar nesses horários” (WIZARD, 2022, p.4).

É possível observar que na forma estrutural, ambos os livros apresentam um padrão: prescritivo com um simulacro de discurso acadêmico, o qual “reveste o texto de um caráter de autoridade que é atribuída em nossa sociedade ao conhecimento científico. Assim sendo, trata-se de uma estratégia argumentativa que busca a adesão ao leitor; nesse caso, a adesão às prescrições presentes no livro” (FREITAS, 2008, p. 174) ainda que este não apresente nenhuma autoridade acadêmico-científica para embasar o seu conteúdo.

No segundo passo do livro analisado (Figura 27)

Figura 27 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: passo dois.



TENHA UMA ROTINA

É interessante incluir tudo o que você aprende em sala de aula numa rotina de estudos paralelos em casa. Mas, apesar de ser um complemento do que o professor te ensina, isso não quer dizer que deva ser apenas um exercício eventual. Avalie a sua rotina semanal, procure horários em que você esteja descansado e comece a criar o hábito de estudar nesses momentos.

Separe o conteúdo que foi visto em aula e pesquise mais sobre ele na internet. Faça exercícios de fixação, procure textos em que o tema apareça e escreva situações e diálogos nos quais você pode utilizar o que aprendeu. O ideal é separar de 30 minutos a 1 hora de estudo para cada dia.

A ideia é fazer com que isso acabe se tornando um hábito. Essas atividades, se realizadas com regularidade, podem ser responsáveis por acelerar a sua fluência. Por isso, lembre-se: o comprometimento maior é com você mesmo e com os seus objetivos.

04

Fonte: Arquivo pessoal.

Encontra-se outra manifestação do Método Áudio-Lingual: a visão do ensino-aprendizagem de uma LE como um hábito que precisa ser aprendido e automatizado.

“Separe o conteúdo que foi visto na aula e pesquise mais sobre ele na internet. Faça exercícios de fixação, procure textos em que o tema apareça e escreva situações e diálogos nos quais você pode utilizar o que aprendeu. O ideal é separar de 30 minutos a 1 hora de estudo para cada dia. **A ideia é fazer com que com isso acabe se tornando um hábito.** Essas atividades, **se realizadas com regularidade, podem ser responsáveis por acelerar a sua fluência.** Por isso, lembre-se: o comprometimento maior é com você mesmo e com os seus objetivos”. (WIZARD, 2022, p.4. Grifo nosso).

É pertinente mencionar que o princípio pedagógico do Pós-Método não é contra nenhum tipo de rotina de estudos por parte do aluno, pois acredita-se também que uma boa disciplina é benéfica principalmente se tratando do processo de aprendizagem de uma LE. No entanto, vale destacar que é estranho e um pouco contraditório detectar processos que remetem ao Behaviorismo em um texto de um

material pertencente a uma instituição que, em teoria, prega que o objetivo de seu curso é desenvolver a capacidade comunicativa de seus alunos.

Dentro de um contexto de ensino de uma LE que segue o Pós-Método, o qual – é necessário destacar -, fora construído em oposição às ideias behavioristas do Método Áudio-Lingual, didaticamente é pertinente que o professor incentive o aluno a montar um plano de estudos da língua que está sendo ensinada e a exercitar o que aprendeu em casa, uma vez que tal recomendação ajuda a desenvolver a autonomia do estudante. No entanto, dar ordens para que isso seja feito de uma forma determinada, por um tempo determinado e com materiais pré-determinados é algo que foge totalmente deste princípio pedagógico. Basicamente, o Pós-Método trabalha com possibilidades. Isso quer dizer que o professor pode sim dar recomendações para planos de estudos, mas apresentando as diversas possibilidades que o seu aluno pode seguir para a montagem destes. Essas possibilidades podem até mesmo partir de alguma experiência pessoal. O que não é compatível com o princípio pedagógico em questão é a recomendação de um único modelo de estudo como sendo o ideal para todos os alunos sem considerar o contexto que pode cercá-los e a individualidade de cada um no próprio processo de aprendizagem da LE.

Seguindo adiante, no passo número três (Figura 28)

FIGURA 28 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: passo três.



ESTUDE A GRAMÁTICA

Apesar de ser muito mais leve aprender outro idioma focando apenas na conversação, não deixe o estudo da gramática de lado. É ela que vai determinar a estrutura das frases e te ajudar a se expressar de modo correto em qualquer situação.

Ter um vocabulário extenso é ótimo para qualquer estudante, mas saber qual preposição é a mais adequada em diversos casos, qual é a conjugação correta de um determinado tempo verbal ou como usar um adjetivo da melhor forma é essencial para dominar o idioma.

Dedique um tempo dos seus estudos à gramática. Para ser fluente, não basta "se virar" em inglês e fazer com que as pessoas te entendam minimamente; é importante conseguir se expressar no idioma sem cometer erros estruturais e gramaticais. Além disso, seus estudos de gramática podem garantir os pontos necessários naquela prova difícil ou ser uma peça fundamental para você conquistar o emprego dos seus sonhos.

f t in

05

Fonte: Arquivo pessoal.

Encontra-se uma recomendação válida, o que conta a favor do material. É certo que o estudo da gramática é um passo essencial para o estudo de qualquer língua estrangeira, uma vez que o aluno precisa conhecer o código e as estruturas linguísticas desta para o desenvolvimento de sua competência gramatical. Um vocabulário extenso é de suma importância para a comunicação. No Pós-Método, ainda que o desenvolvimento da fala seja priorizado principalmente para alunos básicos, a gramática também é utilizada, porém de uma forma ordenada crescente. Isso quer dizer que o aluno é exposto enquanto está assimilando a pronúncia da LE às suas estruturas gramaticais mais básicas – que chamamos de Gramática de Primeiro Contato -, a qual tem um caráter mais funcional no intuito de atender às necessidades mais básicas de um falante como: cumprimentar, se despedir, dizer o próprio nome, perguntar o nome de outra pessoa, dizer a própria idade, perguntar a idade de outra pessoa, agradecer, etc. e posteriormente vai sendo exposto às estruturas mais complexas.

O que, de fato, diferencia o estudo da gramática proposto pelo livro analisado de uma abordagem gramatical dentro do princípio do Pós-Método são os objetivos. Enquanto que no segundo o estudo da gramática tem por foco a comunicação e seu aprimoramento, no primeiro, aprender a gramática deve ser estudada pois “seus estudos de gramática podem **garantir** os **pontos necessários** naquela prova difícil ou ser uma peça fundamental para você **conquistar** o **emprego dos sonhos**” (WIZARD, 2022, p.5. Grifo nosso). Não é proibido ou repudiável estudar a gramática de uma LE com esse mesmo propósito dentro do Pós-Método, uma vez que cada estudante tem os próprios objetivos. O que é passível de críticas é a proposta do estudo desta exclusivamente para garantir pontos em tal prova ou conquistar algum emprego, como o livro coloca ou tenta colocar.

No quarto passo (Figura 29):

FIGURA 29 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: passo número quatro.



**NÃO COMPARE
COM O PORTUGUÊS**

Um dos erros mais comuns cometidos por aqueles que estão em busca da fluência em inglês é comparar o idioma, o tempo todo, com o português. Antes de tudo, você precisa entender que as línguas não são iguais e, por isso, têm estruturas e regras diferentes. Não há a necessidade de se buscar referências na sua língua materna o tempo todo; você precisa entender que elas são sistemas diferentes.

Por isso, é indispensável que você comece a compreender o contexto de uma frase em vez de tentar traduzir mentalmente palavra por palavra. Isso favorece o seu entendimento como um todo e diminui o tempo de resposta em um diálogo.

Do mesmo modo que existem algumas expressões e gírias em português, que são bem difíceis de traduzir literalmente para o inglês, a situação inversa também acontece com muita frequência. Um exercício muito eficiente é começar a pensar em inglês; conte para si mesmo o que fez no dia, pense em como você falaria os nomes dos objetos que estão à sua volta ou imagine como contaria alguma experiência sua. O importante é sempre praticar!



f t in

06

Fonte: Arquivo pessoal.

Aparece o que é, em nossa perspectiva, um dos elementos mais contraditórios dentro do material da metodologia proposta pela Wizard. O passo é não comparar a língua estrangeira – a língua inglesa – com a língua materna, pois “um dos erros mais comuns cometidos por aqueles que estão em busca da fluência em inglês é comparar o idioma, o tempo todo, com o português” (WIZARD, 2022, p. 6) e o argumento se baseia no fato de ambas as línguas não sejam iguais e que obviamente suas estruturas gramaticais sejam completamente diferentes. Isso é um argumento que concordamos principalmente por estar se tratando de línguas pertencentes a famílias diferentes, no caso do português, uma língua neolatina, e o do inglês, uma língua germânica, e também porque seguimos o princípio de que cada língua tem as suas particularidades gramaticais e funcionais. A contradição está no fato de que ao mesmo tempo em que a instituição propõe que as línguas não sejam comparadas e que o aluno não recorra às traduções mentais, contém traduções em seus livros didáticos, como se comprovou nas figuras 21-23.

O texto vai mais além:

Antes de tudo, você precisa entender que as línguas não são iguais e, por isso, têm estruturas e regras diferentes. Não há a necessidade de se buscar referências na sua língua materna o tempo todo; você precisa entender que elas são sistemas diferentes. Por isso, é indispensável que você comece a

compreender o contexto de uma frase em vez de tentar traduzir palavra por palavra. Isso favorece o seu entendimento como um todo e diminui o tempo de resposta em um diálogo (WIZARD, 2022, p.6).

Mostrando uma evidente ênfase no fato de que as línguas inglesa e portuguesa são diferentes em suas regras e estruturas gramaticais e que o aluno precisa entender tal fato. Isso pode ser entendido como uma tentativa de validar o discurso e agregar empirismo, ou seja, outro simulacro de discurso acadêmico.

No texto seguinte, no passo de número cinco (Figura 30):

FIGURA 30 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: Passo cinco

APRENDA SE DIVERTINDO

Se você curte ficar em casa maratonando a sua série preferida, também pode estudar inglês com ela! Assistir a filmes e séries com legendas em inglês é perfeito para turbinar o seu listening e o seu reading, ao mesmo tempo em que você consegue verificar a estrutura das frases e a pronúncia de cada palavra. Caso você tenha dúvidas sobre o significado de algo, é só pausar e pesquisar. Ficou fácil? Então experimente assistir sem as legendas, prestando atenção ao diálogo e à entonação.

Você também não perde os últimos lançamentos do mundo da música? Saiba que ouvir as canções de que você mais gosta é um ótimo exercício. Estudar inglês com músicas fará com que você aprenda novas expressões, gírias e vocabulário do cotidiano, além de aprender a pronúncia de várias palavras. E se você as ouvir acompanhando a letra, também verá como as palavras são escritas.

Não consegue sair das redes sociais? É só usar a internet a seu favor! Acompanhe páginas de marcas internacionais e perfis de estrangeiros para que você consiga se manter sempre atualizado em relação à linguagem informal e às gírias utilizadas na internet. Além disso, você pode usar a rede para conversar com nativos ou outros falantes do idioma. É comum encontrar páginas que conectam estudantes de inglês de todo o mundo para que aprendam juntos.

07

Fonte: Arquivo pessoal.

É interessante observar a saída de um conteúdo que tenta se apresentar mais empírico e formal para **outro** que passa uma impressão mais informal. Aqui, já se vê a recomendação voltada para os meios mais modernos incorporados ao processo de ensino-aprendizagem de uma LE, que são os elementos audiovisuais como filmes, séries, músicas, etc. e as redes sociais também. Essa parte conta a favor do material, uma vez ajuda o aluno a praticar por si mesmo suas competências na língua estrangeira que está aprendendo, ajudando-o também em sua imersão

nesta. Com imersão se quer dizer a cultura, aos contextos mais informais e também aos outros contextos sociolinguísticos que a língua é utilizada: profissional, literário, jornalístico, etc.

O passo número seis (Figura 31) repete essa mesma estrutura, porém agrega um elemento mais behaviorista que é a questão dos prazos e a recompensa. Também mostra bastante a questão da comercialização da língua, apresentando objetivos de aprendizagem de uma LE como “conseguir um emprego melhor” ou “estudar em uma faculdade fora do país”, ou seja, objetivos que apontam para o capital de alguma forma. Ainda há certo contraponto na colocação de termos como “intercâmbio”, que parece sugerir algo mais cultural, no entanto, que aponta para o mesmo caminho, ou seja, o comércio.

FIGURA 31 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: Passo seis.



Fonte: Arquivo pessoal.

Outro contraponto encontrado é o seguinte trecho:

Independentemente do que você busca ao aprender uma língua, trace pequenas metas à medida em que avança nos seus estudos: cantar a sua canção favorita sem precisar ler a letra, assistir ao filme de que mais gosta sem legendas ou até contar ao seu professor alguma história depois das

aulas. A cada vez que notar que avançou no aprendizado, permita-se receber uma recompensa. (WIZARD, 2022, p. 8).

Essa parte é relevante, pois é a menção mais clara ao Pós-Método que se encontra em todo o material. Mesmo que indiretamente, o texto menciona algumas características do Enfoque por Tarefas, umas grandes propostas deste, o qual é basicamente uma forma de avaliar o processo de aprendizagem de um aluno através de atividades de uso da língua estrangeira e não de atividades estruturais e sintáticas propostas pelo próprio Método Áudio-Lingual. Esse enfoque também permite que o aluno participe do próprio processo avaliativo. No entanto, o texto não apresenta uma sistematização do Enfoque por Tarefas pelo simples motivo de que sua metodologia funciona – além de apontar diretamente para o Áudio-Lingual – com base em modelos de ensino-aprendizagem, os quais, como antes mencionado, eram intuitivos.

O último passo (Figura 32) é o que mais chama a atenção de nossa análise pelo simples motivo de ser o mais contraditório do material tanto para o método que segue quanto para a própria proposta metodológica da instituição.

FIGURA 32 - 7 passos que você deve seguir para alcançar a fluência em Inglês: Passo sete.



NÃO TENHA VERGONHA DE ERRAR

Entenda que o aprendizado do inglês é um processo que deve ser feito em etapas e que errar faz parte de todas elas. A grande diferença está na maneira como você lida com os seus equívocos no idioma. Se é comum não sabermos o significado de algumas palavras ou usarmos errado as concordâncias verbais mesmo na língua materna, por que seria diferente em outro idioma?

Por isso, deixe a timidez de lado e pergunte sempre! Se estiver conversando com alguém e não entender alguma palavra ou expressão, aprender o seu significado só vai aumentar ainda mais o seu conhecimento no idioma. Faça da curiosidade um hábito.

Gostou? Então siga essas dicas, dedique-se, acredite no seu potencial e rumo à fluência!

Fonte: Arquivo pessoal.

Aqui a recomendação se volta para a forma como o aluno deve lidar com os próprios erros linguísticos na LE que está aprendendo e o texto tem um tom brando quanto a essa questão, o que, mais uma vez, é entendido, em nossa perspectiva, uma forma de buscar a adesão do leitor. O tom brando também é informal.

Não tenha vergonha de errar. Entenda que o aprendizado do inglês é **um processo que deve ser feito em etapas e errar faz parte de todas elas.** A grande diferença está na maneira como você lida com os seus equívocos no idioma. Se é comum não sabermos o significado de algumas palavras ou usarmos errado as concordâncias verbais mesmo na língua materna, por que seria diferente em outro idioma? (WIZARD, 2022, p.9).

A contradição ocorre no momento em que se analisa a proposta metodológica proposta pela própria Wizard:

“Programação Neurolinguística é a forma natural de aprendizagem, assim como se aprendeu a falar o português. Primeiro escutando, programando a linguagem e depois falando algumas palavras. Desta forma, o processo pedagógico focado inicialmente na conversação, torna a aprendizagem prazerosa e estimulante. Fazendo com que os alunos da Wizard aprendam a falar o idioma de **forma correta** e nunca mais esqueçam[...] O aluno da Wizard é estimulado a falar em um novo idioma desde o primeiro dia de aula. Esta metodologia de ensino possibilita a prática da conversação, leitura, escrita e compreensão auditiva em um curto período de tempo. Graças ao avançado método, o aluno é estimulado a se expressar livremente, vencer inibições e a romper bloqueios durante o aprendizado.” (WIZARD, 2022. Grifo nosso).

No texto acima é claro a preocupação metodológica da instituição com o “aprender corretamente”, o “aprender sem erros”, o que reflete a essência do método que segue. É pertinente lembrar que a essência behaviorista do Áudio-Lingual não permite erros, e estes são vistos como um impedimento para a aprendizagem. O aluno dentro desse contexto deve ter uma ortografia perfeita na LE e saber pronunciá-la perfeitamente, tendo como modelo o falante nativo. E a forma que se chega a tal objetivo é através da repetição. O texto apresenta os eventuais

erros cometidos pelo aluno na LE como parte do processo de aprendizagem, algo que é característico do Pós-Método, porém dentro de um contexto behaviorista, estes são vistos como algo extremamente negativo e inesperado. A partir desse fato, surge uma pergunta: como é possível que uma instituição que tem uma metodologia claramente behaviorista, um princípio que condena os erros dentro de um contexto de aprendizagem, apresenta um material que os relativiza?

Essa façanha por parte da Wizard não se encaixa nem mesmo dentro do Princípio do Ecletismo Esclarecido, um dos princípios que formam o conceito do Pós-Método, apresentado por Brown (1997), o qual é basicamente a sugestão de uma flexibilidade por parte do professor dentro de outros métodos na busca pelas atividades que mais lhe convém, o que pode ser baseado também em experiências anteriores. Isso quer dizer, basicamente, uma junção de dois ou mais métodos na busca de uma metodologia própria, uma vez que a maioria de seus professores possui um treinamento dado pela instituição como forma de substituição de sua formação acadêmica e não possuem noções de conhecimento metodológico de ensino-aprendizagem de uma LE, sendo apenas aplicadores.

Em suma, de acordo com a nossa análise, os livros didáticos pertencentes ao Curso Livre de Idiomas Wizard refletem o método que a sua metodologia segue: o Método Áudio-Lingual. O primeiro livro, o Wizard 1 mostra-se ainda mais áudio-linguístico, uma vez que seus exercícios são basicamente repetitivos e há também o uso da tradução literal – o que pode ser entendido como um traço sutil do Método Clássico –, em seu conteúdo. O segundo trata-se de um manual, como já mencionado, que demonstra a visão behaviorista de que a língua é um hábito que precisa ser automatizado e suas prescrições com palavras imperativas aparecem como sua maior e mais concreta demonstração.

Ambos os livros são compatíveis com o Método Áudio-Lingual, no entanto, não correspondem a uma abordagem comunicativa como a própria metodologia do curso alega. Encaixam-se nos critérios do Marco Comum no que diz respeito ao desenvolvimento da competência gramatical do aluno – no caso do W1 –, pois expõe o estudante às estruturas gramaticais da LE e possui exercícios que o ajudam a fixar o que aprendeu, porém não se encaixam em nosso critério, pois não condizem com uma metodologia com uma abordagem comunicativa como a Wizard

mostra. O segundo livro, assim como o segundo livro da instituição anterior, a Fisk, também é baseado em modelos de aprendizagem intuitivas, mas que também podem ser aproveitadas por metodologias com uma abordagem comunicativa após uma adaptação.

Em suma, em nossa análise, foi possível observar de perto o caráter prescritivo dos livros didáticos dos cursos Fisk e Wizard, além de perceber a incompatibilidade do material com uma abordagem comunicativa da parte dos livros e de exercícios de ambas as instituições. Os primeiros livros, é importante ressaltar, estão de acordo com os critérios estabelecidos pelo Marco Comum Europeu, uma vez que atendem ao desenvolvimento da Competência Gramatical do aluno, ainda que não se encaixem em nosso critério, pois não condizem com o desenvolvimento da Competência Comunicativa. Porém, os segundos livros, são manuais prescritivos, que possuem um caráter altamente behaviorista – na Fisk é mais sutil, na Wizard é mais direto -, onde se colocam como o caminho para se alcançar tal coisa, além de apontarem muito para modelos de aprendizagem guiados pela intuição. Ainda há também o apelo à informalidade por parte desses materiais, no intuito de conseguir a adesão do leitor. O que nos chama bastante a atenção é a tentativa de simular o discurso acadêmico em uma busca de validação desse material ao mesmo tempo em que não se submete a nenhuma autoridade do meio acadêmico. Em nossa perspectiva, com relação aos segundos livros, trata-se também de uma manifestação sutil de um discurso publicitário, mostrando a interação dos cursos livres – como empresas – com o leitor, no intuito de atraí-lo.

No próximo subtópico, será abordada a interferência mercantilista presente nos cursos livres e em que área esta se reflete, o que, em nosso entendimento, caracteriza ambas as instituições supracitadas, objetos de nossa investigação.

2.2.5 A interferência mercantilista nos cursos livres de idiomas: o *marketing* e a publicidade.

Como já antes mencionado, as instituições de Cursos Livres de Idiomas não surgiram no Brasil com um propósito totalmente mercantilista. Foram iniciativas culturais do governo espanhol – cujos cursos eram dados nas embaixadas - no

intuito de difundir a língua e a cultura espanhola dentro do território nacional e eram destinadas às pessoas da alta sociedade. No entanto, no final dos anos 1950, a iniciativa privada com ares mercantilistas começa a erguer seus próprios cursos livres – tendo como principal objetivo a oferta do ensino da língua inglesa – e a conquistar um espaço considerável dentro do campo educacional e midiático. Criou-se, então, o seguinte cenário: o ensino do Espanhol é ofertado com propósitos culturais pelo que em suas aulas, os Institutos Culturais ofertavam aulas de geografia, literatura, etc. enquanto que o do Inglês toma ares mais comerciais com o objetivo linguístico de fazer com que os alunos aprendam a língua de uma forma rápida para se inserirem no cenário capitalista em ascensão da época.

Essa característica mais mercantilista dos Cursos Livres de Idiomas no Brasil ganha força a partir dos anos 1990, quando a hegemonia dos Institutos Culturais entra chega ao fim. Coincidentemente, é nesse cenário que o ensino de Língua Espanhola passa a integrar a grade de ofertas dessas instituições privadas, pois com o Tratado do MERCOSUL, no ano de 1991, acreditava-se no chamado *boom* do espanhol em território nacional. Dessa forma, o ensino-aprendizagem de LE dentro do contexto dos Cursos Livres passa de algo cultural para algo comercial. Isso quer dizer, basicamente, que esse ensino passa a funcionar também sob a mesma regra que rege o mercado: a lei de oferta e demanda.

Atualmente, já não se busca apresentar a língua aos alunos como um bem cultural que permite inseri-lo na cultura de um país. Ao contrário, a língua torna-se um bem de consumo com o qual o aluno poderá alcançar alguma vantagem ou facilidade dentro do mercado de trabalho. A preocupação de tais instituições também muda: agora, não é quantidade de alunos bem sucedidos que importa, mas sim as expansões de suas franquias. Basicamente, há uma demanda, ou seja, alunos que buscam aprender um novo idioma por razões pessoais ou não, e, para atender a essa demanda – que representa lucro -, os Cursos Livres fazem de tudo: investem pesadamente em campanhas publicitárias, em *marketing*, na estrutura de suas instituições funcionam, simulam o discurso acadêmico em seus materiais didáticos, etc..

Esse é um cenário bastante curioso, pois o mercado passa a interferir no campo educacional. Essas instituições, em nossa perspectiva, passam a investir em

áreas convenientes para o aumento de seu alcance, de sua influência e de seus lucros – como a infraestrutura de suas escolas, seu material importado, seu incrível aparato tecnológico – no entanto, negligencia as áreas mais importantes, que são os pilares para uma formação autêntica de bons comunicadores em uma LE: o professor, uma boa PPC e uma metodologia moderna coerente com suas propostas, que é sobre o que discorreremos a seguir.

Os Cursos Livres de Idiomas analisados no presente trabalho, Fisk e Wizard, antes de tudo, é importante lembrar, são empresas. Isso quer dizer que funcionam sob as regras empresariais e mercantilistas. Sob essa perspectiva, pode-se dizer que seu propósito, na verdade é vender um produto e lucrar com ele e, não menos importante, expandir os seus negócios. É por essa razão que ambas as instituições funcionam sob o modelo empresarial *franchising*, que pode ser definido basicamente como:

“Um modelo de negócio que consiste na concessão do direito de uso fornecida pelo proprietário de uma marca (o franqueador) a um investidor (o franqueado). Assim, ele pode replicar em diferentes locais um formato reconhecido e bem-sucedido de exploração de mercado” (RUSCHEL, 2022).

Curiosamente, esse modelo de negócio foi implementado no Brasil através dos Cursos Livres de Idiomas. Daí, já se pode observar o seguinte cenário: a Fisk e a Wizard não se submetem a nenhum órgão de educação regular, ou seja, seu ensino de idiomas não é regulamentado e nem mesmo avaliado por órgãos oficiais como o MEC, porém submetem-se a organização e a regulamentação do sistema de *franchising* exercida pela Associação Brasileira de Franchising – ABF. Basicamente, ambas as instituições estão à margem do sistema educacional, porém não do empresarial.

Regidas pelo *franchising*, as instituições supracitadas têm um objetivo muito claro em nossa perspectiva: expandir-se comercialmente. E é por essa razão que vem a primeira característica da interferência mercantilista dentro destas: o *marketing* e a publicidade. É sobre essa característica que discorreremos a seguir.

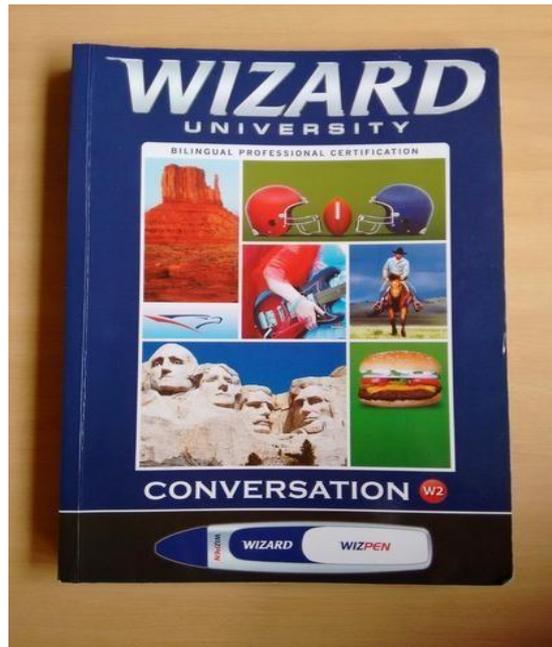
Todo produto precisa ser divulgado. Os espaços para divulgação são amplos: mídia, redes sociais, revistas, campanhas publicitárias, etc. No caso daquele que

podemos chamar de Mercado de Idiomas, como não se trata de um bem palpável como roupas, sapatos ou produtos eletrônicos, toda a propaganda precisa estar presente o tempo todo e, em nossa perspectiva, isso se reflete em três áreas estratégicas: 1- Materiais didáticos; 2- *Marketing*; 3- Publicidade; Em nossa análise, percebemos que essas três áreas estão interligadas, pois até mesmo nas propostas dos livros didáticos, é possível encontrar alguns traços de publicidade – no caso da Fisk – e que estes refletem essa parte publicitária de ambos os cursos.

Como empresas que buscam vender os seus produtos, é de praxe que a Fisk e a Wizard invistam pesadamente no *marketing* e na publicidade, uma vez que precisam atrair o público e atingir os seus objetivos. Com a parte do *marketing*, essas empresas têm um conhecimento apurado sobre o público que desejam atingir e definem todas as suas estratégias e ferramentas para tal. Esse setor também se ocupa da necessidade de seu público. Isso quer dizer, basicamente, que a Fisk e a Wizard sabem muito bem o déficit que as escolas brasileiras de ensino regular têm para com a formação de cidadãos bilíngues no país e sabem muito bem que o setor comercial está exigindo este conhecimento para o ingresso no mercado de trabalho. Baseando-se nisso, toda a publicidade – que é uma ferramenta essencial do *marketing* – concentra-se para apresentar seus produtos como alguma espécie de solução. Esse é um jogo claro de proposição e determinação. Esses cursos não se apresentam ao público como uma opção viável ou como uma alternativa, mas sim como a própria solução. Também se faz importante mencionar que o *marketing* e a publicidade são a engrenagem de expansão das instituições de Cursos Livres de Idiomas como um todo, refletindo assim o seu caráter empresarial.

A atuação de *marketing* e da publicidade dos Cursos Livres é bastante padronizado - caracterizando o setor - e como já mencionado, refletem-se também em seus materiais didáticos. A primeira característica são os materiais didáticos coloridos – exageradamente coloridos –, os quais geralmente vêm acompanhados pelos sofisticados materiais áudio-linguísticos: as chamadas canetas tradutoras e os CDs Room. Esses livros são, em sua maioria, edições adaptadas de livros estadunidenses e se utilizam de toda a estética colorida como uma forma de chamar a atenção, como é possível observar abaixo:

FIGURA 33 - Wizard 2: capa.



Fonte: Google Imagens²³.

FIGURA 34 - Fisk: español inmediato. Capa.



Fonte: Google Imagens²⁴.

²³ Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=livro+wizard+2+capa/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2022.

Algo interessante e pertinente de destacar é que muitos desses livros produzidos pelo próprio curso - é importante lembrar - estão presentes dentro do ensino regular das escolas privadas.

A segunda característica dessa forte presença “marqueteira” é sempre o destaque da tradição, ou seja, no tempo que essa instituição está atuando no mercado, como uma forma de demonstrar sua experiência na área, porém é uma estratégia bastante interessante - e até eficaz no sentido de atrair a atenção - pois como a nomenclatura dos Cursos Livres no Brasil costuma ser a de Escola de Idiomas, essa experiência é muitas vezes confundida pelo público com o ramo educacional.

Há mais de 60 anos de mercado e muita história para contar! Uma das maiores redes de ensino do mundo, tem que ter também uma das histórias mais marcantes do mundo. [...] A Fisk, como um renomado centro de ensino, adquiriu e vem adquirindo muitos prêmios em reconhecimento ao trabalho sério e de comprometimento com seus alunos e franqueados. (FISK, 2022).

WIZARD BY PEARSON, 30 anos de história, e mais de 1.200 escolas de idiomas. Em 1987, a primeira escola Wizard é aberta. Mais de trinta anos depois, Wizard by Pearson é a maior rede de ensino de idiomas do mundo (Fonte: Geofusion). Aprenda a falar uma nova língua com a Wizard! (WIZARD, 2022);

Essa é, em nossa perspectiva, uma tentativa de passar uma imagem confiável e sólida da instituição, uma vez que a tradição dentro da sociedade sempre aparece como um forte respaldo dentro de um discurso ou de determinada atuação, sendo até mesmo o sinônimo de experiência. No caso dos Cursos Livres, é pertinente fazer a seguinte pergunta: experiência em quê?

A terceira característica do *marketing* empregado pela Fisk e pela Wizard, que é, em nossa perspectiva, a mais apelativa no sentido de chamar a atenção do público é a de sempre chamar a atenção para a exclusividade da metodologia - que chamam de método - e da marca. Essa exclusividade é destacada, porém de forma

²⁴ Disponível em: <<https://google.com/search?q=fisk+español+inmediato+capa/>>. Acesso em: 25 de setembro de 2022.

sutil, pois não há nada autoexplicativo ou demasiado explícito, como podemos observar abaixo:

Cursos de idiomas é na Fisk! Aqui você encontra cursos de inglês, espanhol, informática e português para brasileiros. Matricule-se! [...] Mas, por que Fisk? Metodologia própria. Na Fisk, você conta com um método exclusivo que não para de evoluir, aulas modernas, conversação desde o primeiro dia de aula e toda a interatividade do Cyber Fisk (FISK, 2022).

Metodologia diferenciada, comprometida com a **necessidade de cada aluno**. Os alunos Wizard se qualificam para o mercado de trabalho, são preparados para falar uma nova língua, ou seja, para uma vida bilíngue. **Os materiais e a metodologia exclusiva de ensino**, aliados com a tecnologia e modalidades de aula flexíveis, são diferenciais Wizard. (WIZARD, 2022. Grifo do autor).

Essa é claramente uma jogada inteligente para atrair o público e, obviamente, vender o curso. Pensamos que esse é o ponto forte de ambas as instituições no que diz respeito ao *marketing*, uma vez que sempre mostram um atrativo que o aluno – nesse caso o cliente – pode encontrar algo que não encontra na escola regular. É uma ideia de caminho alternativo e com uma metodologia própria que vai ajudar o aluno a desenvolver as habilidades para a comunicação em uma LE ou vai alcançar a fluência dentro do idioma mais rápido, etc., a qual, não é novidade, torna-se atraente para um público expressivo em busca de uma aprendizagem de uma língua estrangeira. No caso da Wizard, o *marketing* concentra-se mais na menção ao mercado de trabalho, mostrando claramente o seu propósito comercial, e que também é visto como um diferencial pelas empresas. A instituição demonstra um claro conhecimento do mercado e o utiliza para atrair mais clientes.

Já nessa parte da análise, é possível observar que os Cursos Livres de Idiomas movem-se avidamente pelo desejo de expandir-se comercialmente, alcançando o maior número de clientes que podem e utilizando-se de ferramentas de persuasão, as quais, uma vez que atingem o público, que na maioria das vezes não tem qualquer tipo de conhecimento sobre ensino de idiomas ou algo relacionado a isso, conseguem uma grande adesão. A estratégia de *marketing* é agressiva e bastante eficiente no quesito de conquistar o público.

A publicidade, que pode ser entendida como a parte que executa as estratégias de *marketing*, ou seja, a responsável por propagar a ideia com o intuito de vender o produto, toma proporções gigantescas e ocupa os espaços midiáticos como a televisão e a internet, e se encarrega de mostrar o porquê a instituição é a mais indicada para o público-alvo e de exibir as premiações que esta recebeu como forma de respaldo.

FIGURA 35 - Blog da Fisk.

FISK Cursos Unidades Blog Fale Conosco Pré-matricula

Mas, por que Fisk?

Metodologia Própria
Na Fisk, você conta com um método exclusivo que não para de evoluir, aulas modernas, conversação desde o primeiro dia de aula e toda a interatividade do Cyber Fisk.

Intercâmbios e Viagens
A Fisk oferece a oportunidade perfeita para unir diversão e aprendizado, seja numa viagem para Disney, num intercâmbio no Canadá ou em um acampamento de imersão em inglês.

Um dos maiores centros de ensino do mundo
Com cerca de 1000 unidades espalhadas por todos os estados e pelas principais cidades brasileiras, há sempre uma Fisk perto de você. Vem pro mundo. Vem pra Fisk!

Tecnologias Educacionais
Modernas ferramentas digitais enriquecem nossos materiais e levam o aprendizado e a interatividade além da sala de aula. Na Fisk, você estuda onde e quando quiser.

Certificações Internacionais
Na Fisk, você pode ter um certificado internacional ao final do curso de inglês e também encontra unidades autorizadas aplicadoras dos principais exames internacionais.

Mais de 15 milhões de alunos formados
Há mais de 60 anos, a Fisk se dedica ao ensino com total qualidade e responsabilidade social, contribuindo para o desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos.

Fonte: Página da Fisk Salto, SP.²⁵

FIGURA 36 - Blog da Wizard.

WIZARD Cursos Escolas Promoções Diferenciais Teste de Inglês Blog Parcerias Q

Escolas perto de você
Com mais de 1.000 unidades, a Wizard é a maior rede de ensino de idiomas do mundo*. Com escolas de inglês e outros idiomas em todo Brasil, há sempre uma Wizard perto de você.
[Veja as escolas Wizard](#)

Aulas no seu ritmo
Dois formatos de aulas para você aprender uma nova língua no seu ritmo, no seu tempo. Matrículas abertas o ano inteiro com turmas flexíveis e interação com alunos em diferentes níveis.
[Conheça as experiências de aula](#)

Proficiência em Inglês
Ao estudar inglês na Wizard, você poderá alcançar seu certificado de proficiência. Oportunidades podem se abrir em universidades e empresas do exterior com a fluência na língua inglesa.
[Conheça o curso de inglês](#)

²⁵

Disponível em: <<https://fisksalto.com/cursos.html>>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.

Fonte: Wizard by peason, página²⁶.

No mercado, qualquer estratégia é válida para vender um produto ou determinado serviço e, como é possível observar acima, a campanha publicitária empregada pela Fisk e pela Wizard não fazem diferente. E isso, como já antes mencionado, reflete na metodologia dessas escolas, o que é, em nossa perspectiva, uma interferência clara do mercado no ensino de línguas.

Para uma clara compreensão do tema, é importante relembrar também que o objetivo principal das instituições de Cursos Livres de Idiomas supracitadas é, como empresas, expandir as suas franquias e sustentar a suas marcas. Para tal, o *marketing* e a publicidade são as peças-chave assim como os resultados apresentados posteriormente – que fazem parte da publicidade – ao público no intuito de atraí-lo. É nessa parte que a metodologia serve como propaganda, pois é obviamente o meio pelo qual a instituição apresentará os resultados de seus serviços. Daí, podemos entender, em parte, além do desconhecimento pedagógico sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e os métodos científicos que o englobam, o porquê da preferência destas pelos métodos que contêm um teor mais behaviorista: esses métodos dão resultados rápidos e, como já mencionado, não requerem nenhum conhecimento aprofundado da língua falada pelo professor.

No Método Clássico presente mais na Fisk, o conhecimento exigido é mais gramatical e estrutural. Isso quer dizer que para esta instituição, ser um bom aluno de LE significa dominar a gramática desta. A Competência Gramatical é, portanto, o medidor de conhecimento. No Áudio-Lingual, empregado pela Wizard, onde a repetição é o principal procedimento metodológico, o aluno é avaliado pela sua capacidade de repetir o que lhe foi ensinado e de não errar, uma vez que os erros são visto como uma falha, um acidente de percurso que deve ser evitado a qualquer custo.

A questão da comunicação, da Competência Comunicativa presente nos discursos de ambos os cursos é, em nossa perspectiva, uma jogada de *marketing*.

²⁶ Disponível em: <<https://wizard.com.br/diferenciais/>>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

Com as questões do Pós-Método, que ainda está em ascensão no Brasil, os cursos de língua – privados ou não – acabaram por se voltar para uma abordagem mais comunicativa, o que foi – e ainda é usado – como uma forma de atrair público. Pode ser entendido como algo que está na moda. Essa é a razão pela qual a Fisk e a Wizard utilizam esses termos dentro de suas propostas metodológicas e, para sustentar isso, aplicam metodologias com uma alta carga behaviorista para dar certa impressão de que o que propõem decerto funciona. Para o público que não entende sobre uma abordagem comunicativa, saber repetir expressões do cotidiano, frases inteiras ou até mesmo saber ler oralmente um trecho de um livro ou cantar uma música em uma LE é, de fato, visto como algo comunicativo.

Como empresas, os Cursos Livres de Idiomas também miram o retorno financeiro. E, para isso, o produto precisa ser vendido de forma eficaz e, além disso, o aluno - cliente - precisa ser mantido ali. Isso, na prática, é feito de forma bastante simples: o *marketing* e a publicidade são responsáveis pela venda do curso, o qual é dividido em várias partes com preços diferentes – no caso da Fisk e da Wizard, exorbitantes – e com diferentes modalidades. Os materiais são vendidos por fora e também há um investimento pesado na infraestrutura e no aparato tecnológico da instituição. Tudo isso com um único propósito: faturar.

Em suma, essa interferência mercantilista no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras dentro das instituições de Cursos Livres de Idiomas no Brasil, em especial as duas escolhidas para a nossa análise, manifesta da seguinte maneira: o *marketing* e a publicidade executam todo o trabalho de venda do produto – o curso de idioma – utilizando-se de recursos como um material didático exageradamente colorido que são os livros, material didático tecnológico: as canetas tradutoras, e de material com um alto teor publicitário que contém um forte apelo à tradição e ao diferencial, ou seja, algo que não se encontra fora da instituição. Nessa parte, também entra a ênfase na exclusividade, além, é claro, da exibição dos prêmios dedicados a tal instituição. Para sustentar essa publicidade, a Fisk e a Wizard apostam em metodologias que remetem a métodos de ensino-aprendizagem com um teor behaviorista por conta dos “rápidos resultados”, em busca de uma clientela cada vez maior, o que resultará de uma forma bem óbvia em lucros e na expansão de seus negócios.

O problema é que essas empresas dedicadas à venda de cursos de LE, em nossa perspectiva, negligenciam fatores que são importantes - como já mencionado – para um ensino-aprendizagem de qualidade: o professor, a presença de uma PPC e uma metodologia moderna que seja coerente com suas propostas metodológicas. E isso pode ser também a causa para os problemas antes apontados por Freitas (2010), que são: a contratação informal de profissionais para atuarem no ensino dentro desses Cursos Livres, o que os priva de direitos trabalhistas, a contratação de pessoas que não possuem nenhum tipo de formação acadêmica para atuar no ensino e o aproveitamento de alunos do próprio curso para a docência. Isso por si só, pode ser entendido como uma forma de baratear a mão-de-obra atuante dentro dessas instituições também para faturar, algo muito comum dentro do ramo empresarial.

Frente a esses problemas, surgem as seguintes perguntas reflexivas: será que pode haver algum benefício para o aluno, linguisticamente falando, estudar dentro de uma instituição que mais se caracteriza como empresa e não como uma escola? Será vantajoso para o aluno estar dentro de uma instituição que não possui muitos professores formados na língua estrangeira que ensinam? Será vantajoso para o aluno estar presente em uma instituição que não possui um conhecimento científico sobre métodos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras? Não é estranho que a Fisk e Wizard tenham muitas premiações no ramo empresarial e nenhuma relacionada ao educacional?

2.3 Os princípios pedagógicos dos Cursos Livres brasileiros frente à Linguística Aplicada.

A Linguística Aplicada pode ser definida, basicamente, como o campo da Linguística “que tem como objeto de estudo a linguagem como prática social – atualmente não só em relação às línguas estrangeiras, mas também no contexto da língua materna ou em outros contextos em que se aborde o uso da linguagem” (CARVALHO, 2010). Esse campo também é voltado para o ensino das línguas estrangeiras especificamente para seus métodos científicos e modelos. Como já

mencionado antes, foi a ascensão da Linguística Aplicada que permitiu o surgimento dos métodos científicos de ensino de LE que se conhece hoje. Faz-se pertinente também lembrar que foram nomes vindos desse campo que contribuíram para as principais ideias que fundamentaram o Pós-Método.

Dentro desse contexto, faz-se demasiado interessante analisar as dinâmicas pedagógicas dos Cursos Livres de Idiomas escolhidos para o presente trabalho sob o ponto de vista desse braço da Linguística e de seus principais autores como Krashen (apud CALLEGARI, 2006), Prabhu (1990; 2001) e Almeida Filho (1985), alguns dos nomes que deram início ao chamado Movimento Comunicativo, que deu origem ao Pós-Método.

Para o início da análise, é importante mencionar que os autores supracitados através de seus estudos e publicações dentro da Linguística Aplicada conseguiram com que a língua – tanto materna quanto estrangeira – fosse enxergada de uma forma diferente e que seu uso dentro da sociedade como um todo tivesse uma atenção maior. Essa nova visão perdura até a atualidade e é inegável a sua contribuição para os estudos sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma LE e para o desenvolvimento de metodologias cada vez mais modernas que tornam esse processo cada vez mais eficiente.

Ainda que os Cursos Livres não se submetam a alguma autoridade acadêmica de forma consciente, submetem-se ao campo da Linguística Aplicada de forma inconsciente e seus princípios pedagógicos – que dizem respeito às figuras do professor e do aluno dentro do ensino-aprendizagem de uma LE - podem ser analisados por essa perspectiva. O princípio pedagógico também pode se referir à perspectiva de língua dentro de um determinado método. No presente tópico, nossa análise estará focada no professor, no que diz respeito a sua formação e sua atuação dentro da sala de aula, e no aluno em relação ao nível de sua atuação.

2.3.1 Formação de professores

A questão dos professores dentro dos Cursos Livres de Idiomas Fisk e Wizard – assim como na maioria dessas instituições – costuma ser um assunto bastante polêmico. Como mencionado anteriormente, esses profissionais costumam enfrentar

algumas dificuldades em meio a esse ambiente laboral como aponta Freitas (2010), citando os contratos informais que fazem com que não tenham acesso a uma série de direitos trabalhistas como férias remuneradas, licença médica, seguro desemprego, etc., e isso, em nossa perspectiva, pode refletir diretamente na aprendizagem de seus alunos.

Para atuar dentro de uma sala de aula de um Curso Livre, não é preciso uma formação acadêmica. Freitas (2010) explicita em sua pesquisa que há pouquíssimos profissionais com alguma formação e que muitos deles são alunos do curso de Letras ou alunos das próprias instituições, os quais são reaproveitados por possuírem um nível de conhecimento na língua estrangeira estudada que é considerado adequado para tal função. A autora também expõe os chamados treinamentos que esses profissionais recebem para seguirem o programa do curso, os quais têm o objetivo claro de substituir a formação acadêmica. Esse fato é preocupante por conta da precarização do trabalho do docente e também por conta da qualidade de ensino oferecida aos estudantes, uma vez que o ensino é baseado em metodologias guiadas pela intuição, as quais ignoram quase ou completamente o aluno e seu processo de aprendizagem.

Na atual perspectiva da Linguística Aplicada, “o professor deixa de ser um mero aplicador de teorias e assume uma função importante, ou seja, o professor (re)constrói a teoria a partir de sua prática” (KUMARAVADIVELU apud. REDONDO, 2014, p.11). Isso quer dizer que o docente é o próprio teorizador e aplicador de sua teoria e seu papel volta-se mais para a orientação cuja função é facilitar a aprendizagem de seus alunos. O papel do aluno – isso inclui o contexto de ensino-aprendizagem de uma LE – também sofre uma mudança em seu papel abandonando seu posto de passividade e ocupando o lugar de agente ativo-interativo. Já dentro dos Cursos Livres, um ambiente movido pelo mercado e pela vontade de empreender e lucrar, até mesmo por uma questão de ignorância acerca da Linguística, essa perspectiva é ignorada, algo coerente com metodologias baseadas em métodos que remetem a propostas behavioristas – no caso da Fisk e da Wizard.

Nosso principal objetivo é desenvolver as habilidades fundamentais para a comunicação total do aluno: conversação, compreensão auditiva, leitura e escrita. Essa meta é alcançada através do material didático exclusivo, da

plataforma virtual de aprendizagem, *Cyber Fisk*, e de profissionais **altamente qualificados e treinados** (FISK, 2022, grifo nosso).

Treinamento dos novos professores. Avaliação do CV (experiência na função e licenciatura); Prova de conhecimentos gerais; Entrevista com o RH; Teste PDA; Avaliação oral, escrita, auditiva TOEIC + 2 meses de **treinamento**; **Treinamento eliminatório**. Nossos professores são **altamente treinados e preparados** para ensinar um idioma com excelência para você (WIZARD, 2022, grifo nosso).

A qualificação e treinamento dos professores citados acima são, em nossa perspectiva, um simulacro de uma formação – que não é, de maneira alguma, a formação acadêmica – para o ensino de LE nas instituições supracitadas, a qual é feita através de treinamentos. No caso da Wizard, ficam explícitas as etapas do processo seletivo para a contratação de um professor e menciona a licenciatura, o que é demasiado preocupante, pois um docente que já passou por toda uma formação acadêmica e que – pressupõe-se – que entende como funcionam as relações professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem de uma LE, que já foi exposto às noções básicas da Didática dentro de sala de aula, precisa abrir mão de seu conhecimento e de sua autonomia para submeter-se ao treinamento do curso, o que interfere até mesmo em sua autonomia, uma vez que não pode fugir do modelo aprendido. Isso coloca o professor em uma posição hierárquica de submissão, uma vez que aqui não pode teorizar e sim deve aplicar o que já fora teorizado. Essa posição é o oposto daquela apresentada por Kumaravadivelu (apud. Redondo, 2014) anteriormente.

Um procedimento adotado por ambos os cursos que merece ser lembrado é a preferência por professores nativos. Essa é também uma característica do Método Audio-Lingual. Dentro desse contexto,

o professor - não necessariamente formado e de preferência „nativo“ – assume o papel de instrutor do método que é preparado por linguistas. Essa preferência por „nativos“ tem prioridade nessas abordagens do ensino de línguas estrangeiras em virtude da representação da aprendizagem como uma „imitação“. Nesse sentido, embora a proficiência na língua seja um dos prerrequisitos para esse profissional, a

formação acadêmica, que é outra condição fundamental para o exercício dessa atividade, é desdenhada” (FREITAS, 2010, p. 157, aspas da autora).

Isso demonstra claramente algo bastante preocupante: a prática do notório saber. O notório saber pode ser definido, em poucas palavras, como um processo que valida formalmente conhecimentos e habilidades desenvolvidos durante alguma experiência de vida ou de trabalho independentemente da formação formal. No campo da educação, esse processo tem o objetivo de possibilitar a atuação na docência de indivíduos não formados, porém que tenha algum nível de conhecimento equivalente. No ensino-aprendizagem de LE, por exemplo, é bastante comum – principalmente dentro dos Cursos Livres – o professor contratado ser uma pessoa que viajou ou que viveu em um determinado país estrangeiro e que, pelo seu conhecimento adquirido na língua, supõe que pode dar aulas em um contexto formal de ensino-aprendizagem mesmo que não entenda sobre didática ou pelo processo de ensino em si, uma vez que seu conhecimento adquirido é mais intuitivo que formal.

A presença desses profissionais não formados e treinados é algo cada vez mais comum, como aponta Freitas (2010, p.159, grifo nosso):

“No caso de Rafael ela aparece, por meio, primeiramente, de discurso indireto e, em seguida, com duas passagens em discurso direto: „Eles falam que **não precisa ser formado em Letras**”, „você**s não precisam ser formados em Letras pra ser professores**, além disso, **não precisam ter experiência**, a gente **treina vocês**” e „você é um:: instrutor de:: instrutor ou auxiliar, auxiliar de idiomas”. Essas explicações espontâneas demonstram uma necessidade de justificar uma situação que, de alguma forma, coloca esses sujeitos em uma posição de inferioridade: estudam ou estudaram para obter a habilitação profissional de professor; no entanto, são contratados em uma categoria que requer apenas o nível médio, de acordo com o CBO (MTE, 2022)”.

Isso por si só dá a entender, de fato, que a formação acadêmica de um professor de Cursos Livres em geral – pode-se incluir a Fisk e a Wizard – é desdenhada e isso, de acordo com nossa análise, é uma interferência mercantilista: mão-de-obra barata. Professores formados são profissionais mais caros. Mesmo em um contexto empresarial, este tem direito a receber um salário mais alto e, com uma

experiência mais apurada dentro da docência, prefere recorrer aos meios mais regulamentados - escolas regulares públicas e privadas -, não se submetendo aos contextos mais informais como uma instituição de Curso Livre. O indivíduo que não possui nenhuma formação na docência, por outro lado, tende a cair na informalidade, submetendo-se assim a salários mais baixos. Em nossa percepção, não é interessante para essas instituições investir em mão-de-obra qualificada - professores que realmente tenham uma graduação na LE que ensinam - porque isso significa um gasto maior. O destaque ainda vai para a Wizard, que até contrata profissionais formados, porém com a condição de que estes se submetam ao seu treinamento, abrindo mão da experiência - de certa forma - que adquirira durante sua graduação.

No que diz respeito ao treinamento de professores, a situação é totalmente contrastante com o que diz Prabhu (2001, p.66) quando este diz que

“existe uma tendência na pedagogia de línguas para que o professor não seja visto meramente como um implementador de decisões pedagógicas tomadas em níveis mais altos da hierarquia educacional, ou simplesmente como um consumidor de conhecimento pedagógico ou de teoria formulada por especialistas. Os professores teriam sua própria forma de conhecimento pedagógico, conseguida através de um contínuo envolvimento em eventos de sala de aula e contato recorrente com o fenômeno da aprendizagem. É provável, segundo esse pensamento, que o ensino se torne mais produtivo se os professores forem capazes de desenvolver e delinear os seus próprios conhecimentos e fazer disso a base de suas decisões em sala de aula.”

Essa afirmação nos traz algumas perguntas reflexivas: será, de fato, possível um professor que se submete ao treinamento de uma instituição, onde é levado a seguir à risca o princípio pedagógico e os manuais do professor, não ser visto como um mero implementador de decisões pedagógicas? Um professor treinado terá algum nível de autonomia para teorizar acerca de suas práticas pedagógicas dentro da sala de aula e por em prática suas próprias teorias? Um professor formado e com um conhecimento acerca da Linguística aplicada poderá questionar possíveis incoerências encontradas na metodologia apresentada pelo Curso Livre aonde chegue a lecionar?

Dessa maneira, é possível observar que a formação de professores dentro do contexto de ensino-aprendizagem de LE nos Cursos Livres de Idiomas não está relacionada à formação acadêmica, mas sim à formação oferecida pelas próprias instituições, que são os treinamentos. Esses treinamentos, que funcionam também como

“uma espécie de „curso de preparação” para a atividade e também como parte determinante da seleção, visto que o candidato a futuro professor do CLI²⁷ pode vir a desistir durante essa etapa do processo e que, portanto, não é todo candidato que pode vir a ser contratado, o fragmento seguinte: “algum/ um menino **desistiu... não ficou...** e:... ficamos nós/ foram três contratados desse treinamento...” (SOUZA, 2016, p. 165. Grifo do autor. Aspas do autor).

Tais treinamentos são guiados em sua maioria por modelos de ensino intuitivo, têm um claro objetivo de subjugar o professor aos princípios e dinâmicas pedagógicas da empresa. E isso é, em nosso entendimento, outra característica do mercado no campo do ensino.

No seguinte subtópico, se falará mais detalhadamente acerca da atuação do professor que atua em Cursos Livres de Idiomas e sobre sua autonomia. Procuraremos responder a seguinte pergunta científica: qual o nível de autonomia de um professor dentro dessas instituições uma vez que precisam atender a um modelo prescritivo de atuação, que são os treinamentos - formação - oferecidos por estas?

2.3.2 O papel/atuação do professor dentro da sala de aula e seu nível de autonomia

Na perspectiva da Linguística Aplicada, o professor é uma figura demasiado importante dentro da sala de aula. Com o avançar dos estudos interacionistas dentro do campo do ensino-aprendizagem de LE, sua posição sofreu uma alteração importante: passou de ser um repassador de conteúdos para um orientador e mediador. Essa alteração, obviamente, também mudou a sua atuação: sua interação

²⁷ Entende-se como Curso Livre de Idioma.

com a classe, que antes era a mínima possível devido a sua posição de autoridade e detentor do saber, muda para uma mais aberta onde há um diálogo mais amplo, que, por sua vez, permite uma troca de conhecimento e não apenas um repasse. Basicamente, o professor pode aprender com seus alunos.

A visão do professor como um orientador e mediador, cuja função é como antes mencionado, facilitar a aprendizagem vem do chamado Movimento Comunicativo, o precursor da Era Pós-Método, vem do Método Nocial-Funcional – também conhecido como Método Comunicativo, que tem Dell Hymes como um dos pioneiros a trabalhar dentro desse campo e da nova perspectiva de língua que era apresentada naquele momento.

De uma forma geral, Kumaravadivelu (1994), em uma de suas dez macro estratégias, propõe uma atuação do professor onde este maximize as condições de aprendizagem dentro de sala, isto é, onde situações de aprendizagem sejam criadas e utilizadas e onde este atue como mediador e seja capaz de modificar completamente – se for o caso – os planos de aula baseado em seus resultados. Isso também coloca o professor em seu papel de pesquisador, teorizador e aplicador de sua própria teoria, dando-lhe uma enorme autonomia dentro de sua sala de aula. O autor também explicita em suas propostas, que o professor promova a autonomia de seus estudantes, ajudando-os a aprender a aprender e promovendo os meios necessários para que estes estejam à frente e monitorem a sua aprendizagem, o que é fundamentado em Almeida Filho (1995, p. 13) quando este afirma que

Quando os professores entram em suas salas de aula, quando planejam unidades de ensino e criam materiais e quando avaliam seus alunos, a sua ação específica se orienta (e poderia explicar-se) na raiz pela abordagem de ensinar desses mestres. É claro que esse tratamento do ensino é também marcado ou configurado na acomodação de ensinar desses mestres.

Dentro de perspectiva apresentada, é possível observar o seu contraste frente à atuação do professor de LE dentro dos Cursos Livres de Idiomas. Como já observado, dentro desse ambiente laboral, este tem sua autonomia reduzida – quase nula – pois está submetido às propostas pedagógicas da instituição assim como às abordagens dos materiais didáticos e não pode atuar de maneira livre no sentido de acomodar suas aulas de acordo com a real necessidade de seus alunos,

tornando-se, assim, “escravo de uma determinada proposta de aula, por exemplo, o fato de a escola fazer uso de um determinado material didático e ser exigido do professor cumprir todo o material durante o seu cronograma” (BISASCO, 2015, p. 211).

Em nossa perspectiva, essa situação vai contra a proposta de Kumaravadivelu (1994), pois não promove um ambiente de aprendizagem efetivo, uma vez que limita o papel do docente, impedindo-o até mesmo de apresentar novas propostas aos alunos, fazendo com que até mesmo a interação entre os estudantes seja limitada, o que prejudica, por sua vez, o desenvolvimento da Competência Comunicativa.

Freitas (2010), na construção de sua relação dos Cursos Livres de Idiomas, na qual identifica uma replicação do modelo Taylorista dentro dessas instituições, aponta também que nesses lugares há um controle intenso por parte das coordenações no movimento do professor, tal como ocorre dentro de uma fábrica taylorista.

O controle do cumprimento das prescrições é um dos preceitos do taylorismo. Mais especificamente, de acordo com a OTC, instrutores devem ser designados para observar o entendimento e a aplicação das instruções. Em uma fábrica taylorista, há um completo aparato de vigilância composto por uma série de instrutores, cada um com uma função específica: os movimentos, a velocidade, os instrumentos, a manutenção, o transporte, o comportamento. No trabalho dos professores dos cursos livres de línguas, esse controle deve ser exercido após as aulas, por intermédio de fichas que o professor deve preencher relatando o que fez em sala de aula, ou durante a atividade, com a presença de um supervisor. As conjecturas formuladas da entrevista são as que de a coordenação exerce o controle da atividade diária do professor e de que existe uma supervisão que, eventualmente, assiste às aulas e faz correções à atuação do professor (FREITAS, 2010, p. 264-265).

Não é estranho para nós que haja esse tipo de controle dentro de instituições como a Fisk e a Wizard, pois como empresas, devem apresentar resultados, seja para o seu *marketing* ou para o seu lucro. O professor, funcionário e mero aplicador do que já fora teorizado e definido pela parte mais alta da hierarquia – no caso a

coordenação do curso -, estando nessa posição de submissão, não tem outro remédio senão acatar o que lhe é imposto.

De um modo geral, o que se pode observar é que a atuação do professor dentro da sala de aula de uma empresa de cursos livres de línguas é totalmente contrastiva com a perspectiva da Linguística Aplicada, uma vez dentro desta, o docente é visto como um orientador cuja função é mediar o conhecimento, ensinar o aluno a aprender a aprender, além de ser um pesquisador, teorizador e aplicador da própria teoria. Soma-se a isso o fato de que o professor é estimulado a ter uma visão mais atenta à própria pedagogia, pois sua metodologia – entendida por esse trabalho como o procedimento pessoal por parte do professor na aplicação do método de ensino-aprendizagem – depende, de acordo com Prabhu (2001) de sua experiência pessoal e pedagógica, a qual é desenvolvida durante o seu contato com os alunos. Dentro dos cursos livres, isso não é possível, uma vez que nessas empresas, os professores são treinados para seguir o programa e aderir aos materiais didáticos impostos e passam por uma rigorosa fiscalização e controle de sua atividade docente. Basicamente, o professor é limitado em sua atuação, pois não tem – e se tem é extremamente reduzida – autonomia para teorizar e aplicar suas teorias dentro da sala de aula, o que é, em nossa perspectiva, uma consequência do mercantilismo que impera nos cursos, incluindo a Fisk e a Wizard.

No próximo subtópico, abordaremos de forma mais específica essa interferência mercantilista no trabalho do professor em dialogismo com Freitas (2010), expondo um caso que ocorre dentro das instituições de Cursos Livres de Idiomas: a padronização do trabalho. Também será um pouco mais aprofundada a questão do controle das atividades do professor, ou seja, a interferência mercantilista no trabalho laboral.

2.3.3 A interferência mercantilista no ambiente laboral e suas possíveis consequências

Como empresas atuantes no mercado de ensino de línguas estrangeiras, a Fisk e a Wizard, de uma forma óbvia, são submissas às regras que atuam nesse mercado. Uma característica clara disso é o investimento dessas instituições em

áreas como *marketing* e publicidade, pois precisam atrair sua clientela e mantê-la, além, é claro, da preferência de métodos ou metodologias de ensino de uma LE que demonstrem resultados “rápidos”. Basicamente, não é a educação – no sentido de formar alunos que reflitam sobre o seu papel na sociedade e em como se estrutura a linguagem e para os fins que esta servirá – que atua dentro de um curso livre de idiomas e sim o mercado. Então, pode-se entender que ambas as instituições não estão para atender, de fato, a uma necessidade sociolinguística de aprender um novo idioma para fins culturais, sociais ou interacionistas como se pode ver em políticas linguísticas ao redor do mundo, mas sim a uma necessidade mercantilista de conseguir mais clientes, vender o produto e expandir suas franquias.

O mercado interfere na pedagogia dos cursos livres de forma direta e indireta para atender aos seus interesses: expansão comercial e lucro. De forma indireta, sua influência está presente nos materiais didáticos, na estrutura, nos objetivos dos cursos e também na questão da formação de professores. Os materiais didáticos são sempre muito coloridos (livro didático) e muito tecnológicos (material áudio-lingual como CDs e as canetas tradutoras) no intuito de atrair o público – em forma de publicidade -, a estrutura dos prédios onde funcionam os cursos é sempre muito bem apresentável, contam com um excelente aparato tecnológico como o acesso à internet e salas de informática. Os objetivos dos cursos, em sua maioria, sempre apontam para o mercado de trabalho, colocando a aprendizagem de uma língua estrangeira como o meio para se alcançar melhores chances dentro deste. Essa interferência indireta pode ser relacionada com o *marketing* também, pois é dessa forma que a instituição traça o perfil de seus clientes e as estratégias de alcançá-los. E essa parte é muito importante politicamente falando, pois também tem a ver com *status*, pois o curso se direcionará em direção a um perfil de cliente: aquele que pode pagar. E, geralmente, quem pode pagar, não pertence às classes mais baixas da sociedade.

A forma direta, a qual é o nosso objeto de análise, da interferência mercantilista na área pedagógica dos cursos livres de idiomas – especificamente Fisk e Wizard – acontece de uma forma mais agressiva e pode, em nossa perspectiva, apresentar consequências em longo prazo na qualidade do ensino e também na formação dos alunos. Ela ocorre de duas maneiras: na parte do ensino

em si - nas metodologias oferecidas e os procedimentos de aplicação - e na parte laboral - a condição do professor e de sua atuação dentro da sala de aula.

Basicamente, sob essa perspectiva, é compreensível que a Fisk e a Wizard continuem replicando e investindo nos métodos da Gramática-Tradução e Áudio-Lingual, pois, como já antes mencionado, ambos possuem influências behavioristas, onde a língua é vista como um sistema de códigos que precisam ser memorizados e hábitos que precisam ser aprendidos e automatizados, quer dizer, o aprender uma LE está intrinsecamente ligado à capacidade de memorização e repetição do aluno, além, é claro, do domínio da gramática. Isso quer dizer, basicamente, que na visão de ambas as instituições, o aluno que aprendeu é aquele que consegue repetir – de forma correta e perfeita como prega o Behaviorismo metodológico – aquilo que lhe foi ensinado. Esses métodos são de baixo custo. Sua aplicação, predominantemente composta pelo estímulo-resposta e pela repetição, não exige um grande esforço financeiro, pois os materiais didáticos são previsíveis e são numerosos no mercado, o que torna dispensável o investimento em materiais com uma abordagem comunicativa e não há a necessidade de renovar drasticamente o seu repertório. Esse fato acaba por atingir o ensino, pois, como ambos os métodos não precisam de profissionais que tenham uma capacitação maior na LE ensinada, não há a necessidade de contratar professores formados, os quais têm, por uma questão óbvia, mais preparação e competência para tal trabalho.

Do ponto de vista mercantilista, o lucro é a prioridade e tem que vir o mais rápido possível. Dessa forma, não é interessante para a Fisk e a Wizard contratarem professores formados em Letras-Espanhol, por exemplo, por conta do custo. Também não é interessante pelo fato de que professores formados dificilmente se submeterão aos treinamentos e materiais didáticos que julguem ser inadequados, sugerindo assim, uma possível mudança na abordagem da instituição, ou seja, um novo gasto com materiais, com a contratação de mais pessoas para trabalhar nessa parte mais pedagógica, etc. Isso não produz lucros rapidamente como é esperado.

Na parte laboral, essa interferência mercantilista está presente nas condições que enfrenta o professor, o qual, além de enfrentar a precarização de seu trabalho e perda de direitos trabalhistas citados anteriormente no presente trabalho, algo causado pela informalidade dos contratos das instituições de cursos livres, precisa

enfrentar outros problemas como desvio de função, controle de suas atividades e a perda de sua autonomia como agente ativo-interativo. Freitas (2010) aponta algumas outras situações como uniformização das atividades e a prescrições de caráter não pedagógico.

Essa situação é entendida pela autora supracitada como outra forma clara de manifestação do Taylorismo, pois

“um dos preceitos OTC (TAYLOR, 2006) é um dos planejamentos diários e a instrução da tarefa, elemento fundamental do taylorismo. Entende-se por tarefa a prescrição escrita e detalhada feita pela hierarquia de todo o trabalho que deverá ser realizado no dia seguinte, incluindo os meios utilizados e o tempo de execução”. (FREITAS, 2010. p.240).

A autora também expõe a obrigação que os docentes têm em seguir às prescrições das coordenações dessas instituições, as quais não toleram desobediência e preveem até mesmo medidas punitivas como “chamada de atenção” e até descontos salariais para aqueles que não seguem as regras.

Soma-se a isso o controle sofrido pelo professor em suas práticas pedagógicas dentro da sala de aula no que diz respeito ao repasse dos conteúdos, da metodologia, da duração de cada atividade e do procedimento de aplicação destas. Basicamente, dentro da Fisk e da Wizard não é uma situação incomum que professores estejam sujeitos a um controle de sua conduta dentro e/ou fora da sala de aula no que diz respeito à sua prática pedagógica, onde devem dar explicações sobre como procedem de uma determinada maneira dentro do método proposto pela instituição, o porquê de preferir estudar de uma forma e não daquela, etc., somando-se a isso o fato de terem que seguir à risca – ou quase – todos os procedimentos descritos nesses manuais os quais, ainda de acordo com a autora, controlam até mesmo a preparação das aulas. Na maioria dos cursos livres – incluindo os citados em nossa análise – o professor não tem nem mesmo controle da construção das próprias aulas, pois esses manuais prescritivos já mostram todas as aulas prontas. A coordenação é quem se encarrega de construir todo o plano de curso, cabendo ao docente apenas pô-lo em prática dentro do tempo definido.

Em nossa análise, concordamos com a relação apresentada por Freitas (ibid.) entre as fábricas tayloristas e o ambiente laboral encontrado na Fisk e na Wizard –

cursos livres de idiomas – com base na situação citada no parágrafo anterior, uma vez que o Taylorismo propaga a ideia do trabalho executado com eficiência máxima em pouco tempo e passos controlados. Além, é claro, do treinamento. E é também por essa razão, em nosso entendimento, que ambos os cursos mantêm o Método Áudio-Lingual no ensino-aprendizagem de LE que promovem: ambas as ideias convergem nos pontos apresentados.

O cenário apresentado acima é preocupante, pois acarreta em consequências para a qualidade do ensino oferecida por ambas as instituições, pois como que os professores se expõem a um ambiente totalmente controlado, que inibe a sua criatividade por meio de prescrições que devem ser obedecidas, poderá apresentar novas propostas de atividades para seus alunos? Como poderá propor alternativas para as atividades? Além do mais, como a maioria não possui uma formação acadêmica para docência, e ainda soma-se a isso a preferência da instituição pelos nativos da LE, cria-se assim um caso clássico de mão-de-obra barata. Além de ser barata, essa mão-de-obra tem um alto índice de ignorância quanto ao processo de ensino-aprendizagem de línguas e está fadada a se deixar guiar por essas prescrições “pedagógicas”, que visam inibir sua autonomia e criatividade, transformando-a em uma mera operária, que realiza atividades automatizadas e replica o que lhe fora ensinado. Como poderá o aluno, no cenário um tanto caótico apresentado acima, desenvolver sua Competência Comunicativa, se não conta com professores capacitados para ensinar, de fato?

Sob a presente discussão, a Linguística Aplicada não apresenta nada realmente específico, no entanto, pode-se notar que também é uma situação contrastiva, pois esta propõe autonomia para os docentes dentro de sala de aula, incentivando, inclusive, a tomada de decisões baseadas em sua própria teorização com seus alunos. O ambiente que os Cursos Livres proporcionam é, obviamente, contrário a tudo isso e coloca, inclusive os professores em uma situação degradante de submissão e perigosa para sua saúde mental, uma vez que essa pressão exercida pela instituição para que os horários, o cronograma e os manuais prescritivos sejam obedecidos pode promover grandes picos de estresse, ansiedade ou depressão.

2.3.4 O papel/atuação do aluno dentro de sala

Dentro da Linguística Aplicada, principalmente dentro do Movimento Comunicativo e da Era Pós-Método, o papel do aluno é olhado sob uma nova perspectiva, a qual contrasta diretamente com as influências behavioristas que havia nos métodos anteriores. A partir de então, este passa a tomar um lugar ativo em sua aprendizagem como sujeito ativo-interativo, abandonando o seu posto de passividade e de mero repetidor de conhecimento e de procedimentos metodológicos dentro de sala de aula no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras. É pertinente mencionar que, a partir desse momento, os linguistas passaram a se voltar mais para o processo de aquisição da LM e LE – pelo processo em si e não apenas pelos métodos – e a dialogar com outras áreas da Linguística como a Sociolinguística e a Psicolinguística.

De acordo com essa nova proposta, o aluno não é mais visto como um ser que precisa aprender uma determinada língua porque não sabe completamente nada dela ou não tem o saber linguístico que precisa, pois de acordo com Hymes (apud. CESTARO, p.1),

Os membros de uma comunidade linguística possuem uma competência de dois tipos: um saber linguístico e um saber sociolinguístico, ou seja, um conhecimento conjugado de formas e gramática e de normas de uso. No caso da língua materna, a aquisição desses sistemas acontece conjuntamente e de forma implícita.

Ou seja, a partir desse momento, o aluno passa a ser visto como um indivíduo que possui um saber linguístico sendo este implícito ou não, e, como havia uma nova concepção de língua como sendo uma série de eventos comunicativos, este também passa a ocupar um lugar mais específico como um ser comunicativo e que deve desenvolver tal competência. Tal fato demonstra um interesse dos estudiosos na área de também de entender o processo de ensino-aprendizagem de uma LE a partir de um contexto social, político, cultural e econômico. Ou seja, o aluno passa a ser considerado também no contexto que o rodeia fora da sala de aula. Prabhu (1990) defende que não existe um método perfeito no ensino-aprendizagem de LE, mas que cada método pode ser adequado para o contexto adequado. A recomendação é que o professor busque entre os métodos já existentes, uma forma

eficiente de ensinar que seja coerente com o contexto social, cultural e linguístico dos estudantes.

As novas propostas pedagógicas dentro da Linguística Aplicada voltam-se, respectivamente, para o professor e para o aluno e ainda considera que a aprendizagem depende quase que exclusivamente do nível de interação deste segundo dentro da aula, algo impensado em épocas anteriores, onde havia uma influência behaviorista – e taylorista – mais forte dentro do campo educacional através do ensino de línguas estrangeiras. O aluno é incentivado a participar do próprio processo de aprendizagem e também a ser mais autônomo.

Esse é um cenário um tanto contrastante com o que os cursos livres de idiomas Fisk e Wizard apresentam – de forma indireta, é claro – dentro de suas salas de aula por conta dos ideais behavioristas que regem seus métodos de ensino, onde o aluno é visto como um sujeito passível de controle e condicionamento cuja aprendizagem deve ser dar através da repetição e de automatização de hábitos. Dessa maneira, é quase que óbvio que o estudante não tem sequer o espaço para desenvolver sua autonomia ou participar do próprio processo de aprendizagem. Ao invés disso, está fadado a acomodar-se dentro de um espaço limitador onde precisa desenvolver habilidades específicas de forma rápida - eficiente ou não? - e precisa repetir palavras, frases e diálogos prontos.

Algo que merece ser mencionado é que dentro da Linguística Aplicada – especificamente no Pós-Método – o aluno tem o poder de decisão sobre o que deseja aprender em sala de aula e tem influência para mudar os procedimentos adotados pelo professor, algo impensado dentro de contextos de ensino-aprendizagem anteriores, onde o professor é visto como a autoridade máxima, que não deveria ser questionado, pois era o detentor de todo o conhecimento dentro da sala.

A coordenação pedagógica que atua dentro dos cursos livres ocupa a posição mais alta na hierarquia local e, como já é previsível, costuma comandar tudo o que diz respeito ao ensino – procedimentos, aplicação de métodos e avaliação dos resultados – desde o trabalho do professor até a conduta do aluno. Dessa forma, dentro desse sistema hierárquico, o aluno fica no lugar mais baixo, ou seja, está ali para absorver o conhecimento que lhe é passado da forma como foi designado

pelos superiores – isso não inclui o professor -, ou seja, está apenas para aprender. É interessante observar a concepção que esses lugares têm sobre a aprendizagem: o ato de aprender é visto como um ato de submissão, de inferioridade. Basicamente, aquele que aprende é inferior ao que ensina. Dessa forma, em nosso entendimento, cria-se um ambiente que dificulta o diálogo eficiente e a troca de experiências entre aluno e professor, dificultando também a conexão entre ambos. A consequência disso é, na maioria das vezes, uma inibição da comunicação.

Krashen (apud. CALLEGARI, 2006) explica essa situação em duas de suas cinco hipóteses, as quais foram a base teórica do Método Natural²⁸, especificamente nas chamadas Hipótese do Monitor e Hipótese do Filtro Afetivo, onde afirma que na primeira hipótese,

A habilidade em produzir sentenças em uma língua estrangeira é decorrente da competência adquirida. No entanto, o conhecimento, consciente das regras gramaticais (aprendizagem) tem uma (e única) função: atuar na produção de enunciados como um monitor, um corretor, modificando-os caso não estejam de acordo com as regras aprendidas. Ou seja, a produção criativa, surgida como decorrência do processo de aquisição, é corrigida e alterada com base no conhecimento consciente das regras da língua estrangeira em questão (CALLEGARI, 2006, p. 90).

O autor ainda se aprofunda quando menciona os efeitos que um procedimento metodológico que foque nos erros e em sua massiva correção – no caso de abordagens behavioristas -, o que é uma realidade nos cursos livres da Fisk e da Wizard.

De fato existem alunos que somente começam a produzir sentenças próprias (tanto orais quanto escritas) quando têm a absoluta certeza que elas estão completamente de acordo com as regras (gramaticais, fonéticas, ortográficas, morfossintáticas, etc.) que aprenderam. Esses aprendizes normalmente passam por um período de silêncio muito longo e têm muita dificuldade de se expor em atividades orais durante as aulas. Embora o período de silêncio afete todos os alunos, o foco excessivo na forma pode aumentar significativamente esse período em alguns alunos (CALLEGARI, 2006. p. 91).

²⁸ Um dos métodos do Movimento Comunicativo, sendo o sucessor do Método Ncional-Funcional, o segundo precursor da Era Pós-Método;

Na segunda hipótese, a Hipótese do Filtro Afetivo, Krashen é mais incisivo, pois aponta as questões emocionais do aluno, as quais podem interferir no seu processo de aprendizagem.

Em sua teoria, Krashen atribui aos fatores afetivos uma importância considerável uma vez que, para ele, esses fatores estão diretamente relacionados tanto ao processo de aquisição/aprendizagem de uma segunda língua quanto aos resultados obtidos ao longo e ao final do processo. A desmotivação do aprendiz, a alta ansiedade e a baixa autoconfiança são elementos que podem, segundo o pesquisador, dificultar a aquisição. Por outro lado, a aquisição será facilitada se houver condições psicológicas favoráveis (motivação, baixa ansiedade e autoconfiança elevada). (CALLEGARI, *ibid.* p.97).

Isso quer dizer, basicamente, que o aluno exposto aos métodos ministrados dentro dos Cursos Livres já citados, em uma posição de submissão e de condicionamento, onde são levados a aprender a repetir formas linguísticas – fonéticas ou sintáticas – de uma LE e não recebem nenhum estímulo quanto à sua autonomia, ficam suscetíveis às consequências em sua aprendizagem apresentadas acima, as quais interferem de forma direta em sua oralidade e comunicação, impedindo-os de se articularem socialmente dentro de contextos reais de fala e de entender a LE nos contextos mais simples que contem com algum nível de subjetividade que exija do ouvinte um esforço maior de compreensão e interpretação. Também dentro desse ambiente, os estudantes não são estimulados a pensar de forma reflexiva ou crítica sobre o seu papel dentro de uma sociedade quanto um falante dessa língua e sobre as razões individuais – que são inúmeras – de estar aprendendo-a. Também têm participação nula na tomada de decisões dentro da sala, não participando também – de forma consciente – de seu próprio processo de aprendizagem, afirmando essa posição de submissão.

De uma forma geral, o aluno, dentro da perspectiva da Linguística Aplicada, é considerado um agente ativo-interativo, o qual deve ser motivado ao desenvolvimento de sua autonomia para tomar decisões que dizem respeito ao seu processo de aprendizagem e também participar no acompanhamento deste, o que é totalmente contrastante com os cenários dentro dos cursos livres de idiomas, onde há uma pesada influência behaviorista em seu ensino – replicação do Método Áudio-Lingual e o ensino da LE através da repetição – na qual o aluno é visto como um

sujeito passível de condicionamento e não tem praticamente nenhuma autonomia dentro de sala e também não possui nenhum conhecimento acerca de seu processo de aprendizagem fora do contexto avaliativo.

3. Discussão e apresentação dos resultados

3.1 Como o mercantilismo presente nas dinâmicas pedagógicas dos Cursos Livres pode interferir na aprendizagem dos alunos

Os cursos livres de idiomas brasileiros Fisk e Wizard, como já mencionado no presente trabalho, são empresas que comercializam o ensino de línguas estrangeiras e funcionam à margem do sistema educacional. Essas instituições são regidas pelo sistema de *franchising*, um modelo de negócios que foca na expansão comercial de uma determinada marca através da concessão de direitos de uso pelo proprietário desta a um investidor. Sua regulamentação, portanto, é de responsabilidade da Associação Brasileira de Franchising – ABF, ou seja, do setor empresarial e não do educacional. Ambos os cursos, inclusive, escapam a qualquer controle e regulamentação por parte do Ministério da Educação – MEC. Dentro desse contexto, a língua estrangeira é um produto.

Diante dessa premissa, é um pouco óbvio que essas instituições, como empresas, sejam regidas pelo mercado e submetam-se às regras deste. Então, faz-se importante olhar sob a perspectiva de que a Fisk e a Wizard são empresas franqueadas que competem entre si para venderem os seus produtos, alcançarem o maior número possível de clientes e, é claro, pela expansão de suas unidades, o que pode nos apontar suas prioridades. O mercantilismo é o responsável pelo funcionamento da estrutura dessas instituições: administrativa e pedagógica. No administrativo, está presente nas relações coordenação-professor e no controle exercido por esta no trabalho do docente. Já no âmbito pedagógico, está presente nas dinâmicas pedagógicas coordenando-as e interferindo, de certo modo, na qualidade de seu produto, ou seja, na qualidade do ensino. É exatamente sobre como essa interferência mercantilista presente nas dinâmicas pedagógicas dos cursos livres pode afetar negativamente o processo de aprendizagem dos alunos que se pretende discutir no presente tópico.

Primeiramente, faz-se pertinente lembrar que as dinâmicas pedagógicas da Fisk e da Wizard são padronizadas: não há a presença de uma PPC, não há professores formados, há um *marketing* intenso para a divulgação da metodologia “exclusiva” do curso. E é dentro dessas características que está o fato da precarização do trabalho do professor nesse ambiente. Essa padronização nessas dinâmicas ocorre por interferência do mercado. Em nosso entendimento, é muito claro que a não presença de uma PPC, que deve ser preparada por uma equipe pedagógica especializada nesse campo e a preferência pela contratação de professores que não possuem uma formação acadêmica ocorre por uma única razão: o alto custo. Não é novidade que dentro de um contexto mercantilista, o lucro é uma das grandes prioridades – senão a máxima – e deve ser obtido de forma rápida. Dessa forma, os custos precisam ser mais baixos.

As metodologias adotadas por ambos os cursos também são um reflexo dessa interferência mercantilista: ambas remetem – como já exposto – aos métodos Áudio-Lingual e Gramática-Tradução pelo simples motivo de que nenhum dos dois, de fato, exige que o professor seja formado e nem proficiente na LE ensinada e que apresentem “resultados” de forma rápida. Ou seja, não têm um custo elevado. E isso é útil também na construção dos materiais, pois estes também custam pouco.

Em resumo, pode-se dizer que a Fisk e a Wizard, assim como todos os cursos livres de idiomas de iniciativa privada, como empresas têm uma marca para sustentar e um produto para vender. Dessa forma, submetem-se às regras do mercado, as quais organizam sua estrutura e interferem nas suas dinâmicas pedagógicas. Precisam atingir um número cada vez mais alto de seu público no intuito de atrair clientes e, por isso, investem pesadamente no campo do *marketing* e da publicidade, para que consigam o êxito mercantilista: o lucro e a expansão comercial.

Diante do cenário descrito acima, em nossa perspectiva – embasada pelos dados apresentados ao longo do trabalho no que diz respeito às dinâmicas pedagógicas dos cursos livres Fisk e Wizard -, dentro das instituições supracitadas há a seguinte situação: um investimento pesado na parte comercial – propaganda, estrutura, tecnologia, abertura de mais franquias, etc. – e uma negligência naquilo que é crucial: o ensino de línguas estrangeiras. E isso é preocupante: será que, de

fato, os cursos livres formam bons comunicadores nas línguas estrangeiras que ofertam? Será que os alunos não são prejudicados por esse mercantilismo? Essas serão as perguntas investigativas que buscaremos responder ao longo do presente subtópico.

Uma maneira de começar a discussão é relembrando o fato de que o Método Áudio-Lingual – presente tanto na Wizard como na Fisk – adotado por ambos os cursos reflete a sua perspectiva de língua: “um hábito condicionado que se adquiria através de um processo mecânico de estímulo e resposta” (LEFFA, 1988, p.215). Isso quer dizer, basicamente, que a aprendizagem de uma LE se dá através da repetição de estruturas fonéticas, gramaticais, morfológicas, etc. desta até a exaustão. Esse método, como já mencionado antes, tem por embasamento teórico o Behaviorismo, que acredita que o comportamento humano é passível de condicionamento. Além do mais, a utilização desse método também reflete o que a Fisk e a Wizard consideram como aprendizagem: a capacidade do aluno de memorizar, repetir e automatizar o que lhe fora ensinado. Isso, por sua vez, também mexe com a imagem do professor: aqui ele é visto como um condicionador.

Como uma estratégia de *marketing*, ambas as empresas utilizam em sua publicidade a relação entre o método mencionado acima com o desenvolvimento da Competência Comunicativa. Sempre mencionam também as quatro habilidades linguísticas – falar, ouvir, ler e interpretar o que ouve – e de como estas serão desenvolvidas de forma simultânea e rapidamente com o “método” exclusivo de seus cursos, o qual sempre é destacado como sendo o melhor, o mais eficiente, o mais original, etc., o que sempre chama bastante atenção devido ao contraste com o método que é utilizado.

Leffa (ibid. p.219) aponta, de uma forma incisiva, que

Os alunos que aprenderam pela abordagem audiolingual pareciam apresentar as mesmas falhas de aprendizes de métodos anteriores: No momento em que se defrontavam com falantes nativos, em situações reais de comunicação, pareciam esquecer tudo o que haviam aprendido na sala de aula.

Dessa forma, pode-se ter uma ideia do resultado do Método Áudio-Lingual dentro da comunicação. Somando-se a isso o que Krashen (1985) propõe em sua

Hipótese do Filtro Afetivo que os fatores emocionais – baixa autoconfiança e ansiedade - podem influenciar no processo de aquisição/aprendizagem do aluno, já é possível observar que os cursos livres não oferecem um ambiente favorável para o desenvolvimento da Competência Comunicativa dos alunos como costumam afirmar. No entanto, como os alunos aprendem a pronunciar a LE – muitas vezes – corretamente e repetir estruturas básicas, entende-se que ele, de fato, aprendeu. E o fato de aprender uma língua, na visão de leigos, está diretamente associado ao ato de se comunicar.

De acordo com o que fora exposto acima, já podemos apontar a primeira consequência dessa interferência mercantilista presente das dinâmicas pedagógicas da Fisk e da Wizard e o que ela afeta. Ainda que não tenha um levantamento de dados preciso por parte de algum órgão oficial, é possível observar que os alunos dessas podem não ser bons comunicadores na LE que aprendem pelo simples fato de que o método empregado leva a metodologias que os ensina a repetir as estruturas já prontas desta e a ter um conhecimento – apurado – da gramática, porém que não os conduz ao contexto real de fala, onde precisarão articular-se socialmente e entender a língua de uma forma mais subjetiva e onde mais possibilidades lhes serão apresentadas.

Fazendo uma relação com a Hipótese do Monitor (KRASHEN, 1985), nossa análise tem ainda mais respaldo, pois como o período de silêncio é causado pela excessiva correção dos erros, uma marca do Método Áudio-Lingual, ou seja, o Monitor, os alunos são propícios a desenvolverem mais insegurança e frustração e um discurso menos fluído. Ou seja, dentro desse contexto de correção excessiva no intuito de evitar os erros a qualquer custo, pois ninguém aprende nada com erros, de acordo com o Behaviorismo, os alunos são inibidos e não motivados a falarem por insegurança. E essa é uma situação que se opõe a uma abordagem comunicativa.

Por último, soma-se a isso o fato do baixo investimento em mão-de-obra qualificada, ou seja, professores não capacitados para o ensino de uma LE e nem mesmo para o exercício da docência. São profissionais treinados – é pertinente lembrar – para seguir a metodologia da instituição e repassar os conteúdos da forma como lhe são passados, sem espaços para improvisos. Além do fato de que são guiados pela intuição e não pelos meios científicos, sendo até mesmo incapazes de

reflexionar sobre o método que seguem e a real necessidade de seus alunos. Seu trabalho é condicionar, treinar. Em palavras mais claras: formar bons repetidores.

A interferência mercantilista nas dinâmicas pedagógicas dos cursos livres Fisk e Wizard também podem afetar o aluno no quesito da Oralidade, a qual pode ser definida como uma variação linguística que está mais ligada ao uso das formas mais informais de uma determinada língua – fazendo uma diferenciação entre língua escrita e língua falada -, e que está diretamente relacionada com a comunicação. É pelo domínio da Oralidade que um aluno de LE aprende a se articular socialmente, a selecionar o vocabulário adequado para cada tipo de situação comunicativa em um contexto real de fala e a também a se expressar de forma precisa na língua. Com um ambiente que não oferece nem mesmo professores que falam a língua da maneira esperada, além de não possuírem competência na área do ensino pelo fato não possuírem a formação acadêmica adequada, é estranho pensar que haverá algum estímulo para que os alunos desenvolvam sua oralidade na LE.

De um modo geral, pode-se observar o seguinte cenário: movidas pelo mercado e sua sede de lucro e mais empreendimentos, a Fisk e a Wizard investem pesadamente na área de *marketing* e publicidade com um discurso bastante persuasivo, onde se apresentam como as melhores na área que atuam, onde proporcionam o melhor ensino de LE a partir de um método próprio, etc., no intuito de conseguir clientes e expandir suas franquias, porém negligenciam a área que, de certa forma, dá qualidade ao seu produto, no caso a LE: a área de ensino. O investimento vai para toda e qualquer parte que possa ser atrativa, visualmente falando, para o público, mas não alcança a área pedagógica. Assim, metodologias consideradas ultrapassadas continuam sendo aplicadas pelo seu baixo custo, apresentando certos resultados para que a propaganda ganhe mais força. No entanto, fica o seguinte questionamento: e o aluno? Será que, de fato, este está tendo acesso a um ensino e uma aprendizagem de qualidade de uma língua estrangeira? Será que ele não está sendo prejudicado de alguma forma?

Ora, não é novidade que a propaganda das instituições de cursos livres é chamativa, pois também:

O que a maioria delas vende não é o curso propriamente dito, mas a ilusão de que existe um curso ideal para cada pessoa, o que produz no indivíduo

um efeito de segurança com relação à aprendizagem anunciada como um fator determinístico: basta apenas o aluno se matricular no curso escolhido por ele para que aprenda a língua, sem muito esforço e sem perder muito tempo. (LIMA, 2010, p.214)

No entanto, o aluno não sabe que não terá acesso a um professor formado ou a uma metodologia moderna que realmente seja voltada para o desenvolvimento de sua Competência Comunicativa. Dessa maneira, é pouco provável que seja um bom comunicador na LE que estuda dentro de contextos reais de fala: situações formais e informais. Faz-se importante mencionar também que não é possível afirmar com veemência questões como aprender ou não aprender, pois esse é um conceito muito amplo e depende também do ponto de vista da metodologia da instituição, além do mais, não há controle sobre os resultados que os cursos livres apresentam por parte do MEC.

No que diz respeito a algum prejuízo que o aluno venha a ter com a Fisk e a Wizard podemos apontar dois: o prejuízo em seu processo de aprendizagem e o prejuízo financeiro. Em nossa perspectiva, estão interligados. Os cursos não são baratos. Em média, o curso regular de inglês e espanhol na Fisk custa R\$345,00 (trezentos e quarenta e cinco reais) e a taxa de matrícula R\$100,00 (cem reais). Esse preço pode variar bastante – aumentando, é claro – à medida que o estudante adquira os materiais didáticos que precisa. Na Wizard, o curso custa R\$390,00 (trezentos e noventa reais) e a taxa de matrícula chega a custar R\$100 (cem reais). A situação do preço é semelhante à Fisk, pois pode aumentar de acordo com o material que o estudante tiver que usar. Esses valores – não incluindo a matrícula – são mensais e são referentes ao primeiro módulo dos cursos.

Dessa forma, o aluno estará exposto aos métodos já citados nesse trabalho, que são aplicados no ensino de línguas estrangeiras por essas instituições, dentro de um ambiente que não favorece a sua oralidade e nem a sua comunicação, além de não estimular a sua autonomia e sua reflexão sobre a língua que está aprendendo, e ainda precisará pagar um custo não muito acessível para grande parte das famílias brasileiras. E tudo isso para ter um diploma que será o seu diferencial para o mercado de trabalho. O resultado mais provável disso, é uma junção do que apontam Leffa (1988) e Krashen (1985): um aluno que tem uma baixa autoconfiança e mais propensão à frustração – consequências de um filtro afetivo

alto -, um discurso não muito fluído, que não consegue se articular em contextos sociolinguísticos e que também não consegue se comunicar com eficiência quando se depara com um nativo de língua estrangeira que estudou ou que estuda. Além do investimento investido, que não será ressarcido, causando uma grande frustração e prejudicando o aluno e sua família.

Em suma, nossa discussão buscou saber como o mercantilismo presente nas dinâmicas pedagógicas dos cursos livres de idiomas Fisk e Wizard, respondendo às perguntas investigativas: será que, de fato, os cursos livres formam bons comunicadores nas línguas estrangeiras que ofertam? Será que os alunos não são prejudicados por esse mercantilismo? Buscamos responder essas questões mostrando onde e de que forma o mercantilismo interfere nesses cursos e como isso pode afetar a qualidade do ensino oferecida por essas instituições, que pode ser basicamente resumida em: os cursos livres, como empresas, investem para a sustentação de sua marca e difusão desta, para a abertura de mais franquias e na divulgação de seu produto, porém negligenciando a parte pedagógica como a contratação de professores formados e a insistência em manter metodologias embasadas pelo Behaviorismo e que já demonstraram não apresentar bons resultados quando se trata do desenvolvimento da Competência Comunicativa dos alunos. Os alunos expostos a esse ambiente, além de não aprenderem, de fato, a falar a LE que estudam – no sentido amplo de comunicação –, pois aprendem apenas a repetir formas gramaticais e fonéticas, são prejudicados em seu processo de aprendizagem (filtro afetivo alto, falta de articulação social em contextos reais de fala) e também financeiramente, uma vez que o custo dos cursos são altos.

No subtópico seguinte, apresentaremos os resultados de nossa investigação e se buscará refletir acerca deles.

3.2 Resultados

Ao longo do presente trabalho, buscou-se analisar criticamente as dinâmicas pedagógicas de dois Cursos Livres de Idiomas mais tradicionais do mercado brasileiro, Fisk e Wizard, empresas que atuam no mercado de idiomas e comercializam cursos de Línguas Estrangeiras, as quais sofrem uma influência

indireta e/ou direta do mercantilismo. Durante a análise, foi mostrado como essas instituições, que são empresas franqueadas funcionam: são instituições que não possuem PPC, não há a obrigatoriedade da contratação de professores formados – e de fato a presença desses profissionais é escassa -, suas metodologias não são métodos exclusivos, mas remetem a dois métodos de ensino, o Método Clássico e o Áudio-Lingual; os materiais didáticos analisados são incoerentes com a proposta pedagógica do curso, que é desenvolver a Competência Comunicativa do aluno. Essas características formam as dinâmicas pedagógicas da Fisk e da Wizard, que é padronizada. Em nosso entendimento, o mercantilismo é responsável por essa padronização pelo baixo custo. A partir daí, o objetivo dessas empresas é evidentemente comercial.

De um modo geral, é possível afirmar que essas duas instituições estão atendendo bem aos interesses do mercado, que é a geração de lucro, a expansão comercial de sua marca e o atendimento a uma grande demanda de clientes. Para que isso ocorra, é importante que a Fisk e a Wizard atraiam a atenção do público e, como antes, mencionado, como a língua estrangeira não é um bem palpável, o *marketing* e a publicidade precisam estar presentes em tudo – inclusive em seus materiais didáticos que são muito coloridos (livros didáticos) e muito tecnológicos (canetas tradutoras e outros materiais áudio-linguísticos) – e, por essa razão, recebem grande parte do investimento financeiro. As estratégias marqueteiras e publicitárias são massivas e contêm um discurso persuasivo que se utiliza de termos que remetem ao Pós-Método, mas que não tem nada a ver com as ideias desse princípio pedagógico moderno, que domina o campo do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Porém, quando se trata de atender aos interesses dos alunos no que diz respeito à área pedagógica, ambas as instituições deixam a desejar, algo que enxergamos também como uma interferência mercantilista. A área pedagógica é negligenciada e, no setor administrativo, aparecem indícios, como aponta Freitas (2010), de replicação de padrões tayloristas como o controle da produtividade e da conduta do professor e a precarização do trabalho deste, assim como a existência de manuais do professor e dos treinamentos para que este siga o método que é proposto pelo curso sem espaços para improvisação, os quais são destinados aos docentes na tentativa de substituir a formação acadêmica. Além do mais, fica

evidente também que – no caso da Fisk e da Wizard – essas instituições demonstram que não possuem um conhecimento adequado do que seria um método científico de ensino de línguas estrangeiras, pelo que não explicam suas abordagens ou referenciais teóricos, mas dizem que criaram um método próprio.

Um ponto que merece ser destacado, o qual chamou bastante atenção, é o fato de que os materiais didáticos dessas instituições são de autoria própria e não possuem nenhum referencial teórico-acadêmico, um sinal claro de que não se submete a nenhuma autoridade, mas se coloca como a própria. O discurso – que simula o discurso acadêmico - encontrado em seus materiais também é bastante incisivo colocando-se como o meio de se alcançar determinada competência na língua estrangeira ou algum nível mais alto. Esses livros didáticos, apesar de se encaixarem nos critérios do Marco Comum Europeu, os quais definem o desenvolvimento da Competência Gramatical como objetivo desse material, porém não se encaixam no critério definido pelo presente trabalho que é a coerência do material com a os objetivos propostos pelos cursos: enquanto que em um prioriza a Competência Comunicativa, o outro reflete métodos gramaticais e de repetição e automatização de estruturas linguísticas e gramaticais.

A segunda questão investigativa que norteou a pesquisa foi como as interferências mercantilistas presentes nas dinâmicas pedagógicas dos cursos livres de idiomas podem afetar direta e/ou indiretamente a qualidade do ensino de línguas no aspecto oral e comunicativo. Em nossa análise, percebemos que o mercado afeta o ensino de duas maneiras: indireta e diretamente.

A maneira indireta é a influência deste no funcionamento estrutural da instituição, onde há a replicação dos modelos industriais tayloristas no funcionamento e também na parte pedagógica, onde há a preferência por métodos de ensino de LE que não exigem altos custos, uma vez que não exigem professores formados ou realmente proficientes na língua. Então, dentro desse contexto, há a degradação do ambiente de trabalho docente e a presença da mão-de-obra barata. A maneira direta é na área pedagógica: o pesado investimento no *marketing* para conseguir mais clientes e a aplicação dos métodos de ensino já mencionados porque demonstram “resultados” mais rápidos, mas que, no entanto, não formam

bons comunicadores da LE ensinada apenas alunos que sabem repetir estruturas e não são estimulados a ter autonomia.

A influência direta do mercantilismo nas dinâmicas pedagógicas, em nossa perspectiva, a qual fora construída com base nos autores citados ao longo do trabalho: Freitas (2010), Krashen (1985, apud. CALLEGARI, 2006), Kumaravadivelu (1994) e Prabhu (2001), afeta a qualidade de ensino oferecida pela Fisk e pela Wizard por conta da influência behaviorista de suas metodologias, as quais contrastam com o que a Linguística Aplicada diz sobre a figura do professor e do aluno e também sobre a língua. Enquanto que nessa última, o professor é visto como um orientador, um facilitador da aprendizagem e deve estimular a autonomia de seus alunos para que estes sejam capazes de refletir sobre o uso da língua e também sejam conscientes de seu próprio processo de aprendizagem, dentro de um contexto behaviorista, é visto como um aplicador de algo que já existe e não pode fugir disso, cujo trabalho é ensinar o aluno através de repetições. No Método Áudio-Lingual

“A premissa era de que se aprendia uma língua pela prática, não através de explicitações ou explicações de regras. Perguntas por parte dos alunos eram desencorajadas. A gramática era ensinada através da analogia indutiva” (LEFFA, 1988, p. 217).

Dessa forma é possível observar que não há interação professor-aluno. O aluno é uma figura passiva, prejudicando sua oralidade e, por conseguinte, a sua Competência Comunicativa. Além do mais, o aluno não tem acesso a um professor experiente e realmente formado para o exercício da docência, sendo expostos a profissionais que, muitas vezes, não entendem o processo de ensino-aprendizagem e nem mesmo é proficiente na língua estrangeira que ensina. Soma-se a isso o fato de que os alunos estão propícios a enfrentarem as falhas – já cientificamente comprovadas – de uma abordagem behaviorista: não se comunicar ao se deparar com falantes nativos, não saber utilizar a língua em contextos informais ou onde haja uma utilização maior de termos abstratos e nem estejam preparados para lidar com respostas diferentes das que aprenderam em sala de aula, tal como acontecia com os soldados americanos que utilizavam esse método. E com um método que tem empenho em evitar erros a qualquer custo, podem desenvolver um filtro afetivo alto, que gera insegurança, baixa autoconfiança, ansiedade e desmotivação,

prejudicando, obviamente, a sua capacidade de articulação social na língua estrangeira, além de se exporem ao período de silêncio prolongado causado pelo uso excessivo do Monitor, ou seja, a autocorreção excessiva.

De uma forma geral, o mercantilismo é capaz de afetar negativamente o ensino de línguas estrangeiras dentro da Fisk e da Wizard, pois como empresas a preocupação maior é a divulgação do produto, da marca e a expansão comercial no intuito de gerar cada vez mais lucros. A prioridade é comercial e não educacional. A parte pedagógica é negligenciada e os alunos não são ensinados a se comunicar efetivamente na língua. Podem aprender a pronunciar, mas não se articulam socialmente em contextos reais de fala. Professores ficam presos às prescrições do método e não conseguem uma interação com seus alunos, não conseguem incentivá-los a se comunicar, etc. Os alunos ficam presos às extensas e exaustivas repetições – ainda que tenham acesso a um material de qualidade no sentido estético e tecnológico – dentro de sala e são colocados em posição de submissão. E somam-se a isso as altas somas de dinheiro que precisam pagar pelo serviço, sendo muitas vezes prejudicados financeiramente também.

Por último, um fato importante a ser lembrado é que a Fisk e a Wizard possuem muitos prêmios e algumas certificações internacionais de línguas estrangeiras, porém, nenhum desses está relacionado com resultados de proficiência e sim com o ramo empresarial. A Fisk possui, atualmente, de acordo com o *site* oficial da empresa, quarenta e nove premiações obtidas entre o ano de 2003 e 2020. Todas elas alternam entre: Selo de excelência em Franchising – Associação Brasileira de Franchising – ABF e outros títulos empresariais como Pequenas Empresas & Grandes Negócios, Personalidade do *Franchising* Brasileiro e Melhor Franquia do Brasil. Há um único prêmio relacionado à educação, que é o Prêmio Quality Brasil, porém esse também é um prêmio empresarial e não tem a ver com o sistema educativo regular. Já a Wizard possui três premiações obtidas entre o ano de 2018 e 2020 e todas é o prêmio ABF de Excelência de *Franchising*. O cenário apresentado mostra claramente a prioridade de ambas as instituições e, em nosso entendimento, não é o ensino.

Diante dos resultados apresentados, faz-se importante refletir sobre a atuação dos cursos livres de idiomas – incluindo os escolhidos para a análise – no

território brasileiro: estão, de fato, atendendo aos interesses de quem? Do mercado ou da educação? Infelizmente, essa discussão é um campo quase inexplorado academicamente.

4. Considerações finais

A Fisk e a Wizard são duas das empresas privadas de cursos livres mais tradicionais do país no que diz respeito ao mercado de idiomas. Possuem uma rede de franquias grande e sólida, as quais estão distribuídas por praticamente todo o país, recebendo muitos prêmios dentro do modelo de negócios *franchising*, os quais são concedidos pela própria ABF – Associação Brasileira de Franchising e funcionam à margem do sistema educativo, portanto, não se submetem a nenhuma medida reguladora por parte do Ministério da Educação. O presente trabalho focou em analisar criticamente o funcionamento dessas instituições sob o ponto de vista mercantilista a fim de identificar a interferência do mercado em suas dinâmicas pedagógicas e como esta pode interferir na qualidade do ensino de línguas estrangeiras e na formação de seus alunos.

Em nossa pesquisa, entendemos que sendo empresas, ambas as instituições buscam a divulgação de seu produto para alcançar o maior número de clientes e, para isso, investem pesadamente em todas as áreas relacionadas ao comércio: estrutura, materiais didáticos estéticos e tecnológicos e principalmente na área de *marketing* e publicidade, as quais se refletem também em seus materiais. O discurso publicitário dessas marcas é bastante persuasivo, no claro intuito de atrair clientes, e sempre chama a atenção para a exclusividade do método de ensino do curso, colocando a instituição como a melhor do mercado. Em resumo, essas empresas se movem por puro objetivo comercial: divulgação e venda do produto, expansão comercial de suas franquias e o lucro.

Por outra parte, além do foco comercial característicos desses cursos, é evidente a negligência em relação ao âmbito didático, o qual sofre uma forte interferência mercantilista em suas dinâmicas pedagógicas, que afeta de forma direta e indireta a qualidade do ensino e da aprendizagem oferecida. Essa interferência ocorre de duas maneiras:

1. Indireta: funcionamento estrutural da instituição, o qual apresenta semelhanças com o funcionamento de uma fábrica taylorista (Freitas, 2010). Dentro desse contexto, o professor está para seguir manuais de prescrição de caráter pedagógico ou não, apresentar resultados rápidos e submeter-se ao controle de sua atividade, com preferência por métodos de ensino influenciados pelo Behaviorismo.
2. Diretamente: alto investimento no *marketing* e na publicidade para atrair a clientela, o que leva a aplicação do Método Áudio-Lingual - no caso da Wizard - que pode vir acompanhado pelo Método Clássico - Fisk -, uma vez que estes demonstram “resultados” mais rápidos e dentro de pouco tempo.

Essa interferência mercantilista é a responsável, em nosso entendimento, pelas condições de trabalho degradantes enfrentadas pelos professores que atuam dentro dessas instituições, além de, obviamente, ser responsável pelas principais características desses cursos: mão-de-obra barata (professores sem formação), materiais didáticos que simulam o discurso acadêmico e que contém um alto teor prescritivo, ausência de uma Proposta Pedagógica Curricular – PPC, substituindo-a pela própria metodologia. E tudo isso com um objetivo claro: produzir resultados o mais rápido possível e com um baixo custo, atrair o máximo de clientes possível e expandir-se como empresas, ostentando a marca comercial.

De outro modo, devido à ausência de uma PPC, é pertinente recordar que Método Áudio-Lingual acaba se tornando o próprio princípio pedagógico dos cursos da Fisk e da Wizard, o que influencia, inclusive, no seu conceito de língua, que, aqui, é vista como um conjunto de hábitos a serem aprendidos e automatizados através de incansáveis repetições, sendo bastante útil e alinhado para uma proposta comercial de captação de clientes, pois, além do baixo custo, este método se alinha com o objetivo mercantilista de produzir resultados em pouco tempo. Isso também demonstra o que a instituição entende como o processo de aprendizagem: a capacidade do aluno de repetir o que ouve dentro da sala de aula. Os materiais didáticos de nossa análise demonstram claramente essa visão – principalmente o livro de exercícios da Wizard, o W1 – com seus exercícios gramaticais focados na forma e repetição.

As dinâmicas pedagógicas da Fisk e da Wizard frente à Linguística Aplicada demonstram um cenário contrastante com esse campo da Linguística, pois

influenciadas pelo Behaviorismo, enxergam as figuras do professor e do aluno de forma totalmente diferente, definindo também suas atuações dentro de sala de aula. Nas duas escolas, o professor é visto como detentor do conhecimento e condicionador; sua tarefa **se limita** a aplicar dentro da sala um método já pensado por uma pessoa que ocupa um lugar mais alto na hierarquia e sua função é ensinar os alunos a pronunciarem corretamente o idioma e evitar a qualquer custo os erros. Já no ponto de vista da LA, o docente é visto como um orientador, cuja função é fazer não só com que seus alunos aprendam, mas que reflexionem sobre o próprio processo de aprendizagem, além de ser o teorizador e o próprio aplicador de sua própria teoria. O aluno é visto, pela perspectiva behaviorista, como uma figura submissa e passiva ao ensino, enquanto que na LA é visto como um agente ativo-interativo cuja autonomia deve ser estimulada. Fazendo uma relação com a análise de materiais, é possível ver que é o Método Áudio-Lingual que predomina e que a proposta pedagógica do curso livre – que fala sobre o desenvolvimento da Competência Comunicativa do aluno – é incoerente com os exercícios apresentados nesses materiais. Isso por si só demonstra que essas instituições sabem pouco – ou nada – sobre o que seria, de fato, um método científico de ensino de línguas estrangeiras e sobre o próprio processo de ensino em si.

Com a análise de materiais, para além da metodologia empregada pelos cursos livres, buscamos compreender como funciona a influência direta do mercantilismo: o *marketing* e a publicidade, que caracterizam o caráter prescritivo desses materiais, o qual busca uma adesão do leitor através de um simulacro de discurso acadêmico e também da ausência de uma menção a qualquer autoridade do próprio meio acadêmico, sendo a própria instituição a própria autoridade. O discurso publicitário se utiliza dessa estratégia para atribuir empirismo e autenticidade em busca da adesão do leitor, no caso, de potenciais clientes. Isso demonstra claramente que há essa necessidade de atender a uma grande demanda, isto é, um objetivo mercantilista. A estética desses livros também é utilizada para chamar a atenção, pois se tratam de materiais –, na maioria das vezes, – demasiado coloridos e chamativos.

, focamos no objetivo específico desse trabalho, o qual, além de expor essa influência mercantilista dentro das dinâmicas pedagógicas dos cursos livres brasileiros Fisk e Wizard, investigar e expor criticamente como estas podem afetar

direta e/ou indiretamente a aprendizagem dos alunos. Descobriu-se, como já mencionado, que os ditames do mercado afetam o processo de ensino e aprendizagem discente tanto de forma direta como indiretamente, com foco evidente na maneira direta.

Diretamente, pela exposição do aluno a um método basicamente behaviorista, onde a aprendizagem se resume a repetições de estruturas linguísticas prontas e engessadas e onde não se aprende com os próprios erros, pois, de acordo com essa visão, o indivíduo os aprenderia (LEFFA, 1988), a Competência Comunicativa é prejudicada, uma vez que o aluno não é estimulado a se articular socialmente e a utilizar a língua estrangeira de forma eficiente, entendendo e se fazendo entender em contextos reais de fala, nos quais se exige um conhecimento sobre conceitos abstratos e ainda mais informais.

Exposto a um método onde o erro é visto como algo extremamente negativo, o aluno também é exposto aos mesmos resultados, que podem ser definidos basicamente por, um filtro afetivo alto, gerando assim ansiedade, baixa autoconfiança, desmotivação, etc., a um uso excessivo da autocorreção, o que impede um discurso menos fluído e limitado (KRASHEN, 1985 apud. CALLEGARI, 2006) e também as falhas comunicativas de não conseguir se comunicar com um nativo da LE ao se deparar com este, esquecendo tudo o que aprendera dentro da sala (LEFFA, 1988). Além do mais, não participa do próprio processo de aprendizagem e tem sua autonomia limitada. Por consequência – obviamente -, o estudante é posto em situação complicada e quase impossível de ser um bom comunicador na língua estrangeira que está aprendendo.

Soma-se a isso o fato de que, dentro da Fisk e da Wizard, o aluno não terá acesso a um profissional realmente capacitado para a docência, mas que é treinado para seguir os manuais da instituição, os quais têm por objetivo substituir a formação acadêmica, o que dificulta o entendimento sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Na maioria das vezes, esse docente não é proficiente na língua ou pode ser um nativo sem nenhuma noção didática, que não entende formalmente os aspectos da língua que ensina – podendo ser até mesmo um ex-aluno da instituição – e isso logo coloca em cheque a sua formação: será que o estudante tem, de fato, acesso a uma metodologia de ensino capaz de torna-lo um

bom comunicador? Ou essa metodologia o torna um repetidor? Então, dentro de nossa análise, pode-se apontar também um prejuízo financeiro ao aluno, uma vez que os cursos não são baratos e este precisa desembolsar cada vez mais dinheiro para ter acesso aos materiais didáticos, porém não tem acesso a um ensino realmente voltado para suas necessidades, as quais podem perpassar os objetivos profissionais.

De uma forma geral, é importante refletir sobre esse desequilíbrio de investimentos dentro das instituições de cursos livres brasileiros nas áreas comerciais e pedagógicas, a qual se reflete no trabalho do professor e principalmente na formação do aluno. Além, é claro, de se refletir a importância de uma equipe pedagógica competente, com um bom conhecimento sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma LE e as relações entre professor e aluno e que entenda a importância da autonomia do docente dentro da sala de aula.

Esse trabalho não está para demonizar as instituições no intuito de desmerecer sua tradição e suas conquistas e expansões, mas trazer o leitor às reflexões sobre questões importantes como a notável diferença que faz poder contar com um profissional com uma formação efetiva, com a presença de um professor preparado e formado na LE que se propõe a ensinar, que conduza suas aulas de acordo com sua experiência e criatividade, propondo sempre novos caminhos e novos estilos de aprendizagem dentro de sua sala de aula. Isso implica também um ambiente laboral equilibrado, que não prenda o docente às prescrições e a controles de conduta pedagógica ou não que inibam sua criatividade, seus procedimentos didáticos e, acima de tudo, a sua interação com os seus alunos.

Do mesmo modo, é fundamental trazer discussões acerca da importância de um ensino bilíngue associado e regulamentado com os órgãos de educação regulares, pois de uma forma ou de outra, faz com que as políticas linguísticas estejam voltadas a pensar no real propósito da LE. O papel do aluno também passa por essa reflexão, para que o seu contexto sociolinguístico e sociocultural seja considerado como fator importante em seu processo de aprendizagem, que sua formação dentro da língua vá mais além do que aspectos formais.

Outrossim, é preciso pensar sobre os efeitos de metodologias com um alto teor behaviorista sendo replicado nessas instituições – tanto na Wizard

(Programação Neurolinguística – PNL) quanto na Fisk, que não explicita o nome – quando se dispõe de outras opções mais modernas atreladas ao princípio pedagógico que predomina no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras atualmente: o Pós-Método, o qual nos brinda uma nova visão sobre a língua, sobre o professor, sobre o aluno, sobre o processo de ensino em si, etc., e que tem apresentado resultados satisfatórios: o *Immersion Instruction*²⁹ no Canadá, que propõe uma imersão quase que contínua aos contextos reais de fala dos alunos, e o AICLE³⁰, que defende que os alunos aprendam também outros conteúdos, por exemplo, as matérias da escola na LE, na Europa.

Diante de todo o exposto, deixamos aqui o nosso questionamento e última reflexão sobre se vale a pena continuar investindo nesse modelo comercial, que apresenta “resultados” rápidos, mas que não beneficiam o aluno em longo prazo.

5. Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. **Parâmetros atuais para o ensino de Português Língua Estrangeira**. Campinas: 1997.

ANTHONY, E. M. **Approach, Method and Technique**. *ELT Journal*, 17(2), 1963.

ARAÚJO, Gisvaldo. **A Era Pós-Método: O professor como um intelectual**. Coral UFMS _____. Disponível em: < http://coral.ufsm.br/lec/02_04/Gisvaldo.htm/>. Acesso em: 22 de setembro de 2022.

AYLLÓN PINO, B. *Las relaciones entre Brasil y España ponderadas desde la perspectiva de la política exterior brasileña (1979-2000)*. Madrid, 2004.

BISSACO, Cristiane. **Pós Método: o importante papel da reflexão do professor nas escolhas em sala de aula**. In: *Travessias*, v.18, n.1, 2015. P.2010-223.

CALLEGARI, Marília. **Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen: uma ponte entre a teoria e a prática em sala de aula**. Campinas: 2006.

CARVALHO, Juliana. **Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa: a oralidade em sala de aula**. 2010. Disponível em:

²⁹ Programa de Imersão na Língua Estrangeira, que surgiu no Canadá por volta dos anos 1960, o qual era voltado para os alunos que não falavam o francês;

³⁰ Aprendizagem Integrada de Conteúdos que se baseia diretamente no Marco Comum Europeu;

<<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/18/linguiacutestica-aplicada-ao-ensino-de-liacutengua-portuguesa-a-oralidade-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

CESTARO, Selma Martins. **O ensino de Língua Estrangeira: história e metodologia**. São Paulo: USP, _____.

CORBETT, J. **Competência Comunicativa**. In: *Keys Concepts in Intercultural Dialogue*, n.9, 2016.

FREITAS, Luciana. **Da fábrica a sala de aula: vozes e práticas tayloristas no trabalho do professor de espanhol em cursos de línguas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

KUMARAVADIVELU, B. **The Postmethod Condition: (E)merging Strategies for Second-Foreign Language Teaching**. In: *TESOL Quartely* v. 28, p. 27-48, 1994.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: UFSC, 1988. p.211-236.

LIMA, S. **O discurso publicitário e as metáforas das propagandas de cursos de línguas incorporados na fala do aluno ingressante no Curso de Licenciatura em Letras**. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 13, n. 1, p. 205-224, 2010.

Marco Común Europeo de Referencias para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación. Cervantes, 2002. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/marco/cvc_mer.pdf>. Acesso em: 18 de agosto, 2022.

OLIVEIRA, Luciano. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. São Paulo: Parábola, 2014.

PAIVA, Vera Lúcia. **Como se aprende uma língua estrangeira?** 2005. Disponível em: <<https://veramenezes.com/como.htm>>. Acesso em: 29 de julho de 2022.

PNL – Programação Neurolinguística. Wizard News, 2012. Disponível em: <https://wiznovidades.blogspot.com/2012/01/pnl-programacao-neurolinguistica.html>>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

PRABU, N. **There is not Best method: Why?** In: *TESOL Quartely* v.24, n.2, 1990.

_____. **Ideação e ideologia na pedagogia das línguas**. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 38, p. 59-67, 2001.

RICHARDS, J. **The Language Teaching Matrix**. Nova York: Cambridge University Press, 1995.

RICHARDS, JC. & RODGERS, T. **Abordagens e métodos no ensino de línguas**. Nova York: Cambridge University Press, 2001.

REDONDO, Diego Moreno. **O mito do método ideal**. In: *Odisseia*, Natal, RN, n.13, p.76-90, 2014.

RUSCHEL, Dario. **O que é franchising? Conheça o modelo de negócio por trás de franquias de sucesso.** Central do franqueado. Disponível em: <<http://centraldofranqueado.com.br/franchising/o-que-e-franchising/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

TABOSA, Gabriella. **O uso da Programação Neurolinguística (PNL) para fortalecer relacionamento cliente-empresa no setor comerciário.** Amapá: UNIFAP,_____.

UNIFAP. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC).**_____. Disponível em: <<https://www2.unifap/relações internacionais/sobre-o-curso/ppc/>>. Acesso em: 06 de setembro de 2022.

VILAÇA, Márcio Luiz. **Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras:** fundamentos, críticas e ecletismo. In: Revista eletrônica do Instituto de humanidades, n.26, p.73-88, 2008.

WIZARD BY PEARSON. **Metodologia de inglês:** por que ela é importante para você aprender? Wizard. Disponível em: <<http://wizard.com.br/idiomas/metodologia-de-ingles-por-que-ela-e-importante-para-voce-aprender/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2022.

WIZARD. Wizard by Pearson: Wizard idiomas, 2022. Página Inicial Disponível em: <<https://wizard.com.br>>. Acesso em: 30 de julho de 2022.